O Abutre

E OUTRAS ESTÓRIAS

EDUARDO CAMPOS

O Abutre

E OUTRAS ESTÓRIAS

Fortaleza
1968

Ao Grupo Clã, a que tenho procurado servir,
com admiração e fidelidade, desde abril de 1943.

SUMÁRIO

EDUARDO CAMPOS, CONTISTA –
BRAGA MONTENEGRO 11
O ABUTRE 31
O CASAMENTO 39
CÉU LIMPO 47
ELA ERA SEU LAR 55
A ROSEIRA..... 63
NO MORRO DO MOINHO MORRE UM MENINO .. 71
MARRU 79
A VIAGEM DEFINITIVA 87
O TOCADOR DE BOMBO 97
MENINO DE RECADO 107
A VENDA DAS MANGAS 119
O EPISÓDIO 131
COMO UM GATO SEM GATA 139

Eduardo Campos, contista

O conto como forma de ficção autônoma, dadas as tendências que o caracterizam em sua significação moderna, pode sugerir certos sintomas de decadência estejam a lhe afetar as normas estruturais prepícuas. Consideram-se aqui as experimentações de ordem formal a que o conto vem sendo submetido, com maior ou menor proveito, por alguns autores, em cujo procedimento fica subentendida a intenção de afastar o gênero de seu fundamento tradicional, de sua definição etimológica aceita, de seu caráter específico.

De qualquer sorte, considerado o problema do ângulo de uma modernidade inquietante, não mais será possível buscá-lo em suas linhas próprias gerais, visto que sua evolução se processa, já agora, num ritmo algo insólito e os modelos de ontem não terão mais sentido em confronto com os que hoje se fazem, as experiências de agora não se refletirão decerto na produção de amanhã.

Essa atitude nada teria de alarmante se fosse apenas o sinal de uma evolução necessária e conseqüente, em que se pretendesse equacinar o problema em todos os seus dados evolutivos, em sua organicidade genérica.

Mas não. Do que é possível inferir, há nisto uma tácita rejeição ao elemento com a qual o conto se identifica em

suas linhas fundamentais, e toda modificação se propõe no sentido da forma; da forma não como criação literária, de estilo e de método, mas da forma como finalidade. Antes de tudo, quer-se o conto sem enredo, sem anedota, sem apoio na realidade vivencial; em seguida, nega-se-lhe a liberdade dimensional, a identificação com a vida. Uma peça de ficção curta há de ser necessariamente curta, curtíssima até, sem nenhum sinal de vida objetiva, sem relação alguma com o passado, completamente isenta de valores tradicionais, sequer o tom narrativo, o diálogo, a personagem, o tempo, o ambiente.

Ao lado porém dessa atitude algo facciosa e, por vezes, denunciadora de um comportamento anárquico na consideração dos postulados estéticos, teremos de louvar o que isto representa de esforço para substituir, na fatura da obra de ficção, o material obsoleto com que um realismo de objetividades gastas se constitui, ainda agora, na ampla medida das veleidades literárias.

O problema, entretanto, é por demais complexo e cada vez mais se tornam obscuras, nesse campo, as fronteiras entre a originalidade criadora e a contrafação. É certo que o tempo se encarregará de fazer a distinção entre o autêntico e o mendaz, e mais adiante os fatos de hoje, submetidos a esse critério seletivo espontâneo, serão afinal avaliados em suas necessárias virtudes e deficiências.

No que nos toca mais de perto, é lícito o receio de que o conto seja submetido a um completo descompasso formal, dada a versatilidade de nossa índole realizadora. E então não haverá mais fronteiras definidas entre o conto, propriamente dito, a crônica e o denominado poema em prosa, que tudo passará a ser um voluntarioso exercício de linguagem sem adjunção precisa. O conto, aqui entendido em seu significado moderno, que não exclui o estatu-

to formal típico e pode ser definido como uma concepção elíptica da experiência cotidiana – ou pela recriação metafórica da realidade, ou pela refração da fantasia em atributos estilísticos.

Estas meditações de ordem crítica não pretendem omitir os métodos de vanguarda no processo de renovação do gênero, muito menos há nelas qualquer propósito de condenar esses métodos; todavia, é necessário considerar as tendências atuais de nossa atividade literária, as imperfeições a que estamos sujeitos por vezo de origem. Nossas disciplinas estéticas nos vêm quase todas de empréstimo, e por força de uma sensibilidade muito afeita na assimilação de novidades alheias, nem sempre dispomos de bastante independência para rejeitar as influências descaracterizadoras.

Essa atitude gera, como é natural, certos preconceitos que acabam por desvincular a obra literária da realidade como conteúdo, elemento este que, segundo Lukács[1], amplia a capacidade receptiva do novo; o novo, neste caso, sendo a conseqüência das observações e ordenações da vida cotidiana na consciência dos fatos e das relações entre os fatos. E assim como o acontecimento não se manifesta sem causa, sem motivação anterior, da mesma sorte a linguagem que o reveste não se pode desatar de condições preexistentes que lhe dão sentido e aparência.

O conto atual, é óbvio, não pode repetir o conto do passado, mas é necessário que o conto atual redigido por Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Osman Lins, Moreira Campos, Guido Wilmar Sassi, Caio Porfírio Carneiro, João Antônio, Samuel Rawet e outros possa justi-

[1] Georg Lukács. *Estética* – I, La Peculiaridad de lo Estético – 2. Problemas de la mímesis (trad. de Manuel Sacristán). Barcelona – México: Ediciones Grijalbo S.A., 1966.

ficar o que foi feito por Machado de Assis, Adelino Magalhães, Ribeiro Couto, Aníbal Machado, etc. De modo nenhum a forma em que esses contistas se engrandeceram é coisa perecida; ao contrário, o que se verifica é que os padrões por eles utilizados são ainda válidos e atuantes numa escala de prosperidade muito fecunda.

Observa-se, sem dúvida, um atrativo muito forte com respeito à maneira de narrar, em si, o que, de certo modo, é muito mais importante que a matéria narrada. Por aí é onde o artista se manifesta e se impõe, mas não há apenas um sentido pelo qual é possível narrar. Se assim fosse, uma simples receita resolveria o problema. De outro modo, as dimensões formais de um conto, a sua natureza interna, os seus preceitos de elaboração não são necessariamente materiais comuns a todos os contos. Há neste ponto uma variedade magnífica, uma forte mutabilidade de intuitos e efetuações.

Numa antologia recente, organizada nos Estados Unidos da América por Richard Kostelanetz,[2] reúnem-se doze contistas, todos modernos mas cada um com seu feitio próprio, com sua direção estética pessoal. Deste modo, Donald Barthelme está ali representado com o conto *To London and Rome*, uma parábola sentimental graficamente redigida em duas seções paralelas: há o texto, propriamente dito e, à sua margem, em confrontação arbitrária, notas breves demarcadoras do tempo interno da narrativa e de outros componentes figurativos do tema. Bernard Malamud se faz representar com *Naked Nude*, um episódio entre pintores, magnificamente engendrado à sua maneira própria, num ritmo algo lento, os fatos e as personagens a se revelarem em sua inteireza vital, como

[2] *Twelve from the sixties*. Stories selected and introduced by Richard Kostelanetz. New York: Dell Publishing Co. Inc., 1967.

que por acaso – dando muita vez a impressão de que escaparam à vigilância do autor em os conservar obscuros. Por sua vez, Saul Bellow, que não poderia faltar à convocação, graças à excepcional representatividade de seu nome, está presente na dúzia dos *most provocative and significant writers* da referida década, com *Sono and Moso*, tudo no seu realismo mitigado, no seu humor dilacerante, na sua técnica de sondagem nos mistérios insuspeitados das coisas mais simples.

Como se vê dos exemplos citados, estão reunidos, num só continente de espaço e atualidade, tendências as mais diversas, técnicas variadas, propósitos de elaboração que não são apenas divergentes entre os três nomes referidos, mas se distinguem profundamente em cada um dos doze autores selecionados.

Neste procedimento todos os meios – limitados ao número e aos requisitos morfológicos em que a matéria se define – que poderiam significar uma experiência de renovação da estrutura do conto foram utilizados. Mas sem desfigurar sua forma caracterizadora. De certo modo, a dicotomia forma e idéia não constitui problema de elaboração para esses contistas, pois, segundo deixam perceber, não se querem divorciar do momento e da sociedade aos quais estão ligados por contingências históricas e sentimentais e, ao mesmo passo, não desdenham a oportunidade de criar para uma idade minada de inquietação, lúcida, rebelde, e por demais enfastiada de quase tudo o que, neste particular, foi feito, dito ou descoberto.

Insinua-se ademais no assunto uma lição a ser aproveitada: o contista de mérito utiliza-se, na realização da obra, de todos os elementos de invenção que lhe sejam oferecidos, sem excluir fundamentalmente o tema, o plot, aberto ou dissimulado. Contudo, o maravilhoso, o psicoló-

gico, o regionalista, o pitoresco, o exótico, o humorístico, o fantástico, o costumbrista, o alegórico não são proficuamente experimentados senão quando submetidos ao condimento de uma dominante poética que é a própria aventura individual do artista. Por outras palavras: o tema, sob qualquer matiz ou pretexto, espécie ou substância, por que se apresente, há de significar necessariamente uma circunstância motivadora, nunca uma finalidade em si, que neste ponto operam os atributos criadores, os dons do estilo.

Por outro lado, há, já agora, uma distinção a ser observada entre história e estória, compreendida esta em sua conotação imaginativa de acontecimento criado, em oposição ao efetivamente acontecido, isto é, às ocorrências de sentido heróico ligadas à vida dos povos. Guimarães Rosa, em um de seus quatro prefácios escritos para Tutaméia, estabelece admiravelmente a distinção no seguinte trecho: "A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota." E define a anedota como lhe parece ela seja: "Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrado, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência."[3] Neste último parágrafo o grande escritor nos dá, por certo, as dimensões do problema – sendo a anedota (não o dito chistoso, mas o motivo, o enredo) o dado de substância da estória, ela por si só não fazendo a originalidade da obra, mas os métodos, o teor metafórico da composição, isto que define a expressão natural e artística das idéias.

[3] *Tutaméia*, Terceiras estórias. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967, p. 3.

As considerações críticas que aí se enunciam pretendem justificar uma dimensão mais ampla do conceito moderno do conto como forma de ficção, sem contudo arredá-lo do espaço literário em que ele se define como obra de arte; considerada a fórmula no sentido em que Maurice Blanchot justifica sua teoria de que a criação literária se desenvolve em sentido vertical, num mergulho em profundidade, até os domínios obscuros da solidão e da morte – vale dizer, tanto mais o artista é capaz de se aprofundar nos seus motivos e preocupações, mais autêntica se tornará sua mensagem porque captada na substância mesma da experiência vital.[4]

Isto não significa afirmar que todo artista, todo poeta ou ficcionista, atinja de imediato essa profundidades, que são, por assim dizer, a própria essência do mistério criador, mas existe uma área de exercício imune da vulgaridade onde será possível a realização de uma obra significativa no espaço das meditações em que a matéria se comporta em teoria e se define nos seus fatores materiais e espirituais de linguagem, elocução e sentido.

Nesta ordem de investigação é oportuno que se argumente em apoio da obra de Eduardo Campos, cuja significação nos quadros da literatura brasileira é das mais positiva. Contista, romancista, teatrólogo, folclorista, ensaísta, é todavia no conto onde melhor se manifestam suas qualidades de talento. E ao se emitir a palavra talento em abono de um ficcionista, já se está implicitamente aceitando sua aprovação numa dada categoria de validez artística; alegado aqui o preceito de que, acima dos métodos, das técnicas, das experiências de renovação, está

[4] Maurice Blanchot. *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.

em substância, no escritor, sua natureza anímica, isto é, a força que lhe confere patente e personalidade.

Há 25 anos Eduardo Campos se fez contista e desde 25 anos, quando publicou *Águas Mortas* (1943), vem ele confirmando seus talentos, suas virtudes de narrador. De então para cá não se tem arredado, salvo breves incursões numa periferia consentida, da linha de inspiração com que se identifica nos temas e na linguagem de seu meio físico e social – na área mesma em que de ordinário se fazem pouco sensíveis as crises individuais e os conflitos do homem deflagram como a resultante da tragédia coletiva.

Quase invariavelmente, deste ângulo de observação o escritor espreita a vida. E até mesmo quando agita, nos seus contos ou romances, os temas em que estão em causa, isoladamente, os dramas ou as paixões dos indivíduos, os motivos fundamentais do desajuste ancoram no cerne mesmo das vicissitudes gerais – e são determinadas ou pela indigência, ou pela injúria moral, ou pelas condições irregulares do clima; às vezes por todos esses fatores conjugados, raramente com exclusividade na explosão dos instintos.

Daí se manifestar, com maior freqüência, em Eduardo Campos o feitio de um escritor regionalista, no que não lhe vai qualquer restrição. É certo que por vezes a ambientação geográfica e social nordestina se faz tão particularmente cerrada e peculiar que, por assim dizer, não deixa por onde intuir na ação ou no contexto lingüístico as relações plausíveis com o espírito de universalidade indispensável a toda obra literária. É, pois, neste ponto, onde ele se abandona – em porção moderada embora – às fascinações do pitoresco, da realidade não purificada, enfim quando falece ao artista a aptidão transubstanciadora da

verdade fictiva. Contudo, em trabalhos como os que se reúnem no presente volume – indubitavelmente suas melhores estórias – Eduardo Campos apresenta, como bem observa Florival Seraine, "qualidades autênticas de ficcionista, [pois] costuma estabelecer entre a realidade percebida e a imaginada um acordo íntimo, [uma] harmonia global, ordinariamente não se chegando a distinguir onde termina a verdade e principia a ficção. [No autor] ocorre, não raro, essa conexão profunda, porquanto da leitura dos seus trabalhos resulta freqüente impressão de unidade interior, de equilíbrio orgânico."[5]

Convém aqui lembrados alguns dos fatores contributivos da formação do escritor que é Eduardo Campos. Ele se revelaria, muito jovem ainda, em pleno fluxo das idéias em torno das quais se agruparam os poetas e escritores de Clã. Essas idéias, admiravelmente consubstanciadas num manifesto redigido por Mário Sobreira de Andrade, ganharam prerrogativa de estatuto a partir de I Congresso de Poesia do Ceará, em 1942, ensejo em que aquele documento teve divulgação. Nele se define a posição dos escritores cearenses contra a guerra – atitude tanto mais corajosa quando se estava em plena euforia das vitórias fascistas – ao mesmo passo em que se manifestava um comportamento estético em harmonia com as tendências espirituais e morais do mundo contemporâneo. Esteticamente, esse movimento era assinalado por um ardente desejo de divulgação dos valores intelectuais e artísticos da província, e pretendia, ao mesmo tempo, elevar as atividades que aqui se desenvolviam a um nível condicente com as realizações que se operavam, paralelamente, nos meios mais adiantados do país. Era, assim,

[5] *Através da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições "Estudos", 1948, p. 20.

um movimento genuinamente de província mas depurado de qualquer eiva provinciana, isto é, aberto, lúcido, conciliante com os aspectos que melhor distinguiam as correntes espirituais dominantes na ordem geral.

Este foi o seu ambiente de formação, neste quadro de circunstâncias se desenvolveu e se afirmou. E tudo com uma fidelidade exemplar, que nem só ficou adstrita à sua vocação, por assim dizer, ecológica, mas ainda lhe conservou o apego umbilical às origens nativas, com as quais se identifica em existência e sensibilidade.

O estilo de Eduardo Campos é, pois, a resultante lógica desses dois elementos formadores: de um lado, as aptidões artísticas nascidas de seu temperamento, de sua personalidade interior, de outro lado, as influências das idéias estéticas vigorantes na época e no meio em que ele se manifestou e permaneceu.

Embora afinado numa teoria de fatura que se aprimora em amadurecimento e constância vocacional, o escritor não tem, a rigor, evoluído no sentido de uma renovação formal que o distinga acentuadamente na faixa de preocupações que sensibiliza os setores avançados da ficção brasileira contemporânea; esta, por sua vez, um corolário das conjecturas estéticas em desenvolvimento nas matrizes européias e americanas, a cujo influxo estamos habituados. Suas inclinações de contista operam com maior forma nos elementos de fabulação, nos problemas de essência, nos componentes, por assim dizer, narrativos, que dão às suas estórias um tom conteudístico de ação muito evidente, mas lhe retrai em parte a disposição criadora expressiva.

Desde sua estréia (seja isto alegado em abono da autenticidade de seu labor literário) e – durante um quarto de século – por toda a produção enfeixada em cinco

livros,[6] o contista se tem conservado o homem de suas aptidões telúricas e de sua geração espiritual; essa geração irrompida, como já foi insinuado aqui, no dorso de sua crise sociológica. Essas condições fundamentais assinalaram todo um teor de ações e reações no campo da literatura que realizou, e justifica a linha de coerência em que se firma e define. Neste plano, seu último livro na área da narrativa breve é uma conseqüente lógica dos intuitos que o levaram a redigir o primeiro, exceto, como ficou referido, o amadurecimento artesanal. E é por isso que – exemplificando – em um conto de 1965, *A Venda das Mangas*, que lhe valeu a honra de antologia no exterior,[7] no qual a preocupação temática deriva um tanto dos padrões empregados na generalidade da obra, a constância léxica e o tom narrativo são idênticos aos de outro conto, *A Roseira*, de 1946. Apenas no trabalho recente há o cuidado mais apurado da transferência verbal, da purificação de sentido, de fazer com que o prisma poético se acomode melhor às unidades de tempo (no conto de 1946, a lentidão da narrativa prejudica de certo modo o fluxo emocional), o motivo dramático, comum a ambos, a decepção resignada, – num, a surpresa do braço amputado; noutro o fiasco de comércio das mangas – lograsse uma congruente validade de expressão.

Outra constante em Eduardo Campos está na reação das suas personagens face às situações conflituosas

---

[6] *Águas mortas*. Fortaleza: Edições Clã, s/d [1943] – *Face Iluminada*. Fortaleza: Edições Clã, 1946 – *A Viagem Definitiva*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1949 – *Os grandes espantos*. Fortaleza: Editora Comédia Cearense, 1965 – *As danações*. Fortaleza: Editora Comédia Cearense, s/d [1967/.

[7] Traduzido na Alemanha. (Die Reiher und andere brasilianische Erzaehlungen – Auswahl und Uebersetzung Curt Meyer-Clason. Herrenalb, Horst Erdmann Verlag, 1967.)

com que se deparam. Nelas, quase sempre, se manifesta o mesmo comportamento psicológico na convivência social e doméstica, a mesma atitude de resignação, a mesma aceitação passiva do destino. Mesmo na violência são conseqüentes e, por vezes, apáticos. Não sonham, não deliram, não desesperam, não se afundam em pesadelos. Em nenhum dos catorze contos constitutivos do presente volume há um caso de suicídio; de violência, apenas um – no *Menino de Recado*; em quase todos há o selo da reconciliação com a adversidade, com o que deveria ter sido mas não foi. E até, às vezes, o drama se gera no âmbito de causas que só dizem respeito à passividade de atitude, à carência de vontade de poder – verdadeiro círculo de giz – em que se confinam e se auto-aniquilam as personagens. Estão neste caso, particularmente, o conto *O Tocador de Bombo* e essa novela admirável que é *Como um Gato sem Gata*.

O universo de Kafka não tem ressonância na figuração do pequeno mundo provinciano, ingênuo, difuso, em que o escritor experimenta as suas análises e as suas vivências depuradas em ficção. Trata-se, pode dizer-se, de uma humanidade sem enigmas, sem subentendidos, exceto a complexidade natural que o instinto lhe confere. Por temperamento e habilidade, o ficcionista observa-a e lhe faz o trato com disposições discriminadoras adequadas, bem consciente e desperto. Vê tudo de olhos abertos e agudamente fotográficos; e, nestas intenções, como é natural, o elemento onírico, de incontestável eficácia poética, não seria admissível. Poder-se-ia dizer que as personagens de Eduardo Campos são picturais, plásticas, e se definem antes pela aparência física que pelas sugestões sensitivas e auditivas de suas ações e vozes. Quase sempre não as conduzimos conosco. Vemo-las e as deixamos em seus lugares,

no ambiente em que as assistimos. A personalidade lhes fica adstrita ao núcleo de origem e só o retorno ao seu convívio nos reconcilia em suas lembranças, assim como a contemplação de uma fotografia antiga nos comove e reimplanta na evidência de um episódio familiar.

Por exemplo: do conto *Céu Limpo*, com o correr do tempo, conservamos a noção da existência de três personagens – o homem, a mulher, o cachorro. De seu comportamento individual só nos fica o apego (dos três entes; o cão figurado com reações psíquicas idênticas às do homem) ao torrão em que viveram, todos três confundidos na mesma vontade e no mesmo comportamento de fatalidade e renúncia. Tudo o mais em relação à vida de cada um, no papel secundário que desempenham dentro da paisagem, torna-se difuso e irrelevante. Fica-nos, entretanto, a magia atmosférica, o sentimento do drama coletivo que se abate, como uma maldição bíblica, sobre o destino das populações sertanejas. Herman Lima resumiu em breves palavras a significação literária deste conto: ... "um retrato luminoso e palpitante da alma da tinha terra e da minha gente [...]. Em cinco páginas, não mais, Eduardo Campos condensou maravilhosamente o destino da raça, a difusa ternura, a dorida singeleza d'alma, o resplandecente e irracional amor à terra que não é maior em canto nenhum do mundo".[8]

Em alguns contos, todavia, os tipos se ordenam em verossimilitude humana, isto é, sem evidenciarem individualidades típicas, na acepção por que se classificam os caracteres próprios da ficção realista-costumbrista, porém condicionados a uma verdade de essência que não exclui o conspecto do enigma do ser. Estão neste caso – para não nos arredarmos da matéria do presente volume – o garoto

[8] In *Pensamento da América*, suplemento de *A Noite*, pp. 176-177. (A data não pode ser precisada).

de *No Morro do Moinho Morre um Menino*; o Juvêncio de *A Viagem Definitiva*; o Joaquim, ou Quincas, ou Quinô, de *O Tocador de Bombo*; o Macário de *Visita para Explicações*; o Getúlio da novela *Como um Gato sem Gata*; as personagens todas de *O Abutre*, notadamente Pedro, o indesejável. Ele, Pedro, não fala, não se comunica, mas as vozes de sua personalidade ficam conosco, como uma presença constante que adverte e condena.

O tema subjetivo deste pequeno conto é a cobiça; o tema expresso é a morte – este, como agudamente notou Joaquim Alves, de grande predileção no escritor.[9] Aqui o tempo narrativo é de uma brevidade exemplar, o espaço se restringe a uma peça obscura onde uma mulher agoniza, e os que lhe assistem, os descendentes, os herdeiros, recolhem no íntimo os pensamentos mais desencontrados. O tom é de constrangimento; antes que de mágoa. A elocução é precisa e admirável. Maus passant, com a novela *L'Héritage*,[10] não aprofundaria melhor o assunto, não realizaria uma obra de arte com mais poder de persuasão. O comportamento de Pedro é exemplar: não apenas do ponto de vista ético, mas principalmente em sua dimensão excepcional de personagem criada. Sua presença na trama é silenciosa; somente tem existência nas cogitações da irmandade que delira no rancor e na ambição, e nas palavras finais, breves, incisivas, "sobrelevando a inquietação de todos". Essas palavras são uma revelação e uma anátema. Reconstituem todo um caráter, definem, numa síntese magistral de subentendidos,

[9] "Constitui uma atração de Eduardo Campos a narrativa de cenas que se prendem aos últimos instantes da vida. Mais de um de seus contos estão ligados à morte." (*Autores Cearenses*, 1a série. Fortaleza: Edições Clã, 1949, p. 36).

[10] Da coleção *Miss Harriett*, in Oeuvres Complètes Ilustrées de Guy Maupassant. Paris: Librairie Paul Ollendorff, s/d, pp. 49-174.

as contradições dos sentimentos humanos – a cobiça, a angústia, a simulação e a generosidade despercebida.

Fran Martins considera este conto um desvio da linha de apetência temática que seria até então a pauta dominante dos trabalhos de Eduardo Campos – o regionalismo que o limitava no exercício pouco rendoso sobre uma fonte esgotada. Segundo o crítico, com *O Abutre* ele, "fugindo desse regional que o prejudica, alcança o nível superior, um nível bastante elevado, mesmo entre os contistas modernos do Brasil".[11] O conto, é certo, em sua aparência imediata, não tem por onde apresentar visos de regionalidade; sequer ali existe qualquer alusão toponímica ou geográfica, muito do vezo do escritor no situar a ação de numerosas estórias de sua autoria na esfera do verdadeiro. Entretanto, para Mozart Soriano Aderaldo esse conto não foge das características de linguagem e influxo inventivo peculiares ao ficcionista que é Eduardo Campos, estando nisto a sua qualidade vocacional flagrante.[12] Com efeito, o mundo interiorano que lhe serviu de berço, principalmente, revive em muitas páginas de ternura e de saudade ao longo da obra, relembrando tipos, situações, acontecimentos, que lhe teriam sido familiares nas vivências do meio nativo; e esse conto não fugiria à regra.

Admitida esta hipótese, que vem em apoio da linha de coerência formadora da personalidade do escritor, gera-se, ademais, um campo de ação exegética bastante complexo tendente a definir, na ordem crítica, as causas conceptuais ou emocionais que influíram na realização desta obra de tal sorte marcada de realidade tangível quanto de efusão lírica em puro jogo de imagi-

---

[11] In *O Estado,* 11-8-1946.

[12] *Discursos de Saudação e Posse no Instituto do Ceará.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957, p. 7-8.

nação. Mas esse plano de análise não está nas cogitações interpretativas das presentes notas, já pela exigüidade de espaço em que opera, já pelo apoucamento avaliador a que se restringem os seus desígnios.

Outros contos, entre os catorze destinados a compor esta edição, mereceriam o relevo de uma menção à parte. Dentre eles *O Casamento, Céu Limpo, No Morro do Moinho Morre um Menino, Marru, A Viagem Definitiva, O Tocador de Bombo, A Venda das Mangas* e *Como um Gato sem Gata*. Como se vê, a maioria deles; alguns dos quais lograram a consagração das antologias – não só em língua portuguesa, mas também no alemão, no inglês, no francês e no espanhol. Uma referência breve, entretanto, aí fica para dois deles:

No Morro do Moinho Morre um Menino é uma estória comovente de agonia e morte de um menino pobre num barracão de zinco do Morro do Moinho (observa-se aí a paisagem local referida num toque de intenção realista). Aqui o contista se utiliza, como em *O Abutre, O Casamento, Céu Limpo* e em numerosos outros trabalhos seus, do elemento associativo de caráter psicológico que é a chuva – a chuva que molha, que recolhe, que entedia, que entristece, que desperta em nós todos os caprichos de nosso humor. A chuva é, pois, uma admirável constante estilística em Eduardo Campos, da qual sabe retirar efeitos imprescindíveis. Veja-se, por exemplo, o mundo de emoção que ele soube insinuar com a presença da chuva no episódio final de *O Casamento*. Deu-lhe sugestão de aconchego, de força, de esperança, de sensualidade, tudo na conjectura de um complexo ecológico ao mesmo tempo subjetivo e verídico. Na agonia do menino do morro chovia para esfriar a terra escaldada para confundir o pranto na generalidade úmida, para abafar no

ruído do zinco a dor anônima dos miseráveis. Transformara-se assim o lance dramático numa página digna de Raul Brandão, exceto as tintas expressionistas que somente o mestre lusitano saberia aplicar.

Mencione-se igualmente a novela *Como um Gato sem Gata*, na qual o escritor revela uma face nova de sua personalidade: o dom novelesco. Redigiu-a numa teoria apropriada, com uma delicadeza de tato e de exatidão verdadeiramente elogiável. Toma por argumento um aspecto difícil da vida do homem – a dolorosa consciência do envelhecer. O final de uma vitalidade que se esvai, malbaratada a derradeira oportunidade que se apresenta. E, ao lado disto, o drama da solidão coincidente com o momento em que na vida tudo é desajuste, é decadência biológica, é perspectiva do irremediável termo. Tema complexo, esse, de inspiração na raiz das grandes tragédias. E de tal sorte perigoso e difícil que se duvida o autor o mantenha, do começo ao fim, na mesma densidade de estrutura, na mesma austera conduta de realização durante o fluir do tempo subjetivo, tal qual fez. Sua leitura concentra, por isso, uma particular emoção, uma atmosfera constante de ansiedade e receio. O leitor acompanha o texto com a mesma sensação de quem conduz uma vela acesa através do vento; receoso de que ela se apague, que se desfaça entre suas mãos. E de fato, em muitas situações esteve o autor em risco de deitar tudo a perder – figurando o equilíbrio complicado e perigoso num arame sobre o precipício – inserindo no texto frases ou expressões acessórias, sublinhando situações ou intenções que já se achavam implícitas no bojo do entrecho pela unidade ulterior do comportamento das personagens.

Ao final, porém, observa-se que, em sua estrutura, em suas intenções estilísticas, a novela é boa. Além do

mais, como ficou dito, ela define a face nova da personalidade de um escritor literariamente versátil e fortemente empreendedor – o novelista, no sentido mais exato que o termo pode expressar.

Mais adiante não convém sejam levadas as considerações em cujo âmbito se limitam os objetivos desta apresentação. Ficará, desta sorte, muito ainda a respigar na seara semeada e cultivada por Eduardo Campos, no domínio da ficção curta. No volume presente estará sem dúvida o melhor de sua obra no gênero, isto que representa, nesta área, uma quarta parte de tudo o que produziu e publicou no espaço de 25 anos. Esta edição é, pois, uma iniciativa jubilar. Celebra ela uma atividade intelectual que é tanto mais digna de admiração e respeito quando se empenha não apenas na promoção dos méritos individuais do contista, mas ainda porque, realizada integralmente na província, divulgada em edições da província, aplica-se, sem prevenções nem receios, à nobre tarefa de elevar literariamente a província na consideração justa do apreço nacional.

BRAGA MONTENEGRO

O abutre

A sala estava quase na penumbra.

O ruído que vinha da rua era manso; não conseguia violar o silêncio que havia. Devia chover porque alguém puxou um agasalho para os ombros e fez um gesto de quem sente frio.

Um fósforo foi riscado. O zap! do palito, ao se incendiar naquele silêncio, soou a todos como uma explosão de uma bomba. A chama avivou o rosto do cavalheiro de marrom, conferindo-lhe um toque todo especial aos seus olhos tristes. Mas ninguém falou ainda. Apenas u'a mão estendeu o cinzeiro, por mera delicadeza. Nada mais.

Agora, todos podiam ouvir o ruído da chuva no telhado, sentir a presença do vento enfriado que vibrava as cortinas da sala, velhas cortinas bordadas com esmero e estranguladas por laços de fita amarela, desbotada pelo tempo.

A empregadinha, que apareceu à porta do quarto, contou mentalmente o número de pessoas que se achavam com a doente. Eram seis. Seis xícaras de café outra vez! A velha estava de lado, não contava mais. Morria na certa. Se o Dr. Balduíno dizia que ela podia levan-

tar-se, convalescer, era por não querer perder a freguesia gorda de quase dez anos. E estirava, estirava...

Ela virou sobre os tacões dos sapatos e, com os seus passos, foi aumentando o ruído que se precipitava agora do telhado para o chão, da rua para dentro de casa.

– Deve ter bastante febre...

Homens e mulheres ergueram a vista a um só tempo.

D. Maria falara mais uma vez. Que força, que coragem! Naquele casarão, há dois dias, desde que a velha adoecera de repente, apenas a sua voz fazia-se ouvir. E como a temiam os outros! A todo instante, os irmãos expectavam uma acusação. Por isso, não falavam, e só de raro em raro confirmavam a sentença do médico: o caso é perdido, mas pode ser...

Não e apenas D. Maria que lhes infunde medo. O homem que ali está, parado, absorto, lançando uns olhos maus para os demais, representa o perigo na repartição da herança. Veio de longe, do Rio de Janeiro, logo soube do ataque da mãe. Dizem, e tudo pode ser verdade, que assassinou a esposa friamente, e, em seguida, fugiu para Buenos Aires com a amante.

Na roda familiar houve quem se insurgisse à presença de um filho tão ruim naquela casa de dor. Mas Pedro veio. Apareceu sem se saber como, sem haver telegrama, nada. Chegou ao velho sobrado emparelhado com aquele temporal que desabava sobre a cidade e comunicava a morte, a todos, por um friozinho arrepiante.

D. Maria compreende por que não o querem em casa. A herança da velha fica melhor dividida para

seis; tocava uma fazenda de criar para cada filho. Dez léguas de terra e o sítio Felicidade estavam ali esperando a partilha. Era um quinhão gordo, que pertencera a cinco gerações.

E Pedro veio. O abutre estendia agora as suas garras, fazia calar as bocas do ódio, do crime e do embuste.

D. Maria, que não se aliara aos outros, não consentia porém palavra ao intruso. O irmão mais velho representava um perigo mortal para cada um. Viera destruir, simplesmente aniquilar os castelos que eles erguiam. E quando se retirava da sala em que esquálida, a mãe agonizava, era para armar um golpe, também mortal, contra o irmão indesejável. O abutre precisava ser vencido.

Marieta, a irmã mais nova, rompeu ostensivamente com D. Maria. Só ela, gananciosa como era, poderia ter tido a ingrata idéia de comunicar o desenlace iminente ao irmão. Foi necessário que Anselmo, trêmulo, metido nos seus complexos, receoso de perder o sítio que cuidava há vinte anos, aplacasse a exaltação.

Por isso, nessa noite, naquela sala deserta de vidas, estavam todos mais ou menos rompidos uns com os outros, mas intimamente unidos contra o homem que, de longe, viera perturbar o plano que haviam arquitetado. E o abutre – assim considerado pelos irmãos desdenhosos – continuava imperturbável. Se erguia os olhos, era para desfazer um ou outro murmúrio, inconseqüente, que vagava pelo quarto, ou baixar o olhar rancoroso, mais atrevido, de alguém.

Quando o café chegou à sala, procuraram servir-se todos: estavam ávidos. A verdade é que nenhum

deles o desejava tanto. Atropelavam-se, a fugir do silêncio que os envolvia, comprimindo-os mortalmente.

– Açúcar? Mais?

Anselmo respondeu tão alto, aquiescendo, que ele próprio assustou-se. D. Maria pensou consigo mesma: "Não ouviu lhe perguntarem se queria açúcar... Ele entendeu dinheiro."

A bandeja, solenemente, recolheu as xícaras e desapareceu levada pelas mãos frias da empregadinha. "Diabo de gente esquisita! Que aperreio, meu Deus! Ao menos se a dona da casa morresse logo e eu também entrasse no seu dinheiro! Ah, o dinheiro da velha!"

D. Maria cerrou os olhos à impressão de que Pedro é o demônio em uma de suas mil representações físicas. Num sobressalto, bateu com a mão gelada de medo no rosto de Antonino, o irmão caçula. Este, assustando-se, apavorou a todos num grito que abalou a própria enferma. Tremeram homens e mulheres, arrepiados. Menos Pedro, que se mantinha encalmado, os olhos maus, vigiando os outros. Não se mexeu. Nada disse. Escapou-lhe apenas um gesto imperceptível, repreendendo-os.

Antonino mergulhou na poltrona. Anselmo começou a pensar à toa. Então, aquele bandido é quem lhe vinha tirar a fortuna que merecia?! No seu entender, reconhecia-se o mais honesto dos irmãos. Sempre assistira à mãe em todos os momentos, principalmente nas questões de família. Era justo ganhar maior quinhão, ficar com o estoque de aguardente que valia alguns milhares de cruzeiros.

Marcos debatia-se adiante, casmurro, a arrolar compromissos. Na certa, o destino ingrato, àquela

hora, vinha truncar-lhe os passos, por intermédio do irmão amaldiçoado, indesejável na família. Ah, vida infame! "Paris... Nápoles..." Instante houve, nesse recordar inconseqüente, em que não viu na cama a mãe moribunda. Transparecia nela uma criatura mais jovem e linda, a jogar-lhe moedas de ouro aos pés. Inexplicavelmente, ele começou a rir. E rindo estava ainda quando abriu os olhos e viu que o observavam. Teve vontade de dizer que nenhum dos irmãos era menos falso que ele; que estavam todos loucos para ver a mãe morrer, especialmente o abutre, ruim, sórdido, que não falava, silencioso, a vigiá-los.

Felipe ergueu-se da cadeira de embalo e de repente foi ao leito. Precisava ocupar-se em algo, passar o tempo, fugir à tensão. Lembrou-se de tomar a pulsação da velha; anotá-la:

– Deve estar com mais febre...

Antonino desejou um jarro de flores para esborrachá-lo na cabeça do irmão. "Esse infeliz não podia lembrar outra coisa".

Anselmo girava longe dali. Calculava a reforma do engenho, a safra do próximo ano, a viagem ao Rio de Janeiro, a negócios, claro! Elvira não o acompanharia. Assim ele teria mais liberdade, mais dinheiro para gastar no jogo.

O remorso acudiu-lhe então. E ele, fazendo-se menos cruel, procurava convencer-se de que a ingratidão à mulher importava pouco. A vida era aquilo. Na desgraça de uns, subiam outros. D. Francisca, por exemplo, vivera bastante. Era justo que morresse, que fosse descansar em paz...

– Sim, descansar...

Marcos apanhou o resto da frase. Afinal, a velha descansaria em paz para que todos eles fossem felizes; em particular, para o pagamento das dívidas que fizera.

Diminuiu a chuva. Deixara de soprar o vento. No leito, mexia-se a enferma; eram-lhe incompreensíveis os gestos da mão semiparalisada. D. Maria não podia ver. Marcos, distante, prendia-se aos seus sonhos, perdia dinheiro em Paris, na Itália... Felipe pedia a mão de Glorinha em casamento. Anselmo gozava as férias, a adiposa mulher chorando (em casa) e ele a gastar ao pé da roleta... Marieta corria, longe; fugia com o namorado aventureiro.

Agora, a chuva cessara de todo. O vento aquietara-se. O silêncio, de repente, foi tamanho, que acordou a todos; e os trouxe do mundo de fantasias em que se haviam metido. Com surpresa, viram então o abutre debruçado sobre a enferma. Uma vela, de chama indecisa, ardia-lhe nas mãos. Um a um, mal despertados, foram-se acercando do leito. Pensamentos estranhos tomavam conta deles, e a dúvida crescia angustiante e única: "Teria aquele desgraçado acabado de matar a velha?"

Já ao pé da cama, sentiram que não existiam; eram simplesmente miseráveis... Aquele homem de feições austeras, silencioso e frio, de vida legendária e infame, tinha os olhos sofridos, enlagrimados.

E não foi com a voz de abutre que ele começou a falar, sobrelevando a inquietação de todos:

– Irmãos, choremos. Nossa querida mãe repousa na santa paz de Deus.

Sobre o telhado, em desespero, rebentou outra vez a chuva.

O casamento

Chamava-se Rosa, Rosa Maria. Era forte e altiva; rescendia a flor do mato. Casava-se porque fora sempre esse o seu desejo, e Deus, agora, propiciava-lhe tamanha felicidade. Nem sabe repetir como se dera de amores por Cazuza. Certo é: de ambos nascera uma tão forte amizade como cresce na beira da estrada a erva, ou a trepadeira, virente, no caramanchão. Estimação diferente, de amor mesmo, com conversas sob o pau-d'arco florido, em fins-d'águas, emparelhadas com os conselhos da tia Velha – "meninos, isso dá em coisa!" – e o falatório irreverente dos amigos. Afinal, o casamento marcado.

Nesse dia, a caminho da igreja de Pacatuba, Rosa aconchega-se ao braço do futuro esposo, rapagão filho do finado Zé da Bomba, dono de umas braças de terra perto do riacho que desce a serra pegando um despropósito de água nos tempos de abundante inverno.

Seguem para o matrimônio. Atrás de ambos, fechando o cortejo, os amigos mais queridos, o Matias, o Frutuoso, o Assis, – o mais espevitado, que vai girando na mão a bengala de jucá queimado. No meio dos acom-

panhantes estira-se, o entre vozerio, sacudido a todo instante por um ou outro dito mais espirituoso:

– Cazuza vai amarelo que só açafroa!

– É medo de ficar só com a noiva!

– Vai ser uma lua-de-mel sem fim!

Gargalhadas. Olhar de repreensão dos mais velhos, de seu Chagas e de D. Margarida. E o sol, ainda de fora, amornando a terra. No largo da matriz, centenária igreja em que se casaram quase todos os habitantes do lugar, curiosos aguardavam os noivos.

No patamar, a comitiva estaca. O noivo, sob visível esforço, calça os sapatos. A noiva enfia também os sapatinhos brancos que, de encomenda, vieram da capital, de tia endinheirada – baluda, como se diz, – e que festejava muito aquele casório. Todo mundo se recompõe. A bengala de jucá faz círculos na areia. D. Margarida, empoada e risonha, encoraja o noivo:

– É fazer bonito, criatura!

O vigário, no interior do templo, faz sinal, como se dissesse: avancem. Os que estão na igreja, àquela hora, pressurosos aproximam-se do altar. Rosa e Cazuza, sapatos rangindo, cabisbaixos, irrompem no corredor ante o olhar benevolente do reverendo.

De súbito, o vozerio sacode o silêncio; há um cochichar maldoso. Mas o padre, mão erguida, mais que ligeiro, comprime o desrespeito com energia:

– Silêncio! Estão na casa do Senhor.

A essa voz aquietam-se todos. No ar, agora, na rotunda do dia que estala, o zunido das carapanãs.

– Aproximem-se os noivos!

Cazuza não sabe onde meter as mãos. Está casado, vai fazer vida com a sua Rosa; a história da família repetir-se-á nele. Vão ter filhos, envelhecer um dia, quando os meninos estiverem taludinhos, e depois, a Deus querer, igualmente vê-los casados naquele recanto abençoado.

A alegria torna-o dono de seus próprios sonhos, alheio aos ditos chistosos dos amigos, da rapaziada que desceu a serra, vinda da Barra, para tomar com eles a famosa aguardente de Redenção. Os mais íntimos percorrem a casa que lhes vai servir de lar; servem-se de aluá, conversam em voz alta, contam e recontam episódios engraçados. Seu Frutuoso discorre sobre as dificuldades da vida. Em seu tempo – a voz do homem é arrastada, fanhosa – o noivo gastava vinte mil réis com a mobília da casa, incluindo tamboretes, quatro, de primeira qualidade, e panelas, pelo menos duas das grandes.

– Mas agora é ferro, gente! 'stá tudo pelos olhos da cara.

O sanfoneiro, no terreiro, apertou os botões do instrumento. Ninguém sabia que música era aquela que ele tocava, mas quando a bandeja de aluá passou, foi um tinir de copos, foi um tirar de damas, que animou a festa.

Soaram, correndo, as horas. Os amigos, tarde, foram-se retirando. O sanfoneiro tomou a última bicada, caprichou numa valsa – "É em homenagem aos dois pombinhos" – e se largou também. Dentro de casa, agora, havia o silêncio, a saudade da festa; eles dois sós, irremediavelmente sós.

Agora, é preciso procurar qualquer coisa, – pensa o marido –, armar as redes brancas e cheirosas. Ele não tem palavra para dizer. Vai e vem dentro de casa. Já bebeu aluá não sabe quantas vezes. E Rosa, sempre triste, encabulada, arreda-se pelos cantos.

– Foi bom, num foi?

– Foi.

Pergunta tola, repetida antes. Não é o que está querendo dizer. Anda atrás da corda por armar a rede. "Ela teria trazido no enxoval, como moça rica, um lençol de melhor fazenda?" Não, não ia perguntar. Se soubesse onde estava a garrafa de cachaça – lembrou-se de repente – bebia uma dose dupla, de quatro dedos. Daquele jeito não sabe como se comportar na hora... Que hora?

Senta-se no tamborete da sala. Enrola o cigarro de palha. Sente o corpo frio. "Como é? Arma ou não arma a rede?" Arma-a. Tem de resolver-se a algo. Aproxima-se da estaca, dá a laçada na cabeça da forquilha; e está findo o serviço. Pronto? Quem falou assim? Onde está a sua voz?

– Ah... a aguardente...

– Hem?!

Virou-se para a mulher. Vai falar, dizer-lhe qualquer coisa, mas se arrepende. E num repente: – Vamos dormir, Rosa?

Rosa Maria parece tremer de vergonha. E ele sente, pela primeira vez, que o momento os aturde.

Sem outra alternativa, lento, o homem principiou a tirar a roupa. Não quer olhar para a esposa. Mas, de costas, sabe que ela já se livrou do vestidinho de chi-

ta, num desnudamento total do corpo escuro e apetecente. Por sua vez, ela percebe que Cazuza está-se despindo, jogando o paletó, bem passado, em cima da mesinha de tábuas de caixão de querosene. Ah, só Deus sabe a vontade que ela sente de soprar o pavio da lamparina, apagar aquela luz indiscreta.

– Fúúúúúú...

– Você falou?

– Não... Eu não.

– Parecia um sopro...

– Era eu. Queria apagar a luz.

Ela falou tímida, erguendo o vestidinho de chita diante do corpo virgem. "Será que ele está me vendo assim?"

O marido vai sair do seu canto, para apagar a lamparina, quando a casa estremece sob um vento forte. Qualquer coisa estala em cima das palhas de carnaúba do teto. Surpresos, voltam-se ambos um para o outro: – Chove!

Ela esqueceu a lamparina, esqueceu a vergonha, o tolo receio.

– Chuva, meu bem! Vai chover muito, não vai?

Descruzou os braços, simplesmente, diante dos peitos rijos. Cazuza abriu a janela. Ela aproximou-se dele, curiosa. Corpo a corpo, debruçados no peitoril, ficaram olhando para fora. Não se lembram mais do casamento, da viagem que fizeram à igreja, dos sapatos apertados, do nervosismo. Nem se apercebem da aliança na mão esquerda significando união para sempre, nem recordam as palavras do padre ou os sons buliçosos que fizeram a festa prolongar-se até tarde.

Chove. Estão sem memória. Ele nem ao menos pensa mais no acanhamento que sentiu em se desnudar pela primeira vez diante dela. Estão abraçados à janela, vendo a chuva cair, a água cantar nas palhas, chiando, e o vento soprá-la, empurrando-a torrencial para a terra que se encharca como enorme bolo de mel.

A mão do homem envolve a cintura delgada de Rosa. Quietos, silenciosos os dois, os corações batendo, pensando na mesma coisa: no riacho que vai descer da serra, cheio, nos pitus que os filhos pescarão nas rochas, nos roçados que ele, ano após ano, vai abrir, na terra que logo se cobrirá de um verde-verde bonito.

Cerram a janela. Parece mesmo que estão casados há muito tempo. Conversam alegremente, agora. E enquanto Cazuza vai para a rede, Rosa Maria, recendendo a flor do mato, apaga a luz da lamparina e o acompanha.

Lá fora a chuva precipita também a fecundação.

Céu Limpo

Oh! mil vezes morrer a se ausentar de sua terra, daquele pedaço de capoeira, regalo de seus olhos! Como ia deixar o terreiro de barro socado, ciscado pelos pintos, a sua casinha de taipa levantada à custa de tanto sacrifício? Como era mesmo? Arrumava tudo numa trouxa, velhas e fuxicadas roupas, o chapéu da missa dos domingos, os sapatos de couro de bezerro, meio comidos no arrastado dos sambas, não esquecer nada, botar tudo, arrochar, arrochar até não mais poder? Não, não podia ser. A saudade que lhe ia no coração, não cabia dentro de uma trouxa de panos velhos. Não ia escondê-la ali, e, num gesto derradeiro, passar a corda, apertando o matulão. E então partir para muito longe, esquecido daquele chão todo seu, da casinha de taipa, dos dias felizes que vivera na Pavuna... Era lá besta! Não ia fazer isso. Não era destituído de coração; o dele era largo, vivedor, bom.

Tolice! Mil vezes morrer, mil vezes sumir-se mesmo na terra ingrata, a deixar para trás a capoeira, o roçado, o seu lar de homem pobre. Mil vezes morrer... – murmura baixo.

Puxou a fumaça do cachimbo sertanejo. Deu mais passadas pelo interior da casa. Viu Francisca sentada em cima da mala de couro; a folhinha que marcava os dias, brinde do boticário de Pacatuba, – e como se atrasara o calendário! Pregara-se no último Natal, dia esperado por ele e a família, e que transcorrera cheio de festas, dança na casa do compadre Luís, aluá, pé-de-moleque, e cachaça para os mais velhos, servida recatadamente no oitão... Parece até que agora a mulher e ele perderam as mãos e estão inanidos. Aquele vinte e cinco tinha sido dia tão grande para eles, que lá ficara ante o olhar da efígie da santa como lembrança perpetuada.

– Chica, nós vamo mêmo?

A mulher deixou escoar por entre os lábios um riso estalado. Riso que dizia muitas coisas, uma por exemplo, que preferia também morrer, acabar-se de fome, a deixar a sua casinha de taipa coberta de palhas de carnaúba.

Estirou os passos para o interior da casa. Feitiço, o cão que dormitava na cozinha, levantou as orelhas sobre o corpo descarnado como se aguardasse nova ordem:

– Vamo ficá, Feitiço. Num vamo mais não.

Mas qual! Leôncio não sabia o que dizer. Sumira-lhe a voz. A língua embrulhada, aquela coisa estranha embolando dentro dele. Num desafogo, para não chorar ou blasfemar, curvou-se rápido sobre o cão e lhe fez uma carícia.

Homem e cachorro estavam comovidos.

Sobre a mata seca, estorricada, desceu a noite.

A nuvem que parecia trazer chuva àquele sítio desfez-se em ventos, em rajadas que levaram as últi-

mas esperanças do dono da casa, para muito longe, e agitaram as palhas de carnaúba em tremeliques nervosos como se por cima delas andassem os demônios soltos, zangados com Leôncio, com o cão Feitiço e Francisca.

– Vento do diabo! – esconjurou o homem.

Francisca, em cima da mala, não se mexeu. Não adiantava desfazer a trouxa para recompô-la a seguir. Dormia ali se preciso fosse. Pobre arranja-se de qualquer jeito, inda mais quando é de coração forte.

Leôncio voltou. Foi postar-se na soleira da porta, entre dormindo e acordado, revolvendo a sua vida. Donde está, pode vislumbrar a luz indecisa do casario de Pacatuba, distante. Dizer que perto de uma lâmpada, uma mais clara que havia, está a igreja onde se casara com a Chica. Como tudo era bonito e bom àquele tempo! Chica era moça, rolinha braba! Tinha uns olhos piedosos, vacilantes, como se de outra criatura fossem.

Vieram então dois anos de amor entranhado, – amor mistério que ele desconfiava não haver, com um sabor danado de fruta do mato, de pitanga, e cheiros! Daí nasceu um menininho de barriga crescida, tão malinoso que se foi, finando. E desde então restou um vazio, um prejuízo para ser chorado a vida inteira...

Anos esses, de inverno e fartura, o milho se fazendo em boneca de cabelos de ouro-sol, a batata crescendo no baixio, ao deus-dará, o feijão floreando e a chuva pingo-pingando o tempo todo. Quem diria que essa terra (espia a capoeira queimada em frente, o roçado já brocado, plantado, a aguardar inutilmente a chuva...) ia fracassar no florescimento, deixar o pouco milho atrevido cair ao chão, sem conseguir crescer mais

do que dois palmos, dois mirrados palmos? Que terra essa, que um dia era rica e bela, e em outro tornava-se feia, sinistra?

– Dorme, Lonço. Ocê garra a pensá, garra a maginá... Pensando num resorve.

Feitiço está de pé. Não há jeito do cão dormir. E a mulher, olhando agora o animal, sente que ele é o mais infeliz dos três.

– Nem falá pode...

Adormecera. A mulher na mala de couro, Leôncio na soleira da porta. Mas Feitiço não pregou pestana. Ele ainda acredita na riqueza da capoeira cheia de preás. Por isso passou a noite de guarda, cansado, apoiado nas patas traseiras, velando os companheiros, à espera da caça menos ardilosa, que não apareceu.

O sol, lá no alto, sempre enganador e limpo, tão limpo que dava vontade de se escrever nele qualquer coisa.

Então, é partir.

A fome vencia os três. Nada de chuva; o céu continuava limpo. Sente o cachorro, sente o homem, sente a mulher. E nenhum dos três eleva a voz para reclamar. Andam pela casa à cata de coisas que não querem deixar, que pensam ter esquecido. Mas é só pretexto. O que querem é rever mais uma vez o canto do pote, a trempe de pedras onde fizeram saborosas refeições durante aqueles anos, a alcova dos suspiros, a cama de varas, o buraco das topadas no corredor. E entram. E saem. Vão e vêm dentro de casa, olhando para os cantos, assuntando.

Afinal, soa o momento em que nada mais há que buscar no interior da casa. É sair quanto antes, enquanto os olhos não ficam cheios de lágrimas, enquanto a saudade não vem com a força da enchente de um rio.

Leôncio apanha a trouxa. Feitiço olha para a sala da casa, e não late – uiva.

Quem chamaria aquilo de latido?

– O cachorro tá gemendo de sodade, Lonço.

– Tá...

Está mesmo. Agora, imitando os donos, num último olhar, principiou a andar indiferente a tudo. E os três, um atrás do outro, tomam o caminho pedregoso que atravessa a capoeira assassinada. Vão perder a casinha, o pedacinho de terra, a existência feliz que viveram juntos. Não irão mais aos pés de samba, não rezarão mais na igrejinha de Pacatuba, não ouvirão também, nunca mais, violões passando pela estrada, gemendo dores e saudades...

– Lonço!

– Que é?

– Tá sentindo?

– Sentindo?

– Sim, tá pingando. Caiu um pingo no meu rosto. Olha pro céu, repara.

O retirante ergueu a cabeça para cima.

– Bobage, num chove não. O céu 'stá tão limpo.

– Num sei, mas pingou.

O homem deu mais dois passos. Não pôde mais andar. Ficou parado, vigiando os olhos vacilantes da mulher, – o ar saudoso do cão, o chão cheio de seixos, a capoeira comburida que pisava. Agora, estão-se consultando os três, se indagando.

“Como é? A gente vai ou não vai? Convém ficar? Vale a pena agüentar mais uns dias?” Podia ser que ainda chovesse, que o inverno, mesmo atrasado, chegasse a tempo de salvar a terra e reflorar tudo – amolecia o homem.

Acocoraram-se, apalpando a areia com carinho, a terra que, regando-a a chuva, poderá florescer em breve e apontar outra vez o caminho da fartura.

– Lonço, a gente fica?

Puseram-se de pé. Ficavam sim.

Correram então para a casinha de taipa. O cachorro na frente, Chica no meio e o Leôncio da Chica no fim.

Em cima deles o céu continuava limpo, sem nenhum fiapo de nuvem.

Ela era seu lar

Lembrava-se agora. Seus gestos eram delicados, de uma delicadeza quase profunda; a fisionomia, triste, ressaltada por uns olhos que pareciam descobrir os menores segredos. Enfim, olhos que repreendiam sem nenhum gesto.

Lembrava-se de fato. Casara-se num dia qualquer do ano (era tardo no relembrar as datas...) e viera morar com a esposa naquela casa. Havia dificuldade de moradia, mas amigo solícito resolvera o caso. Os outros sempre o serviam, tomavam-no por bom. Mas tolice! Sabe, perfeitamente, que essa qualificação não se lhe ajusta. De verdade, boa mesmo era Lúcia que sabia perdoar-lhe as faltas. Permitia-lhe chegar em casa, fora de hora, bebido, e jogar o chapéu em cima das poltronas; deixar os sapatos largados no meio da sala ou no corredor. E nada dizia; não referia a tanto. Tão pouco ia, de imediato, apanhar-lhe o chapéu, juntar os sapatos. Esperava, passivo, que ele fosse lançar no banheiro, aliviar-se da pressão do estômago. Aí, então, com a maior naturalidade do mundo, acudia a guardar-lhe as coisas. Recolhia os sapatos, escovava o chapéu... E

ele irrompia do banheiro, o rosto molhado, sem compreender que pingava água no tapete, que manchava os móveis, que enfriava a colcha da cama.

Os olhos de Lúcia estavam na água que lhe escorria dos cabelos, a manchar tudo, mas não o repreendia. Não lhe dizia nada. Ficava posta em si mesma, calada, com aqueles seus grandes olhos tristes e distantes.

À hora do jantar, recordava, havia sempre uma surpresa. O prato ia à mesa como se ela o tivesse preparado para uma exposição de arranjos florais. E sem exagerar, reconhecia, a vida naquelas quatro paredes escoava feliz. Só agora, tem de dizer, é capaz de senti-la. Antigamente, ou para ser mais preciso, até antes do passamento de Lúcia, ele via tudo isso, o gesto da mão apanhar o chapéu, zelar-lhe as roupas, diligenciar os pratos apetitosos, tolerar o silêncio sofrido, resignado, como mero ato do convencionalismo matrimonial. O que devia ser realmente dever, obrigação de dona de casa, da companheira, esposa conscienciosa. Mas hoje, o pensamento vai-lhe diferente. E principia a notar que foi antes um trambolho, um ser inútil dentro de casa. Se tivesse sabido viver, se tivesse tido também aquele sentido de existência, Lúcia não se teria ido desta tão depressa, e ele haveria de ter desfrutado melhor a vida.

Não sabe se poderá dormir em casa. Vai ser duro abrir a porta, pisar na sala. Triste, triste mesmo, quando tiver de soltar o chapéu em cima da poltrona, porque já não existe quem venha apanhá-lo, sem remoques. Quando tirar os sapatos, com deseducação, no corredor, ou ao pé do televisor para ouvir o primeiro noticiário da noite, não estará pensando mais con-

sigo próprio que Lúcia gostaria de escutar a novela do outro canal, e que por ele se sacrifica. Ao regressar do banho, cantarolando, (terá forças para tanto?) não achará a mesa posta, com a dignidade anterior, e nem os pratos, os tomates ao natural, recortados caprichosamente. Não gozará mais sujando o soalho encerado, de véspera, sob o olhar complacente de Lúcia.

Acende o cigarro. Puxa a fumaça, a querer agarrar-se a uma coisa que se lhe escapa, que desaparece dos sentidos. A cinza que se formou na extremidade do cigarro devolve-lhe outras lembranças. É que também costumava esquecer a finalidade dos cinzeiros. Largava então a cinza, batida com o dedo, sobre o tapete de cores vivas, num gesto tão displicente que já agora ele não pode compreender como podia agir assim. Lúcia, sem protestar, vinha depois, pessoalmente, recolher os detritos, pôr em ordem os jornais do dia, a revista que ele deixara no chão, folheada num desfrute total. Perversamente, ele sentia prazer com todas essas maldades, como se tudo aquilo fosse necessário ao querer de ambos.

Nesse exato momento, está-se sentindo como um menino malcriado que alguém deve apanhá-lo e surrar impiedosamente. Não era maldade o que fizera antes?

Não sabe se deve entrar. Não lhe acode a coragem para abrir a porta e penetrar no interior da casa. Aquele lar, considera, não era seu, era da esposa, da meiga e resignada Lúcia que compreendia todas as suas dependências, o valor do banheiro, da cozinha, da alcova, e coordenava, para o prazer de ambos, a circulação do ar, a disposição dos móveis, e o lugar em que se sentavam os amigos que os visitavam.

Empurrou a cancela do jardim. Foi avançando por entre as roseiras floridas. Lembrou-se instantaneamente das mãos da esposa, de seu talhe fino e delicado percorrendo os canteiros, demorando diante das rosas; uma rosa diante doutra.

Abriu a caixa da correspondência. Nada encontrou... Quem teria recolhido antes as cartas e jornais? "Ela" mesma se incumbia desse serviço. Quando ele chegava ao gabinete, já estavam as cartas alinhadas sobre a carteira e o jornal aberto na página dos assuntos econômicos e financeiros.

Sob esse mundo de recordações, entrou em casa. Mas não jogou o chapéu sobre a poltrona; antes porém, conservou-o à mão e teve o cuidado de limpar os sapatos no capacho, repetidas vezes. Atravessou a sala de espera foi direto ao porta-chapéu. Depositou a capa no gancho mais alto que havia e recuou dois passos admirado daquele gesto que lhe parecia inusitado.

Afastou a colcha da cama, para não machucá-la, e se descalçou. Não atirou, dessa vez, os sapatos para o meio do quarto. Levantou-se, cansado, e foi guardá-los em sítio mais conveniente. Alguém havia posto o jornal por debaixo da porta. Apanhou-o, a sacudir o pó, e decidiu meter-se na cadeira da sala. Mas quando sentou, descobriu a luz deficiente. Naquela situação não podia ler. Largou o jornal com enfado, e, pela primeira vez, inteirou-se de que não sabia onde ficava o interruptor. Atravessou a sala, abalroando nos móveis; desencostou uma porta, nada. Não era ali a ligação. Retornou, abobalhado, inventariando os escaninhos do aposento, os retratos, os enfeites, até que, afinal, perto de outro móvel, deparou com o interruptor.

Não conseguiu, entretanto, fixar-se na leitura. A rigor, nem sabe mesmo se era na terceira ou na oitava página que ficava a secção de sua preferência. Depois de uma aplicação inútil para descobrir os assuntos que o interessavam, ergueu-se contrafeito. Diante dele, solenes, a mesa, os dois castiçais apagados, a toalha empoeirada e aquele sentido de móvel que não funciona mais, como se de museu fosse, simples e convencional peça para ser vista, admirada.

O corpo todo do homem parece acordar, exercitar-se, à procura de odores; primeiro, os da cozinha, de onde acudiam os cheiros saudáveis dos molhos; depois, os do quarto, da alcova em que ele amara Lúcia e por onde escapava a constante envolvência delituosa de esposa e amante, posta por igual na essência de jasmim, perdurante.

Acode ao quarto, tomando no ar aquele perfume que já não existe na pessoa amada. E, pela primeira vez, sente vontade de gritar, de proclamar-se arrependido, de confessar que pelos dez ou doze anos de casado, não foi mais que um deseducado, pouco atento ao matrimônio.

O primeiro impulso é ir-se dali, abandonar a casa, recolher-se a um hotel, demorar até tarde num restaurante, certo de esquecer o passado, para poder pensar seriamente nos dias que viverá só.

Mas contém-se. Quanto custou aprender a gostar do trivial!

Embora tarde, sabe agora, é também dona da casa.

A roseira

O amor que nasceu sem palavras, sem declarações tímidas, ditas a meia-voz, floresceu naquela casinha humilde do fim da rua. Fim de rua em que terminava a linha do bonde e começavam as tragédias da vida.

O bonde, indo e vindo, era o mensageiro dos que não podiam morar mais perto da cidade.

Até os últimos palacetes da avenida, a viagem no elétrico era monótona, triste. Os homens mal falavam, a bocejar o tempo todo; e as mulheres mostravam-se reservadas, silenciosas. Mas bastava o bonde despejar-se na reta final, adquiriam nova vida. O operário acendia o cigarro barato, soprava no ar a fumaça; a lavadeira alisava a cabeça do filho esperto, que teimava ficar no estribo. E o condutor, tornando-se íntimo, vinha estirar dois dedos de prosa com os conhecidos. Depois que se apeavam todos, ele virava a lança; dirigia uma última frase aos amigos. Era tempo de molhar a garganta no boteco da Tereza, onde o recebiam com honras especiais.

A casa de Valdemir ficava naquele fim de rua onde um palmo de terra custara mil cruzeiros ao mês, com

duzentos de entrada. Sabe Deus os sacrifícios que enfrentara para erguê-la! Mas aquele amor, nascido sem palavras, também construíra a casa de Valdemir. Agora, destacando-se das demais, é ponto de referência do zé-povinho do fim da linha.

– Onde mora por aqui o chapeado 34, seu moço? – perguntam.

E há sempre um lábio inferior estirado, apontando...

– Ali, ali, meu filho. Depois da casa do seu Demi.

Sempre assim, defronte, de lado ou um pouco adiante da casa de Demi.

O jardim da casa, prisioneiro de uma cerca de meio metro de altura, é a menina dos olhos do dono. Quem cuida dele, quem morre de amores por ele, é Valdemir. Então, dizem, tem lá uma roseira... Ai, Jesus!

Mas dizer verdade, Maria do Carmo é quem é mesmo a dona do jardinzinho. Faz-lhe o arranjo das trepadeiras e as covinhas no chão, tão delicadas, em forma de coração. Maria do Carmo nasceu para amar o seu homem e tratar daquele jardim, o mais bonito da rua.

E se dizer que eram estranhos os dois um para o outro.

Ela – depois foi que ele veio a saber – vendia miudezas numa loja. Estudava no grupo quando alcançou a idade de trabalhar; lia nas viagens do bondezinho, séria, compenetrada. A noite, ficava em casa fazendo aplicações para vender às amigas. Trabalhava – suando como todos os pobres – e vestia roupinhas simples, cheirando a sabão, mas bem passadas.

Um dia...

– Você me desculpe, mocinha. Eu... eu...

Custou a dizer. Sentia-se tolo, embaraçado em falar, de explicar-lhe que queria que lhe pregasse um botão no paletó.

Ela sorriu-lhe, abrindo covinhas no rosto rechonchudo. O botão, pregava-o, e quando necessitasse de mais favor, não tivesse acanhamento.

– A gente veio ao mundo foi para servir uns aos outros.

Tornaram-se amigos. E Valdemir foi precisando, primeiro, de segurar um botão, depois de reparar um bolso que se rompera. Por fim, já estava necessitando mais do que tudo isso, – da mulher que ela era. Mas não falou ainda aí. Não teve coragem. Esperou pacientemente que as coisas se encaminhassem. E o amor veio afinal sem palavras, sem declarações, sem nada.

O casamento não foi difícil, nem tardou. Pobre arranja-se de qualquer modo. Uma roupinha mais limpa, o perfume comprado a um amigo, e logo eles chegaram ao padre. Depois, veio o retrato, a recordação desses instantes tão felizes.

Maria do Carmo contempla agora a foto do casório, esmaecida pelo tempo. Valdemir está por trás dela, segurando-a pela cintura. "Que coisa engraçada! Como ele é sem jeito!"

Põe o postal na moldura outra vez. E se afunda no passado. Primeiro, o choque da notícia divulgada pela transmissão do rádio. O País estava em guerra. Depois, a convocação. O uniforme de militar, a formatura. O cabo de curso à frente do pelotão, os olhos rasos de água. E no dia das despedidas, afinal quando se foi o soldado e o homem, ela compreendeu que não gostava de Valdemir como pensava. Descobria então, nesse episódio, amor muito maior, muito mais fundo.

Percorre a casa, àquela hora, o pensamento posto na roseira. Era costume do marido regá-la todos os dias, quando retornava a casa. Aquele beijo simples e recatado em seu rosto – "Tudo em paz, Maria?" – e as gotas de água sobre a roseira de estimação faziam parte do amor que nascera sem palavras, sem declarações preparadas...

E diante da vida deles a roseira crescera, a dar rosas, tão bonitas rosas que, certa vez, a moça do casarão dos ricos viera pedir, uma que fosse, para enfeitar-lhe os cabelos...

– Foi o senhor quem plantou ela?

Ele mentiu:

– Não, senhora. Foi aqui a Maria. Ela tem mão de fada.

Tudo tolice, bondade dele. Sabiam os do bairro que a roseira era obra dele, feita pelas suas mãos ásperas e calosas.

Vê o telegrama mais uma vez. Valdemir vem vindo, está de volta.

Estende os olhos para o quarto da casa, um demorado olhar cheio de desejo que a ela própria envergonha.

O perfume que exala da roseira florida entra pela janela, acompanhado do zumbido das abelhas inquietas.

– D. Maria, é verdade que ele vem?

Ela estende o pescoço pela janela. As abelhas fogem. Na rua, D. Chiquita, com o ventre crescido, a tábua de lavar roupa debaixo do braço, tem um certo ar de expectativa.

– Vem, comadre. Vem.

– Eu bem que dizia! O cabo não é sopa, brasileiro ali só vendo para crer!

– Apareça à noite, viu? Fiz aluá de milho para os amigos.

A outra disse que sim. Foi embora. O bonde demorava no ponto; o condutor, no boteco da Tereza, queria também saber:

– Me disseram que seu Valdemir vem, D. Maria?

Ela não escutou bem o que lhe perguntava o homenzinho, mas anuiu. Está-se lembrando, agora, do regador. Ela quer ver outra vez Valdemir regar a roseira, logo ao chegar. Para que fora tanto trabalho, zelando-a todos os dias, senão para esse momento?

Caminha pelo corredor cantarolando a marchinha patriótica que fala em "amor febril". A vizinha, assomando a cabeça por cima do muro, mexe com ela:

– Alegre, hem? Meus parabéns. Já se soube de tudo.

– Oh! como vai?

– Não tão bem como você, que já está assanhada para a segunda lua-de-mel...

– Mulher, deixe disso! Ora!

– Olha a sonsa! É bem capaz de ele voltar e vocês não festejarem...

Riem as duas. E Maria do Carmo pressente que a sua vida vai retornar àquele ritmo manso, de poesia humilde.

Ela agora não sabe o que fazer. Avivou o fogo na cozinha, viu-se ao espelho mais duas vezes, e, como se não acreditasse na informação recebida, foi rever as últimas cartas do marido. "Será que ele vem mesmo?" Os minutos corriam, eram horas. E ela, aflita, achou melhor debruçar-se na janela, esquadrinhando a rua. "Não, ainda não vinha... Que coisa custosa, meu Deus! Como tarda!"

Instantes depois, quando Valdemir entrou em casa, ela perdeu a palavra; ficou zonza, meio ausente do mundo. E se jogou para a frente, de encontro àquele peito forte e largo:

– Meu bem!

– Minha mulherzinha!

Não dizem mas nada. São olhos, lábios, corpos que agora se comunicam. De repente, ela desprende-se dele, lembrada da roseira, e corre a buscar o regador.

– Valdemir, meu bem, a roseira!

Não disse mais nada. Queria que ele segurasse o aguador, que estendia, mas a mão, no gesto inútil, parou no espaço silencioso da sala. Os dedos dela afrouxaram-se de vez e o regador, caindo, estrondeou no chão.

Ela quer chorar, e ri; um riso histérico, de mulher bêbada, esbofeteada.

– Valdemir, eu não sabia... eu não sabia...

Ele não encontra o que falar. Sorri, simplesmente. E quando de todo a mulher serena, encalmando-se de encontro ao seu peito, confessou que uma granada – "uma bicha vinda assim, não se sabe de onde e por artes do cão, minha filha..." – arranca-lhe o braço direito.

Aquele momento de frustração, de derrota, não demorou muito. Maria do Carmo, já agora readquirindo a calma, penetrava-se de um orgulho que suplantava a compaixão que, momentaneamente, sentira por ele. O marido, de verdade, era superior ao homem que vivia em seu coração. Sorriu-lhe, então, recompensada. E apanhando o regador, juntos de amor, foram os dois para o jardim.

O perfume das rosas e o zumbido das abelhas cresciam sobre os dois dentro da tarde calma.

No Morro do Moinho morre um menino

Quando a noite desceu sobraçando nuvens, os vizinhos já estavam na casa de D. Délia. Uns sentados em caixões de querosene, outros, despreocupadamente, fumando no batente de pedras e canos de ferro que amparavam a possível queda do casebre de morro abaixo. As mulheres, as que mais gostavam do menino, falavam a meia voz, seguravam meizinhas, e por toda parte eram mãos, ossudas umas, pálidas e enveiadas outras, ora buscando vidros de remédios, ora mudando os lençóis da rede, ou, às vezes, balançando-a suavemente.

A conversa enchia o quarto e se despejava pela sala num sussurrar dissonante. O homem alto e corpulento que chegou, comovido, abraçou D. Délia. Era tão alto que precisou abaixar-se para livrar a cabeça do zinco do teto, e ficou vigiando o rosto da mãe do doentinho, as mãos caridosas que ainda se entrecruzavam à luz da lamparina fumacenta, numa perturbação dolorosa.

Respiravam homens e mulheres as mesmas tristezas, ou aquela tristeza maior de verem o menino à morte. E cada palavra que já agora escapava dos lábi-

os do homenzarrão, parecia tremer, falsear diante de seus olhos enlagrimados, agoniados, confusos.

– Bastião num morre não, num é seu Joaquim?

– É... num morre... Uai? por que haverá de morrer?

Tremeram-lhe as palavras, as bochechas do rosto, a imensidão do corpo. Ficou-lhe difícil a respiração. Tentando alienar-se inutilmente da cena, mudou a vista do menino para os homens e mulheres, a vizinhança que acudira pressurosa à infausta notícia, e imaginou que juntos viessem todos despertando de um pesadelo de queda em abismo.

Por que ele também mentia como os demais? Por que não dizia logo a verdade, que o menino estava nas últimas, prisioneiro de enfermidade incurável? "Morre, é caso liquidado, D. Délia. Vai-se acabar daqui para o amanhecer... Nem Santo dá mais jeito nele...

Mas essa verdade, que ele pensa e que deseja exprimir, não lhe sai de dentro, torta que está de solidária com a dor. Entalam-se as palavras mais reais na garganta; e no descompasso da respiração, da rouquidão da voz, escoa o mesmo julgamento cínico de Pedroca, Margarida, Fagundes, Anacleto... "Tolice, fica bom".

"Burro! Burro é o que ele é! D. Délia não merecia ouvir mentiras! Concedia-lhe uma amizade vinda de longe, desde quando se afeiçoara ao menino. Não é justo dizer que o esperto Bastião vai levantar-se e correr pelo morro assobiando a 'Ramona' numa pirraça à Maria do Carmo".

Curvou-se mais. Vontade de juntar a cabeça e pés, distender-se como a corda de um arco, ir-se pelos ares, dando um estalo como o demônio que outro dia apareceu no morro, metido numa farda de soldado...

Quando o povo do Morro do Moinho perceber o cheiro do enxofre, como o odor de noite junina, haverá de proclamar ter-se ido dali o Satanás com as suas mil astúcias.

– Pode levantar a cabeça, seu Quincas... O zinco da telha não é tão baixo não...

Olhou. A mulher do padeiro dizia-lhe algo mais, e ele não entendeu. Procurou suspender a cabeça. De novo, mãos e braços, dedos trêmulos, toalhas e lençóis, cabeleiras por cortar e cabelos encaracolados, passando e repassando pelo quarto, em romaria.

E a cabeça dele não pôde subir, que agora, era o próprio telhado que se abaixava, não apenas sobre ele, mas sobre todos. Toda aquela gente angustiada, solidária com a morte em perspectiva. Foi aí que ele avançou até a porta do quarto e sem saber o que fazer, parou, até que uma voz amiga, mas trêmula, convidou:

– Entre, seu Joaquim...

E o vendeiro entrou, e acolheu de encontro ao peito aquele corpo de mulher que lhe falara, e que ameaçava desfalecer agora. Estava encurvado, suando, os olhos presos na figura do negrinho enfermo.

– Bastiãozinho...

Debatia-se o menino no fundo da rede. Era um risco preto listrando o algodãozinho branco, encardido.

– Bastião...

Entaipado no desespero da morte, o menino ainda teve forças para olhar para o alto e avistar, quase pregado na folha de zinco do teto, o rosto do padrinho Quincas Beirão. Quis falar e não pôde. Um desfalecimento estava tomando conta do seu corpo.

O homem, de repente, sem que ninguém esperasse, debruçou-se sobre a rede; beijou a testa do menino. Alguém, como se contasse uma história de almanaque, dizia: "Seu Joaquim é doidinho por ele. Disque teve um filho assim, parecidíssimo com o pretinho. Foi, o menino morreu. Daí pra cá, virou infeliz. E só achava graça vendo o Bastião".

– Você num pode morrer, meu filho...

O vento chicoteou o zinco; a chama da lamparina fez um esse de fogo e fumaça, mas firmou-se. Foi quando o doentinho murmurou uma ou duas palavras. E o quarto todo se aquietou para ouvir aquela voz que parecia vir do além.

– Num... quero....

– Hem? Diga!

D. Délia principiou a tremer. "Ai! Ai! Que aquilo era mesmo horrível!" Bateu na lamparina. A escuridão, que estava em todos, tomou conta do quarto.

– Num quero areia quente... num quero!

Joaquim arredou da rede; foi sentar-se na sala. Queria respirar, tomar ar; o coração apertava-se-lhe no peito... Então era aquilo, o menino não queria morrer, descer ao chão duro, ressequido, sem a presença da chuva! Passou a comentar com os outros, como se fosse portador de uma explicação importante. "O menino não quer areia quente nos olhos... O menino está querendo chuva, que a terra fique molhada outra vez..."

O vendeiro esfregava as mãos, nervoso. Distendeu-se de repente, bateu a cabeça no teto, saiu arrastando os cabelos pelos caibros, topando nas coisas ali deixadas por descuido.

– Não posso mais mentir. O menino vai morrer, D. Délia!

Ante o olhar perplexo de todos, ele acrescentava como se o obrigassem a cometer uma indignidade:

– O enfermeiro me disse...

A voz da criança, violando o silêncio que se armava na casinha do morro, soava no mesmo refrão:

– Num quero areia quente, num quero!

– Ai, meu Deus!

Mãos solícitas sustentaram o corpo da mãe do menino. E Joaquim saiu para a rua, o corpo doído, o coração batendo apressado, enquanto no interior da casa, D. Délia gritava: "Meu filho não pode morrer, não pode!"

O vendeiro foi sentar-se na ponta da calçada; arrasado. Queria um bem enorme ao menino! Tudo fizera por ele. Pagara-lhe os livros das aulas do grupo; a roupinha do último Natal... E agora não podia dar jeito na vida dele, nem ao menos fazer que o céu se desfizesse em chuva...

Soavam os primeiros minutos da madrugada quando o menino, de vela acesa nas mãos, esmoreceu afinal. Um choro forte, entremeado de exclamações e desespero, entornou-se pela casa, enchendo-a de repente. Joaquim Beirão acudiu da calçada, sentindo que algo se rompia nele; abriu caminho, aos empurrões, até abeirar-se da rede e contemplara morte recortada na inocência do anjinho. E por estarem ruidosos todos, ele começou a gritar:

– Parem! Parem!

Como ninguém o atendesse, passou a insistir colérico:

– Quietos! Será que não estão escutando?

Ficaram todos calados, então. Mas só ele ouviu que chovia lá fora, que o menino não teria quente, a terra sobre os seus olhinhos de anjo.

Marru

Do Amazonas ao Ceará, uma eternidade. Marruano pensou não mais chegar à sua terra. Só depois de desembarcar em Fortaleza – "Êta marzão dos diabos! êta, Ceará!" –, de tomar o trem, viu que estava mesmo de volta; seguia para casa. Agora, no trem em movimento, cercado pelas árvores que despontam na vegetação rasteira, sente que vai voltar para deitar os pés no terreiro da casa, da casinha construída com Divina e a ajuda de Deus, todo-poderoso. Vai ter novamente, ao seu lado, a mulher mais robusta do lugar, a Divina, que entendia de quefazeres de cozinha e estava sempre entrançando pela casa do prefeito em dias de festa. Mostrara-se, a vida toda, a mulher decidida que era. Trabalhava em qualquer serviço, a qualquer hora. E ele tem certeza: mulher melhor do que ela não encontraria para ser sua.

O trem geme sobre os trilhos, e o homem assuntando, espiando fora a paisagem enfocada constantemente no quadrilátero da janela. Aquele mesmo caminho que vai fazendo agora, percorrera-o a pé, cabelos desgrenhados, cabeça zonza, o estômago reclamando o que comer.

Almoçou tucumã, sem lavá-la nove vezes; comeu quanta raiz encontrou; outra coisa não havia. E só avançou, só chegou à capital, porque acima de sua vida pobre e desprotegida àquela hora, havia as orações de Divina e a proteção do Senhor.

Hoje, lembra. Divina ficara agregada na casa do prefeito, adjutorando, auxiliando o povo que acudia à cidade, ou dela se ia, como se fora ele. Não sabe bem agora se foi fugitivo ou covarde.

A mania de ir embora, de não ficar na terra ressequida, tinha corrido por culpa do sol forte que chupara a seiva dos campos. Não fora assim que perdera o seu roçado, vira o milho morrer e o pasto comburir-se no braseiro do sol?

Chega! Chega de relembrar amargura! O melhor é estar regressando, sentindo o enorme prazer de caminhar para casa. E Divina? Onde andará a sua Divina? Faz o balanço do ganho. Possui três mil cruzeiros, um anel de ouro, duas pedrinhas de brilhante. Comprou fazenda em Manaus e regalos para Divina. Será que ela ainda gosta de usar medalhinhas de ouro? Dentro do peito, uma voz responde: – Gosta! Mulher de fé jamais esquece a sua crença!

Segura a medalha de ouro na mão, apertando-a instintivamente. Vê Divina caminhando ao seu lado para a missa das nove, aos domingos, a comentar as ocupações da casa do prefeito, o almoço para mais de quinze pessoas.

Uma dúvida, no entanto, invade-lhe o cérebro. Será que encontrará ainda as mesmas pedras da estrada? As mesmas cercas? Aqueles dois pés de angico? O rio estará passando pela ponte velha, arriada? Terão feito

a anunciada ponte nova? No seu tempo, cada prefeito eleito prometia outra ponte; melhorar a rodagem.

E as corridas de cavalo? O Azulão continuaria mais árdego, o ganhador de sempre?

– Passagem!

Acorda. Pode dizer que estava dormindo. Estende as mãos. O condutor picota o bilhete, continua arrastando-se pelo interior do carro, apregoando:

– Passsagem!

No mundo, de ruídos estranhos, só o tique-taque dos dormentes sob o peso da composição que corre, não pára, enquanto bate o coração do homem por Divina.

Mais duas estações, e estará de novo em sua terra, revendo a capoeira, o terreiro cheio de crianças, e a mulher, na janela, de seios fartos, vendo o sol se pondo, cuidando que o marido não mais chegasse. Que vontade de gritar, de se fazer ouvido pela esposa: "Eu vou chegando, bichinha! Eu vou voltando! Sou eu, Divina, o teu Marru".

Ora, se vai gritar! Assim que o descobrir, ainda de longe, gritará: "O Marruano voltou, mulher! Daqui não saio mais, por nada deste mundo!"

Os vizinhos, a gente toda do arruado, mais que depressa virá colher novidades, saber como viveu, que bichos enfrentou no Amazonas. Anacleto estará por perto, impertinente, a indagar o tempo todo: "Matou muita cobra, compadre? Matou mesmo?"

Que cobra! Viu só jacaré, muitos. O resto, tudo bobagem. Cortou seringa, foi espoliado, fez vida de qualquer forma. Falar a verdade, cortou duro para juntar dinheiro e voltar. O importante, sabe, era ter voltado.

Passa a mão pelo rosto. Repousa outra vez a vista do mundo que corre lá fora, passando, passando, sumindo pela janela aberta, devoradora de poeira. Na cabeça estão as palavras da esposa: "Marruano voltou, gente! Marruano, meu Marruano!"

– O trem está chegando!

– Tira os embrulhos, menino!

– Chega, arruma as malas!

Assustou-se. Um alegrão por cima. Havia chegado. Procurou a pouca bagagem que trouxe; debruçou-se na janela. Queria que os amigos o vissem. Era ele mesmo, o Marru que voltava para ver Divina, e que trazia no bolso só uma medalhinha de ouro para ela. Viera de primeira classe, luxando, bancando o importante!

O ruído dos freios, o vozerio solto, alastrado pela estação, precipitaram a parada do comboio. Marruano pode dizer agora: voltei, cheguei, estou novamente na minha terra. Desce do carro, estira as pernas, respira aquele ar, ar todo seu. Encontrou-se com Anacleto:

– Credo!" Vancê de volta?

Foi abraço para lá, abraço para cá.

– Cadê Divina, homem?

– Não sabe de sua volta não. Ninguém...

Despede-se do amigo que o quer reter numa prosa fiada. Segue direto para casa, satisfeito, feliz, afundando os pés na areia, pisando na relva que cresce no largo da matriz. Daí à sua morada é um pulo. Ganha a estrada, que estreita. O sol está alto, esbate as árvores pelo chão.

Sente-se rejuvenescido. Mais um quilômetro, pronto, Divina lhe estenderá os braços, falando de suas saudades, de... de que mais, meu Deus? Apres-

sa os passos. Se não fosse aquela carga, ia mais rápido, voaria. Assim mesmo, por que não fazer um sacrifício? Avança. Pode avistar a casa... Ah, a sua casa... a sua capoeira, o terreiro tão limpinho, tão bem cuidado? E na janela, por Deus, por São Francisco de Canindé, Divina, a Divina dele, olhando-o como se não quisesse acreditar nesse regresso inesperado, súbito. E sobre tudo, sobre a paisagem, o sol, o mundo todo, a voz dela:

– Marru! Marru!

Correu. Abraçam-se. Marruano entra em casa. O mesmo quarto, o mesmo corredor. Dá uma viajada dentro da palhoça. Foi mais longe do que do Ceará ao Amazonas. Voltou para a sala; depositou os embrulhos, sentou-se num tamborete. Esqueceu a capoeira, esqueceu de perguntar pelos amigos, nem quis saber notícias do rio, da ponte, da cidade. Está em casa; aquela é a sua casa, e Divina é novamente dele.

– Um tiquim dágua, Divina! Você compreende. A emoção mata a gente.

A mulher largou-se. Entrou. Demorou, demorou. Ele ouviu o ruído do caneco descer dentro da jarra, o tcheco-tcheco na água, o tinir do metal nas bordas do barro. Estava em casa... O ruído do caneco batendo nágua era o sinal de sua chegada, a lembrança de Divina que assim voltava, de cheio, ao seu coração. Há tempos que não escutava ruído tão familiar, tão seu, como aquele tcheco-tcheco escutado agora na cozinha, as tacadinhas nágua, o teco-teco, quando alguém enfia o caneco dentro da jarra.

Divina voltou; o caneco na mão, a água pingando no chão, o vestido de chita molhadinho na frente do corpo.

– Toma, meu filho...

Riu. Ela riu também. Aí ele compreendeu que era um homem realmente feliz. Levantou-se; abriu os braços e começou...

– Lá, no Amazonas...

Divina pensou que ele ia contar uma história de cobra, de jacaré que come gente, de bicho que tem chifre e corre dentro daquele mundão perdido por onde o marido se ausentara.

– ... eu 'stava, o tempo todo, mulher, só com saudade de você.

Baixou a vista, encabulado pela declaração. Acendeu o cigarro e foi ter à janela. Divina entrou para guardar o caneco. Encabulada também, na cozinha, suspendeu a saia com a mão e limpou os olhos largamente felizes, que teimavam em chorar.

Marru, entre uma tragada e outra do cigarro, pensava numa frase bonita para entregar a medalhinha de ouro.

A viagem definitiva

Fora um forte, um aventureiro. Assim, perdera o melhor de sua vida de terra em terra, querendo sempre ter mais dinheiro e desfrutar a existência larga, que idealizara, de vinhos e mulheres. Os dias, entretanto, não lhe vieram como imaginara, e ao passar dos anos, via-se vencido, atormentado pelo mal insidioso que o consumia. Sabia que ia morrer, e, já agora, estava certo de que não mais possuiria mulheres nem vinhos; – teria de sujeitar-se à pequena aposentadoria. O pior de tudo mesmo é que em seu espírito, ele sentia a marcha da doença, as circunstâncias, o repouso obrigatório na cadeira de balanço, e os acessos, repetidos, da tosse incontrolável que o sacudia. Maior, muito maior no entanto, a luta para encobrir a situação aos amigos que o vinham ver.

Os de casa respeitavam-lhe todas as vontades. Escondiam dos estranhos, o quanto podiam, aquela desesperadora situação. Ninguém referia a possibilidade de que ele viesse a falecer de um momento para outro, nem tampouco que a enfermidade, minar-lhe a existência, àquela altura, fosse irreversível. Tudo como se não existissem suores frios, tosse, dispnéia...

Na sala arejada, de portas para o alpendre, Juvêncio recebia os amigos. E a esses, que o escutavam acumpliciados, contava-lhes as aventuras, construindo, lentamente, a perspectiva de mais viagens – "é só melhorar, eu vou voltar aos velhos tempos".

– Sabem, vou-me engajar outra vez. Ainda não vi o mundo como desejo. Vocês compreendem. Já fiz tudo na vida. Até em mina de ouro trabalhei certa vez. Isso foi em...

Evitava a tosse. E quando a providência não lhe era possível, tossia discreto, arroxeado, desculpando-se:

– Essa maldita bronquite não me larga. Não acham que é do tempo? As gripes de hoje em dia...

De braços abertos, trêmulos, com aquele ar tão seu de viajante infatigável, discorria sobre as peripécias de sua vida. Depois, calava-se como se tentasse ver, na fisionomia dos circunstantes, algum gesto de descrença às suas palavras, ou de reconhecimento ao seu estado de saúde. E então, como que encorajado, prosseguiu com mais esforço; a tosse retornava, cruel, insistente, e ele novamente, numa tentativa heróica, refluía o espasmo, dizendo:

– Ai, que coisa! É assim, quando me entusiasmo, fico sem fôlego. Começo a querer... a querer... tossir... Ah! Ah! Ah!

Ninguém lhe perguntava como ia de saúde. Compreendiam todos o seu estado lastimável, e o escutavam repetir, duas, três, mais vezes, os mesmos episódios. Havia sido um grande viajante; estivera na África, fora elogiado certa vez por um ministro de Estado...

– Sim, sim...

– Nasci para viajar, meus amigos. O que me mata é essa prisão, esta maldita cadeira!

Quando se retiravam as visitas, D. Elvira, – mal sumia na calçada o ruído dos passos – acudia no interior da casa, pressurosa, com a proposta de sempre:

– Juju, me deixe chamar o médico. Esta situação não pode continuar.

Mas a mão estendida, os olhos repreendedores do filho, impunham-lhe silêncio. Era uma voz desgovernada, traumatizada, que ela ouvia:

– Tolice, mãe, Vá ver as coisas na cozinha. Me deixe em paz. Estou bem, estou melhor...

A velha, mal se retirava, outra vez a tosse sacudia o corpo do filho.

Caído na cadeira, suando, Juvêncio não se desapegava de seu mundo de recordações; via as fotografias que pendiam nas paredes da sala. Via-se a si próprio empunhando um rifle numa caçada no Amazonas. Noutra, estava sentado num banco de conhecida praça de uma cidade mineira... Em cima da mesa, numa moldura, o seu sorriso esfuziante; o pé no estribo de um automóvel, como se quisesse dizer: – "vou partir, vou viajar, adeus!"

– Porqueira de médico!

Cerra os olhos. Ah, como se sentira feliz dizendo à Rosália que a despeito de tudo possui coração, que sua vida tem sido realmente uma luta, luta contra todos, contra os cuidados da mãe, contra aquela mania de médico! "Porqueira de doutor!"

Contristado, ouve as cirandas na voz alegre dos meninos que aproveitam a sombra na calçada e o vento bom que sopra.

A noite caiu de vez. Imobilizado na cadeira, Juvêncio escutou, pelas pisadas na rua, que os vizinhos chegavam do trabalho. Viu seu Fulgêncio, pai de Rosália, setentão, o pão debaixo do braço, lerdo no andar, respirando com dificuldade. Lembrou-se ainda mais da filha. Rosália logo mais estaria ali, com ele, como prometera, para conversar. Visita anunciada, mas adiada... quantas vezes? Por Deus, será que a moça tem medo dele, de sua... Não, não está doente. Aquilo tudo que antes é conseqüência da vida desregrada que levou correndo o mundo.

Ajeitou o colarinho, apertou o laço da gravata. De onde estava podia ver-se ao espelho, sentado na cadeira, metido na melhor roupa branca que tinha, bem talhada. "Tipo da roupa de um sujeito acostumado a viajar..."

Suspirou fundamente. "Será que ela desconfia que eu estou ameaçado de..." Não pensou mais. Repugnava-lhe o pensamento triste.

– Mãe!

A mulher veio correndo. Parou, aflita, no vão do corredor.

– Que foi?

– A senhora disse à Rosália que estou doente?

A voz dela reforçava-se por gestos de convencimento.

– Não, não sou louca, meu filho! Ninguém sabe disso.

– Sim, está bem. É que eu estive pensando... às vezes, a gente pensa tolice.

Novamente, calado. Para que falar "na doença"? Não terá mais do que um ligeiro enfraquecimento. É isso que todos deviam compreender. Com a graça de

Deus, aquela morrinha passaria, e ele voltaria a viajar, a ser o mesmo de sempre...

– Era só isso, mãe.

D. Elvira ia retirar-se, falou ainda:

– Vai haver quermesse logo mais.

– Onde?

– Aqui, na nossa pracinha...

– Ah...

Quando a mãe retirou-se, ele identificou os ruídos da rua.

Ah, o povo preparando a quermesse! Ergueu-se da cadeira, foi debruçar-se na janela. Os meninos estavam olhando os botes, o cavalinhos da ola, e, de vez em quando, o vigia repreendia um mais afoito que ia meter-se nos brinquedos. Mocinhas, que voltavam da aula, paravam vendo as amigas, mais felizes do que elas, a sobraçar flores, a esticar os cordões de bandeirinhas de papel...

Ah, se ele pudesse ir à quermesse!

Tosse. Repete-se o acesso. Volta para a cadeira, o mais depressa que pode. Antes que D. Elvira surja no corredor, mais uma vez ele grita:

– Não é nada! Não chamei ninguém!

Ouve os passos que param; e retrocedem. Estremunhado, recosta a cabeça suada na palhinha da cadeira, o pensamento solto, fugindo dali, indo buscar Rosália...

Vem, vem, Rosália...

Rosália está diante dele. Conheceram-se, faz algum tempo, quando estudavam. Depois, vieram as viagens, e eles, praticamente, interromperam a amizade mal começada. Agora, Rosália dava-lhe novo sopro a esse bem-querer, parecia retomar a simpatia dos dias

idos. Não casara... Devia andar pela casa dos trinta, mas assim mesmo gordinha, tentadora...

– Você não diz nada... Por quê?

Ele tosse. Desabafa uma desculpa:

– Não sei o que é isso. Toda vez que me emociono, começo a tossir...

Riem. Ela brinca com ele:

– É claro. Você se engasga de tanto falar, de tanto contar aventuras...

Os assuntos vão-se encaminhando. Falam em casamento daí a pouco. Todos os conhecidos se casaram, menos eles. Por quê? Juvêncio aproveita o assunto. O destino, no entender dele, parece agora querer uni-los para sempre... Poderão ser felizes, percorrendo o mundo, ir a todas as partes da terra...

– Sempre idealizei uma vida de viagens. Ter dinheiro, beber bons vinhos...

– Juvêncio, você está brincando. Nós já passamos. Envelhecemos.

– Envelhecemos?

As meninas, na pracinha, principiam a cantar. E ele, de repente, se sente tomado de pernas, seios, de cheiro de mocidade, de alegria, de vida.

– Envelhecemos?

A palavra não faz sentido, não lhe soa bem.

– Estamos fora de moda, se você quer outra definição. Não adianta mais.

Ele sente-se aniquilado. (E dizer que esperou por isso, ou que esperava somente pelo instante de ela lhe prometer eterno amor!) Está cansado, sem ação. O peito parece partir-se ao meio, lanhado pela dor. Procura resistir. Não pode.

– Sabe... Você talvez... eu... eu... não estou doente... É só emoção...

– Eu sei... Mas, não é por isso. Nem pense.

– Sim, não estou doente. O que dizem... o que dizem de mim é mentira, é invenção... é in...triga.

– Eu compreendo, Juvêncio. Não pense asneira. Não falei por mal.

Levantou-se. Tremia também.

– Com licença. Tenho de ir embora. Até mais.

Foi saindo; os passos confundidos pela tosse que ele não mais podia conter. D. Elvira acudiu outra vez, a ver o filho, mas só enxergou o lenço erguido, à altura da sua boca, pela mão magra que mais parecia um feixe de nervos.

– O médico... pode chamar o médico...

Um foguete estrondeou na pracinha, depois, outro, outro... (Seios, pernas, braços, prendas, meninas, mocidade, namoro, vida...) A banda de música irrompeu um dobrado, forte, chanaroso. Juvêncio olhou para os retratos, para as recordações de um passado pregado nas paredes, e sorriu.

– Mãe...

Carinhosa, a velha aproximou-se. E ele, com esforço, estendendo-lhe a mão, confessou:

– Mãe... Vou viajar.

O tocador de bombo

Chamava-se Joaquim, mas era Quincas, e havia quem o tratasse por Quinô. Descendendo de família numerosa, mas aplicada, muito conhecida em Pacatuba, ele, infelizmente, tocava bombo. Era baixo, simplório, e vivia curvado devido à incômoda posição de tocar o instrumento. Jamais dissera aos outros, mas sentia-se imensamente infeliz, sem a menor consideração artística. Qualquer pessoa podia tocar bombo... E tocar bombo não era ocupação para um músico de sua linhagem, vindo de família pobre mas ilustre nas artes. O pai, o velho Esperidião, regera a banda de música de Guaiúba e Pacatuba; o irmão mais velho havia sido solista de fama, na flauta, convidado de honra das serenatas do lugar. Chegou, certa vez, a participar de uma seresta em Baturité, terra de mais progresso do que Maranguape e Pacatuba. E o que fazia ele? Tocava bombo! Por várias vezes tivera desejo de chamar seu Osório, que substituíra o velho Esperidião na regência da banda, e dizer toda a verdade que lhe doía: "Olhe, mestre, eu vou mudar de vida, deixar de tocar essa porqueira de instrumento..." Na hora de decidir, no entanto, morria-lhe a coragem, e

o Joaquim, Quincas ou Quinô, não reunia forças para resolver o seu problema. E continuava firme, e reconhecer que aquilo era um destino amargo. De futuro, poderia ser que lhe acudisse a coragem; largaria então o instrumento aviltante para ser músico importante. O pai aprovara como maestro; o irmão brilhara na flauta, e ele... era demais continuar tangendo o bombo!

– Seu Quincas, o mestre 'stá mandando tocar a primeira!

– Que primeira? Que primeira!

Totonho explicava: – a primeira batida da chamada, homem! Vai haver ensaio hoje. Então, você não sabe que chega o novo delegado, e o prefeito vai oferecer a ele uma festança?

Enquanto o outro se distancia, Quinô martela o bombo, pausado, a princípio, depois furioso, como se desejasse arrebentar-lhe a pele. Adiante, Totonho vigia-o, sem nada compreender, vendo a loucura do músico. Descobria, então, que o colega odiava o bombo.

– Que é? Viu assombração?

Totonho despertou:

– Nada, estava só espiando o baticum...

Afasta-se mais. Quincas suspende o braço e desce-o impiedosamente sobre o bombo. Há um bum-bum-bum-bum alvoroçando a meninada da cidadezinha.

À hora do ensaio, a banda formou em frente da casa do vigário; depois, saiu em desfile. Atrás da orquestra, como sempre, os meninos. Não ligavam os

outros músicos. Para eles, só existia o bombo executado por Quincas. E Quincas, diante daquela atenção em que nada o honrava, inchava como se fosse estourar, com vontade de explodir, de desaparecer da terra.

Mas os meninos, insensíveis, riam de sua fisionomia, da batida do bombo, do bum-bum-bum-bum que alvoroçava, trazendo-se curiosos às portas.

– Olha o Quincas do bombo! Bum-bum-bum!

Quinô, pálido, arreliava-se ora com um, ora com outro:

– Vá brincar com a mãe!

Mestre Otávio ergue os olhos por cima dos óculos-de-tartaruga e limpa a garganta. A vontade é ralhar com o tocador de bombo, que continua furioso, metido nos seus complexos, marginado por um sofrimento que lhe parece eterno, vibrando o bombo que estronda na rua, marcando a cadência da tropa.

A meninada, não se sabe se de alegria ou de birra, não larga a banda; acompanha todos os gestos do Quincas, satisfeita, feliz.

Para ele, no entanto, é enorme o padecer. Andar com o bombo no desfile, passando perto das mocinhas, da Zefa, da Maria, é tormento, é provação. Sente arrepios quando pensa na triste figura de seu corpo com o bombo plantado sobre o estômago, projetando-se à frente como se estivesse esperando criança! Aquilo é indecente, deprimente mesmo!

Tem vontade, às vezes, de dizer nomes feios, perder a disciplina, atormentado pelo bombo que lhe pressiona o estômago, calcando-lhe as vísceras numa postura ultrajante, ridícula. “Se ao menos ele pudesse solar no bombo!...” O pensamento é idiota! Em bombo

ninguém pode solar valsas. E ele deseja, ardentemente, um instrumento em que possa dedilhar, sozinho, os acordes de bonitas valsas. Por isso, ao desfilar, é um pensar eterno. Procura, então, não olhar para os lados; esconder-se atrás do zabumba que lhe toma a metade do corpo.

– No bombo, o Quincas não enxerga ninguém!

É muita pose!

E, ele, cheio de vontade de largá-lo no meio da rua, explicar que não o aprecia, que o odeia! Não gosta de tocar bombo! Queria tocar pistão, flauta, violão, fazer serenatas como o irmão!

– Quinô!, me dê duzentão pela pose!

O homem bate no bombo com força. Fustiga-o, sustenta firme a cadência da tropa.

O maestro, à frente, recua um pouco para o elogio merecido:

– Ótimo! Cada dia você melhora mais!

E o desventurado músico cerra os olhos. E cresce ainda mais a vontade de estourar, de explodir, de desaparecer da terra...

Quando chegou o novo delegado, houve festão. Quincas compareceu com o bombo, a encolher-se, envergonhado. Não queria mostrar-se. Mas o delegado apreciava uma banda afiada, conhecera o velho Esperidião; fez questão de falar com o tocador de bombo:

– Seu Quincas, fora de forma!

Foi o homem livrar-se das atacas de couro, jogar o maldito instrumento ao chão. Não conseguiu. Quis sair com ele do meio dos músicos, enganchou-se. Der-

rubou os pratos com estrondo. Já aí não tinha cor, estava pálido, vexado, a ponto de dar um ataque. O mestre apressava-o:

– Não demore, seu Quincas!

Num esforço maior, desvencilhou-se do instrumento. Aproximou-se do delegado, trêmulo. Não sabia o que fazer nem o que dizer. E ouviu o homenageado, solene, dizer-lhe então:

– Olhe, seu Quincas, não é qualquer pessoa que sabe tocar bombo como o senhor. Meus parabéns!

A fama daquele bombo, mau grado do tocador, aumentava sempre; crescera, espalhava-se por toda parte. Quando se falava em músico competente, vinha logo à baila a execução do Quinô. Na banda, era a linha-mestra, o sustentáculo do ritmo. Por isso, tratava-o o maestro na palma da mão, dispensava-lhe toda consideração. Só não o compreendia sorumbático, arredio...

– Seu Quincas, que há na sua vida?

O tocador encabulava-se.

– Não há nada não.

– Se quer um bombo novo, mando buscar outro na capital.

– Não senhor, não... Eu...

Teria feito algum gesto de desespero? Tudo, enfim saía-lhe diferente. Depois de uma semana, chegava a Pacatuba um bombo novo. E só se falou nele durante dias, na quermesse da padroeira, no mercado público, na avenidinha do lugar...

Um dia, veio a notícia de que, em São Paulo, rebentara a revolução. A banda dissolveu-se; músicos,

requisitados à pressa, embarcavam para a capital, de onde os contingentes partiam. Foi um dia de felicidade para Joaquim. Graças a Deus, livrara-se do deprimente instrumento. Viajou para Fortaleza. Agora, era matar ou morrer; sentava praça.

Na capital, alistou-se num Provisório. Aquilo era a fuga, a hora que soava, de libertação dos seus complexos. Até que enfim conseguia ser soldado igual aos outros, mas não a um músico de baixa categoria, tocador de zabumba.

A fama, entretanto, corria-lhe à frente. No quartel já lhe conheciam a arte, o milagre que ele podia obter do instrumento vibrado pelo seu braço rijo. Da praça para o cabo, do cabo para o sargento, do sargento para o tenente, e deste para o comandante, voou a notícia: – "Toca bombo como ninguém!"

E dia veio, tal como ocorrera em Pacatuba, em que Quincas foi posto fora de forma.

– O senhor sabe tocar bombo?

– Sei, sim senhor. Mas toco mal. Sou um pobre músico do interior... eu...

Desfilou o batalhão pelas ruas da capital; era a parada de despedida. Lá estava o Joaquim, Quincas, Quinô de Pacatuba, alçando o bombo com firmeza, martelando-o raivoso.

Garbosa, a tropa marchava entusiasmada na cadência do bombo. Quinô, entranhado de ódio, do terrível ódio que se avolumava em seu peito, mudava de cor, passava de vermelho a amarelo ao mesmo tempo, numa vontade de morrer, de finar-se naquele próprio instante. Morrendo, haveria de entrar no céu tocando bombo?

Martelava o instrumento, de cabeça baixa, olhando as pedras do calçamento... Reconhecia-se deprimido com aquele bombo descomunal, o maior que já tocava em toda a sua vida, pressionando-lhe o estômago, o coração, a vida inteira.

No campo da luta, meses depois, foi morto pelos estilhaços de uma granada. Numa das hastes da sua cruz, feita pelas mãos de bondoso soldado do batalhão, ficou escrita aquela derradeira frase:

"ORAI PELO NOSSO TOCADOR DE BOMBO".

Menino de recado

– Como? Repita outra vez.

O caboclo alto, espadaúdo, não parava de rodar a aba do chapéu nas mãos indecisas.

– Vão matar o velho – disse.

– Matar o coronel?!

Era de ninguém acreditar. Zé Matias girou sobre si mesmo, como um pião a prumo, para largar-se na cadeira de espreguiçar, soprando forte. De repente, como se a confirmação do outro não valesse fé, ergueu-se, a querer saber os pormenores outra vez:

– Reconte tudo... – esmiuçava. – Não acredito que Jesuíno mande fazer o "trabalho" no compadre. Por quê? Destrave a língua, seu diabo!

O homem repisava:

– Que vai, vai. Só não sei o motivo, que birra é.

– Ele viu você?

O outro espantou-se:

– Deus me livre! – E se metendo em voz de boquejo, voltou a explicar: – O senhor sabe, eu namoro a Lica, empregada dele. A gente conversava no escuro, no fim do corredor, quando ele chamou o Minervino, e ditou a embaixada.

– Que embaixada?

Repetia: – “Vá capar aquele velho safado. Agora, que não gosto de enterrar ninguém de manhã”.

Zé Matias segurou a ponta do queixo, basbaque. Estava ali em que dera a inimizade dos dois. Tudo começara por terem os bichos do velho Zuza furado a cerca de Jesuíno. Das reclamações inamistosas gerara-se uma mágoa sem tamanho. Vieram as eleições. Zuza, bandeando-se para a oposição, assegurou a vitória do candidato hostil ao outro.

Sentou-se na cadeira. A ordem de matar o coronel o surpreendia. Afinal, eram amigos.

Não podia, naturalmente, deixar Jesuíno mandar assassinar o amigo, ficar em casa de braços cruzados. Isso nunca! Metia-se no embrulho. Mandava portador dizer-lhe o que se tramava.

– Sabe, – começou, limpando o pigarro da garganta – você mesmo devia ir comunicar a malinação...

Não continuou. Pela fisionomia que o empregado fez, à proporção que expunha o pensamento, sentiu que era desagradável a incumbência.

Foi a vez do outro pigarrear e ajuntar que já fizera muito vindo contar o segredo, que ficava de lado, pois pobre em questão de rico acabava sujo de sangue.

Zé Matias concordava... Podia mesmo comprometê-lo.

Levantou-se da cadeira; puxava a perna enferma; o pensamento rolava à procura de quem pudesse ir levar o recado. Os trabalhadores estavam ocupados, longe, consertando cercas... O capataz, àquele dia, fora esperar ao trem parente que chegava. A cozinheira... Diabo! Alguém havia de estar desocupado, um menino... Por que não um menino?

Lembrou-se, aí, do filho da lavadeira. O negrinho Azulão devia andar de cambulhada com o seus filhos, a armar brincadeiras. Arrastou-se até a extremidade do alpendre, que abria vistas para o terreiro da casa, na tentativa de encontrá-lo.

Depois, chegou-se à janela, arrimado à perna sadia, e adentrou a voz pela casa:

– Minervina, tu viu o Azulão por aí?

A voz do menino, gasguita, estalou do outro lado do alpendre.

– Deixa, mulher, já encontrei ele.

Não demorou, a cara do negro assomou ao nível do muro. Largara os melões pelo chão e viera, surpreso, atender ao patrão. Que queria dele o aleijado? – indagava-se, tímido.

– Ora, você aí, e eu lhe procurando! Venha cá.

Azulão fez menção de arrodear o alpendre, tomar pelo portãozinho. Zé Matias atalhou-o:

– Pule o muro, logo!

Tendo-o diante de si, continuou:

– É ir correndo, chispado, à casa do velho Zuza! E dizer a ele que o Jesuíno vai mandar matá-lo. Entendeu?

O menino aquiesceu num gesto de cabeça.

– Repita!

Azulão, meio assustado, mastigou o recado, tropeçando os nomes.

Zé Matias consertava:

– Repare direito que o nome do homem é Jesuíno e não Jesino. Entendeu? – Enfiou a mão no bolso, a pescar os trocados. – Olhe, eu ia lhe mandar sem dar nada. Mas pago o serviço, ouviu? E sabe por quê? Porque quero o trabalho seja feito rápido.

– Sim senhor.

– Mas tem de ser ligeiro; é questão de morte!

Recomendava ainda, como se não se desse por satisfeito:

– Veja como procede! A missão é muito importante! Você terá de chegar primeiro do que o pistoleiro.

Azulão guardou o dinheiro, açulado pela vontade de logo verificar quanto lhe deu o homem. Enquanto largava, ia tocando nas moedas com as pontas dos dedos, tentando adivinhar a importância recebida.

O patrão, encostado numa coluna do alpendre, fazia-lhe acenos para que corresse. Gritava:

– Corre, menino do diabo! Corre!

Mas o moleque não tinha pressa. Primeiro ia contar os trocados. Parado debaixo da frondosa oiticica do caminho, vigiando se vinha alguém, deu balanço na fortuna. Estava rico! Tinha quinze cruzeiros e sessenta centavos!

Não era pouco, reconheceu, para levar ao velho Zuza a notícia de sua morte.

Guardou o dinheiro no bolso. "Então, não se lembrava? Ia mesmo deixar de comprar a faquinha que vira na feira? Num instante, decidiu. Se tomasse o atalho, podia agora comprá-la sem contratempo algum. Quantos minutos levaria isso? Cinco? Por cinco minutos, o pistoleiro não mataria seu Zuza.

Levantou-se com a intenção de ir ao barraqueiro das facas.

Mal se afastou, deparou com os primos, filhos de sua tia Zulmira, pretinhos desocupados que se divertiam tangendo bolas de gude.

– Vem cá, bestão! – gritaram-lhe.

Azulão, importante, explicou:

– Não posso demorar. Vou levando um recado.

– Deixa pra lá! – falou o maiorzinho.

– Você já ouviu falar em bila de aço?

– Bila de aço?

– Sim, bila de aço! – confirmou.

Aproximou-se curioso. O primeiro, que se chamava Neco, metido a entendido, esclareceu:

– É esfera de rolamento de carro. Quando a gente bate com ela numa bolinha de vidro, a outra se lasca logo.

Azulão arriou-se. Desejava ver de perto aquela maravilha. Reteve a esfera entre as mãos, admirado.

– De aço? Mais dura do que bolinha de vidro?

Neco ajoelhou-se também:

– Bila de vidro é nenê. Espatifa num instante.

– Tu comprou esta? – perguntou Azulão.

– Não! Foi o chofer de seu Zuza que me deu ela.

– Zuza?

– Sim, o motorista do fenemê...

O filho da lavadeira levantou-se, sobressaltado:

– Zuza? – e depois de repetir, surpreso – Zuza? Olhe, não posso demorar mais. Vou à casa dele, com um recado de seu Zé Matias.

Saiu. Agora havia pressa de chegar à praça principal, encontrar a rua da feira, comprar a faquinha, e abalar, se não...

Esbaforido, parou diante do barraqueiro. Ia pegar na faca que lhe apetecia, mas o delegado, que vinha perlongando a ronda, encostou-se. Vendo-o de faca na mão, reclamou:

– Larga essa desgraça, menino! Você não tem idade!

Mais perto, reconhecendo-o:

– Espere, você é o filho da lavadeira do Zé Matias? Conheço bem sua mãe. Mulher para mais do trato. – Pôs-se a enrolar o fumo na mortalha amarelada. – A faca pra quem é? Pra você?

– Não senhor – mentiu.

– Logo vi. Me disseram que você não é travesso.

A barriga crescida da autoridade arqueava-se sobre o mostruário do barraqueiro. Continuou:

– Se veio comprar faca de cozinha, pelo dinheiro sei. Quanto trouxe?

Azulão entalou.

– Dez cruzeiros? – insistia o delegado.

– Sim senhor – confirmou o menino, mentindo.

– Pois então! Era o que eu pensava.

Apanhou uma faca de folha comprida, e se voltando para o vendeiro, que escutava, perguntou: – Você tem disposição de conceder um abatimentozinho?

– Se o senhor mandar...

– Pois eu quero! Vai levá-la – disse, virando-se para o menino – por nove cruzeiro. O troco é seu.

Azulão, trêmulo, pagou a faca, enquanto o delegado arrematava para o vendeiro:

– Conheço a mãe deste moleque, desde pequena. Foi a mulher mais bonita que conheci. O marido dela morreu numa quermesse. Não era boa coisa na vida. Depois de uma pausa, acendendo o cigarro que estava a ponto de desfiar-se: – O negrinho promete. Gosto de menino esperto.

Azulão recebeu a faca. Recomendava a autoridade:

– Embrulhada, para que ninguém possa dizer que você é malandro. Agora, ligeiro, que devem estar precisando dela para limpar a carne.

Empurrou o menino de volta ao sítio.

– Correndo, cabra! – intimou-o.

Azulão disparou. Distante, voltou-se. Queria ver se se livrara da intromissão do homem. Mas o delegado, insistente, vigiava-o, acenando-lhe para que corresse.

Fingiu que regressava à casa do patrão, fez um arrodeio adiante, e tomou o caminho da propriedade do velho Zuza. Era chegar lá quanto antes! Atrasara-se mais do que imaginara! Tudo, sabia Deus, por culpa da autoridade, das perguntas bestas que o homem lhe fizera.

O sol subia forte; um calor abafado desabava sobre a terra.

Davam dez horas quando, afinal, ele alcançou a porteira da fazenda do coronel. Ao correr os paus, escutou o ruído de alguém que se banhava no rio. Um pensamento safado, de pronto, aninhou-se nele. "Se for gente do meu tope, vou também tomar banho..."

Arredou-se do caminho. Afastou ramos, quebrou a galharia de um cajueiro de seis meses, e foi espiar o rio, do barranco.

Eram meninos, dois ou três, vadiando. O menorzinho, cacheado, estava acocorado em cima das pedras. Vendo-o, gritou para os outros:

– Legal demais! Chegou um negrinho!

Não, não ia tomar banho – começou a explicar. Vinha trazendo um recado para o proprietário daquelas terras. Já estava tarde: não podia. Mas, por mais que explicasse, não convencia.

– Tolice! Deixa de ser mole. O negócio é esfriar o corpo... O banho aqui é bom mesmo. Água fria, corrente...

– ...

– Nem parece com o açude do teu patrão. Vem, experimenta...

Foi-se-lhe afrouxando a resistência. Que mal havia ficar o instante de um mergulho? Ainda mais, o calor, o sol quente... A casa do coronel era perto, bastava andar mais só um pouco. Haveria mal naquilo?

Desnudou-se; cansado como vinha, merecia o banho.

– Tico, com o negrinho, dá pra se brincar de "galinha cheia" – propôs uma voz.

O meninão, que pusera a cabeça fora dágua, falou:

– Tu topa?

– Já disse que estou apressado.

– Se brinca logo, não demora.

– Quero não!

– Deixa de birra! – E com determinação: – Me dá a pedra, Chico!

O outro estirou a mão com o rebolo.

– Jogo ela, conto até três, e mergulhamos.

Pluf!... A pedra foi-se afundando.

– Um! Dois! Três!

Azulão mergulhou; bateu na perna do menino, tateou lá embaixo. Sem fôlego, veio à tona. Antes de baixar respirou novamente. Ao subir, pela segunda vez, o meninão estava de posse da pedra, feliz.

– Outra vez, joga!

– Quem conta agora sou eu. Um... dois... três!

O filho da lavadeira pulou nágua, desceu de uma só vez até o fundo do rio. Em vão. Retornou à superfície para respirar. Os outros andavam sumidos, procurando a pedra.

“Agora eu acho ela, nem que estoure os ouvidos...” – pensou, afundando.

Mas qual! Sem fôlego, desanimado pelo insucesso, voltou ao nível da água, tomando ar. Nessa hora, distintos, soaram três disparos vindos do mato, e a passarada, alvoroçada, abalou numa revoada nervosa.

– Eita ferro! Deve ser aniversário comemorado com foguete!

O meninão, acabando de limpar a água do rosto, pôs-se atento; queria decifrar o silêncio que se seguiu aos tiros.

– Pra mim foi bala e bala de revólver...

– Bala? – assustou-se Azulão, amolecendo, perrengue. Rápido, nadou até a pedra onde abandonara a roupa, e se metendo nela, a respingar, repetia:

– Bala! Bala!

Os outros o queriam reter – “Que era aquilo? Por que ia embora?” – mas nada o demoveu. Largava dali à pressa!

A imaginar mil e uma coisas, receoso de estar atrasado, entrou até a casa da fazenda. Impacientes, sob o alpendre, dois homens pareciam discutir, enquanto outros, aflitos, rodeavam um mulherão alto e desempenado que lhes gritava:

Nossa Senhora! Esvai-se em sangue!

Um mais nervoso, ao descobrir Azulão, exclamou:

– Só sendo a mão de Deus! – E o interrogando: – Você não é o filho da lavadeira do Zé Matias?

O menino tremia dentro da roupa molhada, sem poder responder. Sem dar por isso, o homem continuava: – Pois é voltar até lá, em cima dos passos, e dizer

que agorinha mesmo deram três tiros no cel. Zuza, e ele se acaba numa sangueira só.

De olhos postos no rosto lívido de Azulão, que não se podia suster de pé, ajuntou impaciente:

– É disparar à toda, chispado! A embaixada é de responsabilidade. Nada de demorar no caminho para meter-se em brincadeira! – Recomendava veemente: – Ouviu? Ouviu? Não pode parar pra pescar ou caçar!

O menino não se mexia. Piscavam-lhe tão-somente os olhos agoniados, enquanto ele respirava o cheiro acre da pólvora queimada que vagava no ar.

Foi aí que o homem, aborrecendo-se, a sacudi-lo pelos ombros, acrescentou ríspido:

– Avia, lesado! Vai levar o recado!

A venda das mangas

Da última vez que afugentou a muriçoca, batendo na própria perna com danação, lembrou-se, vexado, que tinha de ir à feira ao amanhecer. Não sabia como reconhecera tarde, sem avaliar a quantidade de mangas por apanhar, pois as árvores – duas ou três, cujas copas ensombravam o quintal, – quase arriavam ao peso dos frutos.

Virou-se na rede; escutou a mulher tossir e expectorar com dificuldade. Pensou: "Meu Deus, com esse peito encatarroado, se acaba logo! Lhe compro na feira uma meizinha!"

Puxou as varandas da rede, na tentativa de livrar-se do mosquito impertinente. E nem assim foi possível conciliar o sono. A cabeça ia-se-lhe enchendo de mangas – eram mangas vermelhas, amarelas, umas e outras enormes e apetitosas! – e, de repente, havia um rumor de moedas despejadas sobre a mesa da cozinha. Dinheiro, exatamente o que ele queria...

Abriu os olhos; fechou-os novamente. O ano passado, – empurrou a rede com o pé – quando chegara ao mercado, nada vendera. O apresentado do vizi-

nho lá já estava, descaradamente, a negociar mangas. E, como ele, tantos outros.

Ainda dessa vez perdera o sonho de ter muito dinheiro na mão. Voltara para casa, aborrecido, cuspido pela sorte.

– Diabo!

Estende a mão para apanhar a muriçoca num safanão, mas esta escamoteou-se no escuro. "Peste! assim ninguém pode dormir". E voltou a pensar seriamente que devia existir, no quintal, alguma lata velha. Isso explicava o aparecimento das moscas, dos mosquitos. Quem sabe se a culpada não era a mulher? Teve vontade de acordá-la, mas deixou-a. A pobrezinha não parava de tossir, o peito cheio, chiando.

E as mangas? Quantas poderia levar à feira?

Cinqüenta? Cem? Duzentas? Mil?

Tomou gosto na língua. Era como se estivesse com a boca grudada na polpa amarela, mole, de fruta sazonada. Ah, aquelas mangas!

O ano passado fora infeliz, mas agora as coisas iam melhorar. Era ver-se o tamanho das mangas, o amadurecimento normal delas, lento, apurando sabor.

Coça a perna com o pé. Quantas frutas arrumará no jumento? Um cento?

Não será bom querer tanto, mas, pelo menos, umas noventa...

– Noventa e duas?

Assustou-se. Teria falado alto? "Por que noventa e duas?"

Logo imaginou fosse aquilo um excelente palpite para o jogo do bicho. A sorte prometia, pois não! Com o dinheiro empalmado na feira, arriscava no bicho.

Fazia uma fezinha de quebrar o cambista, e, não duvidassem, o próprio banqueiro!

Como ia gastar tanto dinheiro?

Virou-se na rede. Com mil cruzeiros, mandava a filha à escola. Não queria a moça dentro de casa, entrançando pernas, falando da vida alheia. Filha sua não ficava analfabeta. Tinha de ser eleitora, falante, ledora de jornal...

– "Lê aí as notícias, minha filha! Lê..." – "Papai, o senhor quer os telegramas do Rio?" – "Tem algum crime de morte?" – "Não senhor, pai, mas tem o aniversário do prefeito..."

Começou a rir dele mesmo. O que seria aquilo senão um tolo pensamento, um sonhar inconseqüente?

Mudou novamente de posição: procurava melhor lugar na rede. Colheu as varandas, impaciente. E foi fechando os olhos, lembrando das mangas. Ah, aquelas mangas iam fazer sucesso na feira! Eram tão gostosas que os sanhaçus não as deixavam em paz! Ele haveria de vendê-las, reputando-as por bom preço.

"Lê aí as notícias da folha, menina!"

Nesse andar chegou a madrugada a prometer dia claro. Vitorino, mal se levantou, foi abrir a porta. Estava ainda acostumado a vista à penumbra que ficara num resto da noite, e se assustou:

– Puxa! Essa não!

Mais que depressa enfiou-se novamente de casa adentro, a balançar a rede da mulher, até tirá-la do sono farto.

– Acorda, diabo! Vem ajudar, que o vizinho acordou primeiro!

Resmungando, já vestia a calça sobre a cueca puída, a confessar à companheira o desapontamento por surpreender o outro arrumando-se também para a feira.

– Veja pela janela! Veja só!

De fato, reparou ela, Macário da Burra, esbaforido, acompanhado do filho, corria sob a fronde das árvores apanhando os frutos que alguém despencava com alvoroço.

– Ora, homem, – disse a mulher – não é nada. Com fé em São Francisco de Canindé, tudo se arranjará.

– E se ele também tiver trato com o santo? Como vai ser?

– Tem nada! O negócio é tentar.

Consolou-se. Ela podia ter razão... E ao apanhar a primeira manga-rosa, cheirosa, viu-se mais tranqüilo. As mangas estavam apetitosas.

Foi juntá-las, feliz. Daí a pouco, reunia um monte delas. Por alto, contou noventa. Se o jegue agüentasse, completaria o cento. Mas a mulher aconselhava-o a não se exagerar. "Marido, melhor não carregar a mão". E ele, pondo-se lembrado, aliviou o animal. O jumento não se refizera ainda da pisadura, do mês passado, quando lhe metera nos costados – de bruto – mais de setenta quilos.

Organizou a carga, dividindo-a. Ajeitou o chocalho. Ajustou os caçuás.

Agora, era partir, pois o vizinho já andava.

Ganancioso, perseguidor dos pobres, certamente queria chegar primeiro do que ele e se postar à entrada da feira. Mas que, não seria tão fácil dessa vez! Ele tinha mangas, as mais apetitosas da redondeza!

Quando o sol os surpreendeu, iam os dois pela estrada, próximos da cidade. Ambos pensavam no dinheiro por apurar, na sorte de serem os únicos vendedores de mangas no mercado. Quem se lembraria de ir negociá-las em plena segunda-feira, dia das almas e da preguiça?

Mas, ai Jesus! A notícia do fim do mundo não teria assustado tanto!

Atarantados, descobriram logo que tinham pela frente, a disputar-lhes a freguesia, que era pequena, mais de uma dúzia de feirantes... com mangas!

Embatucados, cada qual tentava minorar a surpresa desagradável. Houve um corre-corre até arrumarem as frutas e apetecê-las ao povo que circulava na feira.

Vitorino acomodou-se no portão de entrada. O vizinho, vendo os concorrentes abancados no interior do mercado, resolveu imitá-los. Não havia mal nisso, pois não. Ele estava vendendo manga-rosa, e as do outro eram mangas-espadas. Macário da Burra ainda perguntou:

– Faz diferença eu ficar aqui?

– De modo algum. Quem quiser comprar, escolhe...

Era verdade, pensou Macário. Bem melhor, todavia, se tivesse vindo só, sem ter de vencer aquela descarada concorrência. Há dias, desconfiava que Vitorino andava de olho nas mangas, aguardando a oportunidade de levá-las à feira, primeiro do que ele. No dia anterior, vendo-o sob as árvores, pega aqui, puxa acolá, botou sentido no plano que certamente o outro arquitetava. O jumentinho melado, sob o sol da manhã – pensou- haveria de gemer com o peso dos caçuás abarrotados. Essa não! Ele não ficaria na rabada.

– Se a gente não tem vindo hoje, manga fazia lama.

– É verdade. Vim por palpite. Nem estava pensando nisso. – E com voz cheia, começou a gritar: – Mangas! quem querrr comprarrrr mangas!

Uma velhota parou diante dos caçuás. Que espécie de manga era aquela? Rosa? Fez uma cara de enjôo. Não gostava. Ao menos se estivessem maduras...

– E o senhor? Tem manga-espada?

Não queria estas também. Preferia manga-ouro, que pudesse cortar de faca, acrescentou.

O sol se pusera de fora, alaranjado, forte. E nada de eles dois venderem. Ora o possível comprador punha defeitos nas mangas, ora o preço não convinha. Houve até quem as achasse verdosas.

– Um crime, colher manga sem estar madura! Quanto custa?

– Um cruzeiro. Um cruzeiro.

– Um cruzeiro? – O homem que perguntara fez uma admiração que se estirou crítica: – Ah, já vi que não tem fiscal nesta terra!

Amolegava as mangas, resmungando. E pechinchando:

– Se me derem quatro por um cruzeiro, compro.

Vitorino inchava. Consigo mesmo dizia: "E a mãezinha, você também não quer não?"

Não viam que ele precisava de dinheiro para arranjar o vestido da filha, que ela devia de ir para a escola aprender a ler?

O jumento impaciente, balançando o rabo, tentava inutilmente afugentar a mutuca que o atormentava desde o cercado da casa.

– Mangas!

Por volta das nove horas, Vitorino teve a idéia de dar umas passadas pelo mercado, mudar de canto, tentar a sorte...

Voltou extenuado, entranhado de decepção. Naquele dia, decretava-se, ninguém queria mangas. Arriou-se vencido, e com a mão, como se fosse uma ventarola, começou outra vez a afugentar as moscas que desciam sobre as frutas...

– Vá tentar, seu Macário – sugeriu ao amigo.

– Carece não. Fico por aqui mesmo. Já vi que estamos de caé.

É bem possível.

Vitorino perdera o jeito. Não tinha mais ânimo para repetir o pregão. A voz já lhe saía baixa, sem impulso. Ele todo estava falto de vontade.

Ô dia encafifento da peste!

Pensou na menina, na alegria dela, se vendesse tudo, se apurasse o bastante. Viu o vestido... Seria de chita, as flores grandes, penduradas numa ramagem miudinha... "Lê aí as notícias da folha, menina!"

– Mangas! Quem querrr mangas!

Fitava e desfitava o vizinho. Que ódio! Ia ver, era ele o azarado do dia. Em toda a sua existência de feirante, não se lembrava de experiência pior! Onde se vira maior desinteresse? Se ao menos as frutas estivessem bichadas! O desmantelo certamente ia à conta do azar do outro. Macário da Burra, diziam-lhe, era homem de pouca fé...

– Mangas!

A voz, cansada, perdia-se. Um sopro do vozerio dos que passavam. Sem poder aguardar melhor tempo, de pernas doídas, o corpo castigado pela posição incômoda, foi botar a cangalha do jumento melado.

– Que é isso? – Perguntou-lhe Macário. – Vai embora?

– Vou. Há outro jeito?

– Sendo assim, vou com você.

Pegou também a alimária pelo cabresto. O jumento, lerdo, virou-se para um lado, sem querer arredar-se, achando boa a sombra do portão.

– Vamos, seu peste!

Aprontaram as cargas; puseram-se a caminho. Os animais preguiçosos à frente, de passo miúdo; eles dois, sorumbáticos, atrás. Cada qual, a seu turno e em silêncio, punha no outro a responsabilidade por tanto desmantelo. Macário convencia-se de que Vitorino, se não tivera forças de prosperar, a ponto de morar numa casa de taipa que caía aos pedaços, era azarado... Já tivera dia ruim, de vender só dez mangas! Mas como aquele, Deus do céu! Nunca voltara para casa sem nada apurar.

Vitorino, de soslaio, como se não quisesse mas querendo, vigiava o outro, a remoer mágoas. Não fosse a presença encafifenta de Macário, que crescera os olhos ao seu lucro, estaria regressando com o bolso cheio de dinheiro. Agora, tomasse sol, agüentasse moleza no corpo! Teve, então, vontade de dizer-lhe um nome feio; mandar o outro à...

– Toca, "Cheiroso"!

O jumento empacou. Não queria ir à frente. Era o sol quente, de meio-dia, por cima de bichos e homens, desanimando-os. O animal queria valer-se do juazeiro frondoso que deitava ali na terra a sua sombra fresca.

– Toca!

Foi um falar sem vontade. Que cansaço, aquele! Melhor, sugeriu Vitorino, amarrarem os jegues; repousarem um pouco. Com o sol a pino, não suportariam a caminhada. Estava mesmo de arrebentar tudo.

Os jumentos, manhosos, indispostos, se encostaram ao juazeiro virente. E, invejando-os, os dois homens se arriaram ao chão.

Macário ainda se levantou, espreguiçando, e foi verter água no canto da cerca. Depois, consertando a braguilha, voltou para perto do companheiro de infortúnio, bufando forte, a praguejar.

Cada qual, daí a pouco, deu em pensar nas mangas, no dinheiro que deixara de ganhar, na influência azarenta do outro. E nisso foram-se aquietando, batidos pela caminhada, tonteados pelo mormaço que subia quente; – rosto e cabelos suados, sujos de poeira.

Não tardou, dormiam um sono de fraqueza e decepção.

Nem viram quando os animais famintos, derrubando os caçuás, começaram a comer as mangas.

O episódio

Sem que o marido esperasse, Cândida andou do interior da casa até onde ele estava, alheio ao que ocorria. Ele vinha desconfiando, é verdade, que a esposa esperava só a oportunidade para dizer-lhe tudo. Nunca, entretanto, imaginou fosse ocorrer assim de modo inusitado, e àquela hora. Ele havia regressado do escritório, banhara-se, e estava sentado na cadeira de lona, o pensamento tomado pela idéia de plantar o fundo do quintal. Assustou-se, principalmente porque a mulher assumiu um ar frio de esquartejador profissional. Cada palavra escapava-lhe dos lábios carnudos, por entre dentinhos alvos e pontudos, vibrava de modo estranho, metálico. Até o gesto, que descuidada fazia, sungando o porta-seios, desta vez pareceu estranho ao homem. E então aquela boca calou, e ele escutou os mil ruídos do mundo, o da vitrola do vizinho, o da cadeira-de-embalo do velho Aluísio, os pneus do ônibus lixiviando o asfalto, e, afinal, o tique-taque do seu coração. Carecido de qualquer coragem, ficou vendo-a ir-se resoluta em direção a outro, quem era não sabia. Dele não levava nada. Na mão, a bolsa pre-

ta, de pelica, e não caberia nela mais do que uma jóia, afora a carteirinha de dinheiro.

Não compreendeu imediatamente por que Cândida o abandonava qual visita que se abusa a uma palavra impertinente. Só daí a instante, ao se apagarem os passos dela, pensou certo. Havia sido traído miseravelmente durante cinco ou seis anos. Tarde veio-lhe a vontade de dizer palavrões; de ir ao quarto apanhar o revólver com que espantava ladrões. Mas ainda aí conteve-se, primeiro pela idade, sabia que não era um rapaz qualquer; segundo, não se considerava temperamental. Havia mulher demais no mundo.

Pesava, sentado na cadeira, enlagrimado, a respiração descompassada. Estava ali em que dava homem de idade casar com mulher nova. O irmão é quem falara certo: "Você não deve casar com essa moça. Tem quinze anos de diferença. Podia ser sua filha." O irmão não sabia o gosto que se tem ao cair da idade, a preferência pelos antagonismos. Por que necessariamente deveria casar-se com uma velha?

Levantou-se da cadeira, contornou a mesa da sala de jantar, à contemplação do retrato de ambos sobre a cômoda. Pungia-lhe ver a mulher melosa, nele, a cabeça pendida em seu ombro; foto de dois anos passados. "Já me enganava aí!" Amanhã, recolheria as fotografias, o álbum da sala de visitas; rasgará cartas, dará fim aos vestidos. E como se falasse a alguém, repete: "É esquecer quanto antes... Esquecer quanto antes". Lembrou-se então que cultivando o fundo do quintal se esqueceria dela. Chegava, por tais caminhos, a hora de plantar limoeiros, mangueirinhas, fazer o canteiro das hortaliças. Nada de recolher

pensando nas intimidades que não se repetiriam mais, nas pernas de Cândida fora da camisola; nas calcinhas dela, que penduradas no banheiro, de noite, ela ia apanhá-las no outro dia; e no aparelho de rapar os cabelos das axilas, que deixava ao lado do porta-seios de florzinhas vermelhas.

A essas lembranças, sentia-se inventariando os objetos de um consultório médico. Nada disso agora o entusiasmava mais. Demonstrara, de moço, uma enorme capacidade para esquecer. Ao abandoná-lo, ele já a eliminara do coração.

Sacou a blusa do pijama; foi carregar estrume até o pé da parede, reunir as ferramentas de trabalho, apanhar revistas e sementes. Movia-se à pressa, como se tudo o impelisse a uma série de movimentos e pensamentos igualmente rápidos. Ao passar defronte da porta da cozinha, viu a empregada. Ia despedi-la.

– Você estava querendo passar férias em casa, não era?

– Era sim senhor.

– Chegou a hora. A Cândida se foi, não volta mais. Pode ir também. Está aqui o dinheiro.

Na semana seguinte, embora houvesse perdido dois quilos, vencera as dificuldades da cozinha improvisada. Acostumara-se à alimentação leve, ao leite com flóculos de tostadas de milho. Aboliu as sopas; entediado, às vezes jantava salsicha ou presuntada. Passou a dar importância extraordinária ao pão. Ficava em casa, às noites. Nem aos domingos saía para assistir à missa. Os amigos, encontrando-o na rua, de raro em raro, perguntavam aflitos a seu respeito, embora soubessem a causa daquele isolamento forçado

e pensassem dele coisas assim: "Quem mandou ser mole com mulher? Agüente agora, bestão!"

– Está doente?

– Um resfriado bobo. Obrigado – respondia.

– Apareça.

– Vou aparecer.

Escondia-se. Alongava as ocupações domésticas, quando não ia debruçar-se sobre livros de contabilidade até meia-noite. Estafava-se ao máximo. Apavorava-o recolher e não ter Cândida no silêncio do quarto. Dava-lhe medo de morrer de repente, respirando forte, sem ela a lhe segurar a mão. Ao sentir o coração soar forte, um dia, aprontou a lista dos bens. Pensou bastante antes de decidir, mas acabou escrevendo à mulher fujona, que sabia estar morando do outro lado da cidade: "Senhora, não pense que morro contrariado pelo que me fez. Sempre tive o coração doente, cheio de palpitações. Caindo mais na idade, era inevitável a piora. Não pense, portanto, a senhora..."

Rasgou a carta em mil pedacinhos. Nada de fraqueza. O que não ia pensar a mulher? Que, certamente, morria de saudades por ela, triste pelo que havia acontecido, quando a verdade era outra. Viesse ver como estava a casa agora, assustar-se com as mangueirinhas viçosas, os limoeiros crescidos, a horta que invejava os vizinhos...

Chegou a época de comprar sementes, assinar *Chácaras & Quintais*. Adquiriu um termômetro de máxima e mínima, recuperou o barômetro da sala; queria saber as condições do tempo, proteger as plantas. Comprou uma máquina de tirar fotografias depois, prelibando documentar os primeiros frutos. Seria

bom ver a foto publicada na revista, a legenda em negrito: "Outro agricultor feliz! Do fundo de seu quintal, de cem metros quadrados, acaba de colher maravilhosas mangas o nosso estimado assinante, sr..."

Dia veio em que, ao abrir a janela do quarto, contemplou a inesperada floração da mangueirinha maior. Acudiu a ver de perto aquela abençoada promessa de safra; e desde aí a acompanhou em sua evolução.

Deu em descer dos aposentos, de lanterna à mão, à noite, para examinar se havia alguém mexendo na sua árvore. Mandou por cacos de garrafa em cima do muro, em volta do quintal, e enfiou as frutas, quando alcançaram o tamanho de peito de moça, em saquinhos de celofane, numerando-os com requinte de recenseador.

Em outro dia do ano, já em fins-d'águas, como dizia, foi meter-se no fundo do quintal, como se estivesse à véspera do nascimento de um filho. Transcorria um sábado tranqüilo, e ele desejava colher as suas deliciosas mangas. Largou-se de cócoras, embevecido, a recordar tantos meses de labuta, aqueles anos de nervosa espera. Avaliando a safra, contava as frutas que estavam de vez, quantas já amadureciam; sentia água na boca feliz por aquilo ser obra sua.

Nisso, soaram-lhe aos ouvidos uns passos femininos, a que fechou a cara, crendo fosse a empregada desejosa de retomar os serviços da cozinha. Ia dizer, aborrecido, que não precisava dela, que estava tudo bem, que até aprendera a estrelar ovos na manteiga, mas enterrou-se num pasmo contundente.

Cândida, envolvida pelo mesmo perfume seco e agradável que a caracterizava, ali estava. Estacara a

dois passos dele, a segurar a bolsa preta em que não cabia senão uma ou outra jóia de uso estritamente pessoal. Antes de ele refazer-se da surpresa, ela largou ao chão a bolsa, e começou a guardar as mangas na saia rodada, erguida em gesto deliberado para deixar à vista as pernas roliças, as coxas alvas, que tanto o agradavam.

Não demorou mais que um minuto a cena.

Afastando-se depois, ela seguiu direto até a casa, e sobre a mesa larga da cozinha, deixou cair as frutas.

Nisso, ele pôs-se de pé, afogueado, como se acordasse de um sonho libidinoso em que agarrara a própria irmã. E, sem mais se conter, encaminhou-se rápido até onde ela o esperava num canto da casa, confundida com o cheiro penetrante das mangas apetitosas.

Logo entrou em casa, ele foi fechando a porta atrás de si. Tremia, afogueado, porque estava certo agora, que era ela, e não as mangas, que precisava colher.

Como um gato sem gata

Conta-me que mal foi este,
Que tam demudado estás?
Ou que houveste? ou perdeste?

(BERNARDIM RIBEIRO – "Écloga II")

1

É um lugar-comum, mas desde que faleceu Beatriz, ficou-me vazia a vida. Enquanto me vi revigorado, podendo sair de casa às noites para prosear com os amigos, convenci-me de minha resistência física, considerei que à velhice não chegaria alquebrado como alguns amigos meus. Haveria de ser, pensava então, duro na queda. Afinal, nem todos possuíam igual compleição. A minha – isso me engolfava de prazer, – era suficientemente rija para encorajar-me à idéia de que viveria bastante.

Mas aos setenta anos, basta contemplarmos as mãos. A pele descolore-se; a pouco e pouco torna-se flácida, amarelece. As veias, como no meu caso, correm enormes sobre o dorso da mão direita, caprichosas, protuberantes, e nelas, assombrado, descubro perspectivas de possível truncamento de circulação. Nem parece – relembro amargurado – a mão gulosa de prazer que tantas vezes afagou, carecida de boa intenção, as intimidades permissíveis da falecida.

Espalmando-a, não me vai diferente a impressão. Há duas linhas demarcando, firme, o caminho da morte, no que me sinto derrocável. Nem parece mãos que certa quiromante, vendo-as, anunciou-me esplendente futuro, enriquecido por derradeiro mas venturoso amor. Não me descobriu outra sorte essa bruxa, nenhuma surpresa desagradável, apenas que me caberia uma velhice solitária, e nela não me haveria eu com conformação.

Enquanto, no meu quarto, coordeno esses pensamentos, acodem-me, um a um, os ruídos que estabelecem outra vez a vida em família. Pela porta, arrastando-se sobre os tamancos barulhentos, move-se a cozinheira. Dorme fora, a pretexto de fazer companhia à mãe reumática, mas os de casa sabemos que ela partilha o leito com um soldado.

Ouço-a correr o ferrolho, o rangente ferrolho da janela, e esta abrir-se de par em par sobre a área da cozinha, onde se ensombra um fundo de quintal antigo, dos que já não se vêem mais. O roçar de colheres em vasilhames de alumínio, o cheiro de ponto-de-gás por acender-se dão sinal de que o almoço é preparado.

Logo mais Francisca trará o café; virá perguntar-me se estou mais forte, se dormi bem, se quero ver os jornais do dia. Sem que lhe pergunte, numa voz desempenada mas expedita, contar-me-á as notícias colhidas desde o seu quarto, onde se acarinhou com o amante, até à porta de nossa casa. A meia-voz, confiará o que fizeram meus filhos, de tal modo displicente, como se eu não lhe pudesse descobrir nesse processo o interesse de participar-me aquilo que finge esconder.

A essa altura, levanto-me arrimado à mesa. Com que então, ainda mais esse reumatismo! Basta chover, e a dores logo se me instalam nos quadris, vão-me subindo pela coluna, tornando-me irritado, pouco prosa. Visto-me com dificuldade. Diante do espelho nem pareço o Getúlio Amado da Fonseca, que, há tempos, o impressionaram os regimes de emagrecer, considerando-se excessivamente gordo. Magro estou! Nunca mais enfrentarei balança; não devo ir além de minguados quarenta e cinco quilos...

Alguém bate à porta. É Francisca, com o café. Vejo-a colocar a bandeja sobre a mesa. Enquanto me acomodo na cadeira, ela vai abrir a janela, o andar irrequieto, comentando:

– Dia de sol! Se eu fosse o senhor dava uma voltinha, ia contemplar novas caras...

Surpresa por não me ver encher a xícara, exclama:

– Ora essa! Está magro é por isso! Bote mais! Sirva-se de leite. Queria que visse a nata que fez. Um dedo!

Vou-me servindo, relutante. Compreendo que a mulherzinha está ansiosa por contar-me as novidades do dia anterior. Perversamente, finjo ignorar-lhe a intenção. Passo manteiga no pão, corto outra fatia de queijo, a vagar, de propósito.

Francisca foi até à janela, mas não demorou ali, e desandou até perto de mim, fiscalizando-me de soslaio. Quer contar novidades, não as pode silenciar – pressinto.

Indiferente, recorto o queijo; sorvo o café, lento.

Não se contendo, ela começa:

– O senhor está comendo com gosto, mas tenho de lhe narrar uns sucedidos...

– Narrar o quê?

– Espere.

Foi até a porta, a espreitar os movimentos da casa. Voltou para ficar rente a mim, encostada à mesa, a balançar o bule do café, a ponto de transbordá-lo?

– A menina...

– Que menina?

– A sua.

– Que tem ela?

– Namorado. Está vindo aqui, às noites. Ficam os dois na calçada.

Baixava a voz, reticente:

– É hora de repetir. Viúvo que não casa, abandona-se. O negócio é arrumar mulher...

Levanto-me, fingindo aborrecer-me à insinuação.

– Mulher? Outra? Que entende você da vida, Francisca? Um velho como eu não deve casar mais.

– Um velho? Como o senhor? Tolice! O senhor tem tutano!

"Tutano"? Faço que a conversa me desagrada, mas me interesso.

– Casar com quem?

– Repare, vá pondo sentido nas pessoas que nos visitam...

– Ora, deixe de fantasias! Ninguém me quer. E mais, que dirão meus filhos se, de repente, eu aparecer influído para novas núpcias?

Francisca recolheu a bandeja. Contemplou-me com certo ar superior, e acrescentou:

– Os mortos não fazem companhia aos vivos, seu Gêgê!

Abalou, deixando a porta aberta.

– “Os mortos não fazem companhia aos vivos”... Passei a mão pelo rosto, livrando-o dos farelos de pão. Fui apanhar o jornal à sala. Rosalinda havia saído para a Escola Normal, onde leciona. Marcos estaria no banheiro, desatento às horas. “Repare...” A palavra cavilosa da mulher ressoa na minha cabeça. Sinto-a repetir-se, sensibilizando-me.

Largo o jornal; demoro olhando a sala... Dali, Beatriz saiu para a última viagem. Vejo-a ainda cercada dos filhos e amigos. Vim beijá-la em determinado instante, mas retornei ao quarto, quase a desmaiar. Como os círios ardiam amarelos! Os vizinhos acudiram todos ao enterro. Quando levaram o caixão, compreendi que restava só. Algo desprendera-se de mim. Daí por diante já não teria – e não tive mesmo – pessoa outra com quem partilhasse meus receios, o meu...

– “Repare...”

Sim senhor! Se não sou realmente tão velho, por que não reunir o resto das forças, aproveitar? Porventura, serei o primeiro viúvo a desejar segundas núpcias?

Vou ao porta-chapéu; miro-me ao espelho. Não estou tão alquebrado a ponto de não poder casar novamente. Meus filhos serão os primeiros a compreender quão doloroso é um homem viver em casa, aposentado, sem alguém de mais íntimo a cuidar de si. Se Francisca me sugere reparar em volta de mim, é que há alguém que me deseja... Afinal, – encaro-me a mim mesmo ao espelho – não sou desprezível. Quem estará se interessando por mim?

Cerro os olhos, a meditar, e começo a levantar a estatística das visitas de todo um mês. Seria a prima

de Sobral a possível pretendente? A Antonieta? Não, esta não! A viúva do velho Zacarias está de compromisso com o desembargador Francisco Sales. E Raimundinha? Ultimamente, não arreda o pé de nossa casa, a conversar o tempo todo com Rosalinda.

Estou certo que a criada quer referir mesmo à vizinha. Andaram de conversa as duas, possivelmente. Quem sabe se a própria Raimundinha não confiara a ela o interesse por mim? Por isso, a desavergonhada, quando me vinha trazer o café, às manhãs, armava indiretas... "Repare..." Era reparar mesmo, apesar do reumatismo. Não fiz voto de continência eterna. Se Raimundinha revelar-se apaixonada, caso-me. Os filhos...

Por que lembrar-me dos filhos? O rapaz não se incomodará, e a moça... Ah, as filhas!

Vou à janela espiar a rua; o sol forte abafa as pessoas que passam. Estou impaciente, com vontade de ir à cozinha forçar Francisca a decifrar o enigma. – "Ande", – lhe direi – "que segredo é esse que esconde? É a Raimundinha? Que lhe falou ela? Diga, sua safada!"

2

Que me acontece, meu Deus? Agora, estou mais cuidadoso comigo mesmo. Hoje, sem atinar a razão, esmerei-me na barba. Depois, fui escolher um terno novo do guarda-roupa, extratar-me.

Há uma força ponderável me impulsionando à frente. Se sou ridículo, não posso dizer. O fato é que não tardei ir à Francisca cobrar-lhe a revelação do segredo que me aguça a curiosidade.

– Tem quinhentos cruzeiros, contanto que mo conte!

– Meu Deus! Que homem assanhado!

– Deixe de relaxos comigo. Quero saber tudo, vamos...

A cabocla resolve-se afinal:

– Pois bem, seu Gêgê, digo tudo. A dama do valete é a Raimundinha. O senhor acertou!

– Vamos, mais... – insisto.

– Botei sentido outro dia, quando conversava com ela, assim como quem nada quer, querendo. Sugeri que o casamento dela com o senhor era um achado...

A mulher fez uma pausa; sublinhava com espalhafato:

– Derreteu-se toda! Queria que lhe visse os olhos que fez!

Dei-lhe mais duzentos cruzeiros. Queria que ela acrescentasse detalhes, mas Rosalinda, aparecendo de repente, roubou-me a oportunidade.

– Alguma comemoração, papai?

Referia-se à minha roupa, ao perfume que recendia de mim. Tratei de explicar que saía a visitar um amigo, o Florêncio – por que o Florêncio? – que me mandara um recado há dias.

Pigarreando, dirigi-me à sala; o pretexto de ler o jornal antes de ir era para esperar que a Raimundinha, como acontecia diariamente, viesse ver minha filha. Tardaria ela esse dia?

Na cozinha, Francisca cantava alto uma modinha que falava do amor flechando corações desiludidos...

Nisso, chegou a vizinha. Trocamos cumprimentos, para os quais concorri com a avidez de meu olhar,

e lhe ofereci uma cadeira, enquanto propunha chamar minha filha.

– Não precisa, seu Gêgê. Eu vou entrando – dizia-me ela, dengosa.

Mas Rosalinda acudiu. Sentaram-se ao sofá as duas, e eu fingi entreter-me no diário, mas era todo ouvidos ao que conversavam. De momento a momento, erguia a cabeça a ver se Raimundinha me procurava também.

Infelizmente, não lhe descobri igual intento. Mas pude contemplá-la, vendo-a catita, cheia de vida, a discorrer sobre o vestido que pretendia mandar cortar...

Senti-me aventurado a pensar que se de verdade houvesse casamento, a vantagem seria minha. Raimundinha era mulher, no máximo, beirando os cinqüenta anos; tinha carnes ainda rijas.

De repente, a voz dela destacou-se:

– Será que o senhor Getúlio não se aborrece com a nossa prosa? Está lendo o jornal...

Rosalinda referiu risonha:

– Qual! Papai quando lê nem percebe o que se passa em derredor!

A esse diálogo, ergui a cabeça; mantendo um sorriso de gratidão, disse:

– A senhora pode falar à vontade. É prazer ouvi-la.

Enquanto retornavam à conversa, sem mais comentários, eu passava as páginas do jornal. Maliciosamente, ia mirando as pernas de D. Raimundinha. Grossas! Era de uma robustez assim que eu precisava. Sem me aperceber – e para mim aquilo começava a ser embaraçoso – comecei a vislumbrar a intimidade

da mulher, as suas duas coxas igualmente fornidas, plantadas num ventre amplo.

Minha filha levantou-se; Francisca queria-a no interior da casa, para providências urgentes. Propunha à amiga: – Aceita um sanduíche de queijo?

A visita relutava. Não sabia se devesse...

Quando Rosalinda desapareceu, fiquei de pé, esticando-me na roupa para que Raimundinha me vigiasse. Vi-a olhar-me, tomando-me nos olhos, pesando-me com indisfarçável interesse. "Olhe-me, diabinha! Contemple o velhinho!" Fui à porta, ver... nem sei. O que eu queria era movimentar-me. E o fiz, teso, aprumado, embora me importunasse o danado do reumatismo.

Ao retornar ao meu lugar, no curto espaço de tempo em que decorreu essa cena, os meus olhos e os dela se encontraram. Raimundinha então baixou a vista, encabulada, como se eu a tivesse surpreendido numa ação pouco decente. Por breves instantes, ficamos ambos calados, envergonhados, até que julguei se de meu dever restabelecer a conversa. Perguntei-lhe:

– Não sei se me torno enxerido, mas quando poderei experimentar a sua gostosa feijoada? Sei que a prepara muito bem...

Ela levantou-me os olhos azeitonados, e lhe vi os seios subindo e baixando à respiração opressa. Falava, vagarosa, tateando o terreno que sabia melindroso.

– Olhe, seu Gêgê, será o maior prazer da minha vida recebê-lo no próximo sábado, ou quando quiser, em minha casa...

– Sábado, logo o próximo. Estou louco para experimentar a feijoada...

Eu era ridículo. Ela podia ter-me perguntado: "Você quer experimentar a feijoada ou estar a meu lado?" Aliviando-me, resolvi ir à porta, outra vez, aprumado, a abanar-me com o jornal.

– Não acha que está quente? – perguntei-lhe emocionado.

Ela concordou, baixo, a voz quase inaudível.

– Trouxe-lhe um pudim de laranja! – falou minha filha.

Francisca, que se pusera a contemplar a vizinha, exultara:

– Que prazer, D. Raimundinha! Como a senhora está bonita!

Ela afetava modéstia:

– Não exagere, Francisca. Assim, me envergonho. Olhe, falar franco, até me considero velha...

– Velha? Que é isso! A senhora anda cada vez mais durinha. Por um dia desses há de lhe aparecer um pretendente por aí...

Encolhi-me ao canto da sala, ao receio de que a doida da empregada botasse tudo a perder... O amor, principalmente na minha idade, não é assunto para chalaça... Tem de ser tratado com respeito.

– Não aceita mais, D. Raimundinha?

Ela dava-se por satisfeita, a julgar as qualidades do pudim.

Francisca, recolhidos os pratos, desapareceu no interior da casa, a falar não se sabe o quê. As duas foram outra vez sentar-se ao sofá, retomando o assunto do vestido, do figurino que queriam comprar. Quando o relógio da casa soou as horas, Raimundinha levantou-se. Consultando o seu, de pulso, cuja pulseira lhe abarcava o braço gordo, aligeirou-se:

– Sabe? Está na hora. Tenho visita em casa.

– Demora mais, criatura!

– De outra vez. Agora, não posso mesmo. Como paulifiquei vocês!

Logo pensei que me incluía neste "vocês" dito com ênfase inusitada. Vi-a puxar o vestido, passar as mãos pelos quadris, alisar as dobras da saia provocadas pelo sentar demorado. Retive-lhe, quando me veio despedir-se, a mãozinha, e nem prestei atenção se Rosalinda me vigiava. Que importava?

– Olhe, não carece de repetir que é bem recebida nesta casa. Sobre a feijoada, vou pensar.

Minha filha interveio:

– Papai está doido? Não diga que vai experimentar a feijoada da Raimundinha!

– Seu pai é homem forte! Tem boa saúde!

Defendia-me de indústria, a me agradar.

– Não diga isso! Papai é cheio de achaques!

A outra insistia: – Pois me parece vender saúde. – Incisiva: – Espero-o no próximo sábado...

– E eu irei – repetia-lhe, ofegante.

A essa altura, já não me importava o conceito em que me tinha Rosalinda.

Na cozinha, a valsa romântica estalava, outra vez, na garganta de Francisca.

3

A feijoada aprazada para o sábado, aceitei-a. Aos setenta anos, não se pode aventurar às violências de comida de sustança, sem tomar precauções. Engoli dois

comprimidos de leite de magnésia e forrei-me com boa dose de Anecrosan. Garantindo o estômago, protegendo o fígado, estava certo de não ter surpresas desagradáveis.

Francisca, espalhafatosa como sempre, queria auxiliar-me. Alcoviteira, puxava a aba do paletó, chamando-me a atenção para detalhes que, de verdade, eu os esquecia.

– Bote um lencinho no bolso, seu Gêgê. Dizem que está fora de moda, mas realça!

– Que perfume uso? A senhora sabe que não gosto dessas coisas.

No amor, coisinhas assim marcam pontos...

Desapareceu. Ao voltar, empalmava um vidrinho de extrato. Tomando-me o lenço, pingou nele duas ou três gotas da essência, como se temperasse um prato.

– Cheire!

Picante aquele aroma, talvez exagerado, fora de propósito.

– O último botão do paletó não se abotoa. Basta o do meio.

Segui a lição, à vontade de perguntar-lhe onde aprendera tanto. Mas, afinal, convenientemente composto, fui ver-me pela última vez ao espelho. Por trás de mim a mulher vozeava sem parar:

– Está do barulho! Não banque o trouxa. Se ela lhe chamar para as conversas e tais coisas, vá, vá, entrando. Carregue a mão.

– Não exagere, criatura.

– D. Raimundinha está no ponto. É fruta para ser colhida – ria maliciosa.

– Fruta madura, hem? – A bem da verdade, eu gostava das insinuações.

– Coco velho é que dá azeite. Desempene-se e ela lhe cai no laço.

Estiquei-me o mais que pude. A empregada acompanhou-me até a porta; mais recomendações. Eu não devia perder a oportunidade; aproveitasse o momento. Declarasse-me logo, não permitisse que outro indivíduo se adiantasse, passando-me o pé.

– Vá por mim, homem, o pássaro caiu no laço.

– Não acho que seja assim...

– Vá. Verá com os seus próprios olhos.

Sob essa onda de estímulo, cheguei à casa de Raimundinha. Recebeu-me ela própria à porta, farta de sorrisos, metida num vestido de encher a vista. Nem sei bem se foi a cor verde deste vestido que me agradou, ou a fluidez de seda, sei lá de que tecido, que imaginei colear-lhe o corpo, reforçando-lhe as formas íntimas. A essa altura, senti mesmo que não era tão velho como imaginava... Raimundinha valia a pena!

Sentei-me na sala. Sem tardança, a mulher trouxe-me um Porto em bandeja de prata. Capitoso! Tomei-o, lembrado dos idos da mocidade, quando me meti embarcado pelas distâncias da Europa. O vinho, descendo lento, apetecia.

Raimundinha me acompanhou; entornava vagarosamente o cálice, com que graça! De repente, olhamo-nos um ao outro como pessoas há muito conhecidas, das que trazem sempre um motivo íntimo para celebrar. Ah, namoro em idade avançada tem definições inquietantes! Aterrorizava-me imaginar que, de inopino, pudesse dizer-lhe uma frase irreverente, tão mal contido me achava em meus desejos...

– Gostoso?

– Gostosíssimo!

Gerou-se então um silêncio comprometedor. Quebrei-o, daí a pouco, com um tom de voz que semelhava a de um jovem:

– Gosto de beber a vagar, gozando o momento. As coisas desfrutadas são bem melhores...

Ela compreendeu a intenção. Sorriu-me. Vi então, indócil, as duas fileiras brancas de seus dentes emoldurados na polpa vermelha e carnuda dos lábios. Ingeri outro gole, mal me podendo conter, que a vontade era de me chegar para perto dela e lhe dizer que tudo aquilo e ela própria me apeteciam, não de agora, mas de outros meses e dias...

– Bom?

– Sim... sim, tudo bom.

Nascia-me a vontade de juntar-me a ela, sentar-me ao seu lado, no sofá. E assim fiz, que pensamento em homem como eu é ação. Ergui-me da cadeira; fui ajudá-la a passar as páginas do álbum. Não sei se por timidez, ela folheava-o a vagar.

– É de segredos? – perguntei.

– Lembranças bobas...

Vi-a de repente numa foto amarelecida, de dez ou mais anos atrás.

– Esta mocinha é você?

Ela corou. Nossas mãos se tocaram então. Nesse expediente, como que eu me ia remoçando. Assim, começara a namorar Beatriz. Minha mão na dela, enlanguecido. E os fatos ali se repetiam, o macho atrás da fêmea, e a fêmea apetitosa deixando-se conquistar. Confesso que me assaltava a dúvida, a de que tudo aquilo não passava de safadeza minha. O sexo, em mim, não estava extinto.

– Que mãozinha quente... – disse-lhe.

Ela repetiu-me o sorriso de há pouco. A idéia que me veio foi de que, intimamente, dizia: "Mão quente, coração ardente". Agora, certo de querê-la, lhe segurei as mãos, carinhosamente, como se apertasse indefeso pássaro.

Raimundinha suspirava. Não exagero quando me refiro que ela principiou a tremer, nervosa. Eu, confuso, estava também encabulado pelo inesperado da conquista. Levantei-me do sofá, acusando calor. Fui à janela vigiar a rua. Simples alegação, claro. Quando desandei até onde ela ficara, encontrei-a numa posição que me comoveu: os olhos semicerrados, cabisbaixa, como se um inesperado acontecimento a houvesse tocado profundamente.

Tomei-lhe as mãos, arrepiado, e ciciei-lhe ao pé do ouvido, rente ao olho esquerdo, o olho do coração, frases outras que me vinham aprendidas da mocidade. Trêmula, vacilante, abandonada aos meus agrados, simplesmente ela repisava, como se não quisesse acreditar na realidade, ou julgasse tanta felicidade demasiada para si:

– Não... não... assim não.

Quando fomos para a mesa, eu metia a sua mãozinha esquerda na minha. Alvoroçado, no caminhar pelo corredor, encostei duas vezes meu rosto no dela, e beijei-a, sentindo-a debater-se, na tentativa muito fraca de esquivar-se aos agrados.

– Olhe, os vizinhos podem ver... Olhe...

4

Não sou homem que procrastine decisões. Sempre fui resoluto. Meu lema poderia ser: não deixar para amanhã o que puder fazer hoje. Dessa vez, entretanto, tornara-se delicado o problema. O pior é que a minha conselheira, a atilada Francisca, por simpatia a mim ou por alugar-se à própria Raimundinha, torcia para que todo esse amor resultasse em matrimônio.

Dois dias depois da venturosa visita para a feijoada, a cabrocha me dizia:

– Se eu fosse o senhor, reunia os filhos, participava o noivado.

Vendo-me sério, insistiu:

– É casar, aproveitar o restinho da sustança.

– Ridículo, mulher! Velho não se apaixona!

Ela principiou a rir. Em seguida, – o que muito me agradou – acrescentou: – Onde foi casa sempre é tapera. O senhor tem fogo.

Açulava-me:

– Decida-se, homem. Se demora, perde a mulher.

Era teoria sua de que com o amor não se deve delongar. Rosalinda deveria ser pedida até o fim do ano, pois o namorado andava de beiço torcido por ela, e o rapaz, a transferir-se para o Rio, como dizia, por lá se casaria também. Eu ia ficar só, sem ninguém para cuidar de mim.

– Se não casar, vai bolar dentro de casa. Vi muito velho morrer assim, inútil, sem serventia. Queira isso não!

A tais idéias, aborreci-me. Que pensava ela de meus filhos? Não tivesse o topete de imaginar que o

rapaz e a moça me abandonariam! Os dois tinham sentimentos.

Obstinada, a empregada não se entregava aos argumentos que eu, frouxamente, nomeava.

– Tolice. Vá pensando que não estão procurando ser felizes!

– E por acaso não o são comigo?

– Eu não entendo esse falar difícil, mas o que eu sei mesmo é que um homem, na sua idade, se não aproveita o vigor que ainda tem, enterra-se antes de tempo... Case-se. É o conselho.

Afastou-se pisando forte; ia ver como iam as panelas.

– Inda mais essa! – rosnei.

Mas estava acabrunhado. Não havia pensado que apesar dos anos, não era livre. Pelo contrário, sentia-me preso aos filhos, sujeito às decisões da família. Acontecia comigo – somente nessa hora comecei a ver claro – que na minha idade todo homem depende dos filhos. E eles não tardariam, no meu caso, a cansar-me de mim. Pássaros, quando emplumam, não batem asas, não deixam o ninho?

Levantei-me. Despejei água num copo; bebi-a, sôfrego. O calor caía forte, me inquietava demais. Queria refrescar-me, aliviar-me de pensamentos e dúvidas! Não podia aceitar que, um dia, meus filhos se fossem dali, me condenando a viver com uma empregada que não tinha a menor obrigação de me ser gentil.

Sentei-me outra vez. Uma bruxa, essa Francisca! Não me devia lembrar tais coisas! Como poderia viver sem alguém que não me compreendesse, que me não comprasse os jornais do dia, as revistas, não se recor-

dasse do dia do meu aniversário? Como poderia viver sem afeto?

Acabei de abotoar os punhos da camisa. Passei a escova nos cabelos; consertei-os sobre a calva, que, a todo instante, ameaçava. Estava certo de dizer aos meus filhos que ia casar, que lhes queria dar uma madrasta.

Marcos, ao pé do rádio, acompanhava o futebol da tarde. Rosalinda, entretinha-se a ler, longe das minhas preocupações, quando cheguei à sala, não obstante ter pigarreado duas vezes. Rosalinda simplesmente levantou a vista para me saudar.

– Alô, papai!

– Alô...

– Tomando uma fresca?

– Exato. Está quente, abafado. – Depois de uma pausa: – Vou visitar Raimundinha.

Ela largou a revista. O seu espanto assustou-me:

– Que? Vai outra vez à casa dela?

– Os velhos – comecei a falar – precisam de amizades.

Rosalinda levantou-se e começou a falar, sem parar:

– Os velhos? O senhor? O senhor, papai, não precisa expor-se ao ridículo de procurar mulher. O senhor tem dois filhos queridos que sempre estarão ao seu lado. Não se vive aqui em paz, por acaso? Não somos felizes, em nossa casa, desde que morreu a nossa mãezinha?

Bati o pó da roupa; olhava para baixo, não a queria encarar. Estava desconfiado.

– Não, papai. O senhor não precisa dessa sirigaita!

Marcos baixou o rádio; interveio:

– A mana tem razão, papai. Nós não desejamos madrasta. De modo algum.

– Meu filho, eu não disse que ia casar... Eu...

– Sei, papai. Mas, as coisas começam assim. Tenho pra mim que aquela mulher anda assanhada por homem.

Rosalinda alteou a voz:

– A Raimundinha não é de nada! Conheço-a como a palma da minha mão.

Postou-se diante de mim, as mãos fincadas nos quadris:

– A Raimundinha só falta botar homem dentro de casa. Dizem até que, às noites, passa lá um carro preto e a carrega para passeios nada condizentes com a moral pública.

– Respeitem a senhora. Precisamos honrar as ausências.

Fez-se um silêncio. O locutor gritou de repente, e Marcos acudiu a ouvir o jogo.

Rosalinda, sentando-se no braço da cadeira, parecia vigiar-me, descobrir por que eu estava extratado, se ia mesmo cortejar a vizinha. Senti-me mal ante os dois, como se ambos pudessem ler o que se aninhava no meu pensamento.

Sentado, acabrunhava-me o imprevisto. Os dois, agora, queriam socorrer-me.

Rosalinda dizia-me solícita:

– Desculpe, papai. Não falei por mal. Mas o senhor anda tão estranho esses dias, que desconfiamos desejasse casar...

– Eu, casar?

– Sim, o senhor.

– Estão enganados. Os dois.

– Ora, papai, – começou Marcos – todo mundo sabe que, ultimamente, o senhor tem visitado amiúde a Raimundinha. Os visitantes até vieram advertir-nos que devíamos abrir os olhos, a sabidona queria enrolá-lo.

Não pude conter-me:

– Que têm eles com a minha vida? Por acaso não posso ter amigas? Serei padre?

Rosalinda me agradava, continha-me:

– Olhe o coração, papai. Não se exalte.

– Então, não se pode visitar uma senhora?

– Senhora?

Puseram-se dois a rir.

– Por que estão rindo? Posso saber?

Rosalinda, sem se conter, esclarecia:

– Dizem que ela não é mais nada, pai.

– Mais nada como?

– Explique-lhe, Marcos; você é homem.

Levantei-me. Estava visivelmente aborrecido mas não tanto pela reação de meus filhos. Constrangiam-me as informações que acabava de ouvir sobre Raimundinha. Então, eu amava uma vigarista? Poderia acreditar nesse ridículo disparate?

– Papai, D. Raimundinha... – principiou Marcos.

Interrompi-o:

– Não quero saber mais nada dessa mulher. Entendo. Não vim conversar com vocês a respeito da honra alheia. Se quisesse casar, saberia escolher melhor.

E me pondo calmo, sabe Deus como:

– Sei que destino de velho, como eu, é viver só.

– Não senhor! – protestaram a um só tempo os dois.

Rosalinda segurou-me as mãos, afetuosa:

– Não repita, papai. Estamos do seu lado. Viveremos sempre nesta casa, unidos, sob a lembrança de nossa querida mãezinha.

Sentei-me a me abanar. Fazia um calor tremendo e eu mal podia concatenar os pensamentos.

– Está sentindo alguma coisa? – perguntou Rosalinda, apreensiva.

– Não, não.

Voltei-me então para Marcos, e indaguei:

– Como vai o jogo?

Ele subiu o volume do rádio. Queria que eu escutasse também. A voz do locutor, descrevendo os lances – "a bola é atirada para a frente, entra um homem da defesa, o lateral direto chuta-a com violência..." – meteu-se entre nós. Mal sabiam os dois que eu continuava pensando em Raimundinha, e me considerava, àquela altura, o mais covarde dos homens.

5

Enquanto refletimos sobre um fato desagradável, não o podemos esquecer. Eu não conseguia esquecer aquela desagradável cena. Não é necessário acrescentar que, por conta disso, muito sofri ultimamente. Pretextando dor de cabeça, diariamente demoro-me no quarto o mais que posso. Ninguém, exceto a sem vergonha da empregada, pode supor a contrariedade que me acomete. Meus filhos não querem compreender que há desejos que acodem a homens de minha idade. Não posso negar os meus setenta anos, mas afora as veias puladas, visíveis nas mãos, essa pele

ressequida, meu corpo não está em colapso. Carrego-o a toda parte, disposto ainda, e, vez por outra, nutro desejos pouco convenientes à idade.

Pensando melhor – é o que tenho tentado ver nas últimas horas, – fui imprudente declarando minhas preferências, externando o desejo de casar-me com Raimundinha. Com que então Raimundinha era mulher de hábitos pouco recomendáveis!? Não me haviam escapado a sua maneira de cruzar as pernas nem o seu olhar meio vidrado, os lábios sempre vermelhos, trêmulos.

Agora, começo a admitir que me frustrei, que não me casarei a segunda vez – pelo menos com Raimundinha; dou-me os parabéns por possuir dois filhos de compreensão. Quem sabe se, como tantos viúvos inexperientes que casam sem o detido exame das virtudes da segunda esposa, eu não iria ser vítima da irreverência dos vizinhos? Raimundinha, apesar de cinqüentona, possuía mesmo uma extraordinária reserva de calor...

– A mão, a mão quente!

Balbuciei, sem me sentir, à lembrança dos afagos recebidos. Era carinhosa ela, não havia por que negar! E como se deixava apertar, passivo a todo e qualquer gesto. Afinal, eu me ia garantir-lhe másculo por cinco ou sete anos mais, e nesse espaço de tempo muita coisa desagradável podia acontecer...

– Posso entrar, seu Gegê?

Francisca está à porta. Há dois dias tenta conversar comigo. Vejo-a num pé e noutro, impaciente, a atirar-me olhares inteligentes. Aproveitando a saída de Marcos e Rosalinda, vem-me ao quarto. Nem lhe

respondo, mas a espevitada, sublinhando um interesse despropositado, intromete-se:

– Anime-se, homem! O que aconteceu mesmo?

Sento-me na rede; o cigarro entre os lábios. Devo estar em estado deplorável, solto dentro do pijama listrado, cabelos em desalinho. Instintivamente tento disfarçar a careca, compor a blusa do pijama.

A cabrocha não me dá trégua:

– Vai perder o paquetão?

Ah, para me gozar a desdita veio trazer-me o café e torradas!

– Anime-se, criatura! Abra a janela. Até parece que sofreu uma grande contrariedade! – a balançar as ancas roliças à minha frente. – Mulheres sempre alvoroçam os homens!

E, de chofre, a seguir, voltando-se para mim:

– O que houve, seu Gegê?

Decididamente, vou abrir a boca, enumerar os fatos. Se não o fizer, ela ficará à minha volta, importunando-me com perguntas indiscretas. Então, sob a inspiração que me assalta, como se o meu anjo da guarda se compadecesse de mim, resolvo desnorteá-la:

– Sabe, desisti de casar. Seria indigno esquecer tão ligeiro o amor de minha Beatriz...

Meu Deus – eu ia pensando – como isso lhe há de soar mal.

Ela plantou as mãos nos quadris. Balançou a cabeça, para me confiar:

– Esquecimento tão ligeiro? Que é isso!? Faz mais de cinco anos que a finada se foi!...

– Para mim, Francisca, perdia-a ontem...

– Que ontem, nada! Cinco anos são cinco anos! E o senhor se convença: não pode viver sozinho...

Levantei-me da rede embaraçado pelo pijama que me conferia um aspecto simplório. Já sentado à mesa, rosnei:

– Sozinho? E meus filhos? Não cumpri o meu destino de homem? Que mais quero? Se desejar mulher, vou ao femeiro por aí. Com qualquer dez mil cruzeiros consigo quem se deite comigo.

Francisca parou de derramar o café na xícara. Escutava surpresa, como se houvesse ouvido uma blasfêmia:

– Nossa! Amor não se compra, seu Gegê! Não se zangue, amor mesmo é xodó, essa coisa que dá nas pessoas – ia dizer: que dava nela e que não a deixava largar o seu amásio.

– Não se confie em porcaria de rapariga. Amor é diferente. Não é com dez mil cruzeiros que se pode comprar.

E agora? Que dizer? A minha fisionomia, contraída, não lhe passava despercebida. Aproximou-se de mim, calma. Modificando a voz, dizia-me já em tom de quem consola um meninão metido a sabido:

– Bem, seu Gegê, não se zange. Gosto tanto do senhor! Estou em sua casa há mais de dez anos. Mas lhe digo, filhos são como passarinhos. Emplumados, batem asas. Se o senhor está pensando que eles vão ficar lhe fazendo quarto, toda a vida, engana-se. – E me fitando dentro dos olhos: – Já viu um ninho abandonado?

Irritei-me:

– Lá vem você com asnices! Que ninho?!

– Um ninho.

Limpei o pigarro da garganta. Reunindo as forças que me restavam, imaginei poder vencer-lhe os argu-

mentos que, legítimos, não os queria aceitar, sem mais aquela.

– Meus filhos gostam de mim, muito! E com razão, naturalmente. Se lembra do dia em que Marcos foi atropelado? Beatriz, a coitada, quase morre. Abateu-se. Fiquei ao lado dele, noites e noites. E Rosalinda? Lembram-se de quando teve tifo? Outro aperreio sem fim. Eu gostava de ir à rua, sentar-me na Praça, mas não saí de casa um mês... E há outras coisas, muitas, a relembrar. Nunca fui de abandonar os filhos, a família.

Ia-me a certeza de a ter convencido:

– Dei-lhes tudo até hoje, dinheiro, educação, e um maior sentido de compreensão humana!

Francisca estendeu-me a xícara. Estava aborrecida. Talvez por isso imaginasse algo para me turbar os pensamentos. Depois de um momento, mal julguei-a aquietada, ei-la à réplica:

– Eu sei de tudo isso, mas...

– Mas o quê? Fale.

– O senhor não é feliz. Ninguém pode viver sozinho. Tiro por mim. Pensa que vivo com o soldado porque sou desavergonhada? É não, seu Gegê, é não! Tem uma coisa que empurra a gente para os outros... Quem pode viver sem alguém que nos queira bem?

Recolheu a xícara. Ah, – pensei – a desgraçada me sensibilizava!

De cabeça erguida, sustentando a bandeja, abandonou o quarto. Tive vontade de chamá-la, mas deixei-a ir-se. Na verdade, a mulher estava certa. O homem pode ter trinta filhos ao derredor de si, mas sem esposa, há de ser sempre o que eu era naquele momento, um homem só.

6

O domingo transcorria quente, de sol fervente. Por isso, almoçávamos tarde, a festejar o aniversário de Rosalinda. Bebíamos um *rosé* de minha preferência, e, não obstante advertido para não me exceder, já ultrapassava o terceiro copo, imerso num estado de espírito que me fazia esquecer as contrariedades do mês.

Não sei se à animação, a verdade é que, de repente, Rosalinda cruzou o talher, acudida por uma lembrança:

– Ia esquecendo, gente! Sabem de quem ouvi na igreja os banhos? Adivinhe, Marcos.

O irmão moveu a cabeça num gesto negativo. Ignorava.

– E papai?

Imitei-o, desatento.

Francisca parou à porta. Carregava a verdura que rescendia a azeite português. Da cozinha, escutara as primeiras palavras da moça que consolidava a intempestiva revelação:

– Da Raimundinha!

Ante meu pasmo e de não menor surpresa dos outros, ajuntou:

– Casa-se! E sabem com quem? Com o Rogério, aquele que vende uísque... – baixou a voz – de contrabando.

– O Rogério! – admirou-se Marcos.

– Unem-se dois velhacos! – confirmou a moça.

Um suor frio entrou a escorrer-me pelo corpo. Minha mão tremia tanto que, prudentemente, depositei sobre a mesa o copo de vinho meio bebido. Obra de um instante. E como se precisasse de coragem para

enfrentar a terrível situação, ergui novamente o copo a sorver o resto da bebida, quase falto de ar à gula que me apressava.

Francisca, sem tirar os olhos, ia procurando lugar para depositar o prato. Sem se conter, mas me olhando sempre, disse:

– Podia casar melhor a infeliz!

Ai meu Deus! Não devia ter ido a tanto! Senti que me falava a mim, e, pela primeira vez, ou pela segunda, vi-me sofrendo a dor da ingratidão, do abandono. Ignorava como devia de estar parecendo aos outros àquele instante, mas de verdade não me punha bem, pois Rosalinda, levantando-se, veio saber se eu "necessitava de alguma coisa". Como me conservasse quieto, sem responder, intentou arrebatar-me o copo.

– Bebeu muito. Vai fazer-lhe mal!

Repeli-a, enérgico, despertado pela realidade:

– Ora, minha filha! Que mal faz? Se não posso fazer outras coisas...

Minha intenção era dizer: não posso me casar...

Marcos, com tato, consertava a situação desagradável:

– Papai não se lembra mais de Raimundinha nem de Raimundona! Nunca teve queda por ela. Aposto que se quisesse casar outra vez, saberia escolher mulher realmente digna.

Ah, o rapaz me confortava! Estendi-lhe o braço; apertei-o com entusiasmo.

– Isso! não precisa dizer mais nada! Já falou por todo o domingo!

Aos poucos, recobrava a calma. Mas, no íntimo, só eu sabia quanto aquilo, enfim, me maltratava. Per-

dia assim a única oportunidade de possuir esposa, e com que pernas, e com que seios! Podia ser atirada, como diziam, mas mulher de dar prazer a homem embora setentão como eu...

– Mais costeleta de porco, seu Gegê?

Francisca, à minha frente, me olhava confidente, como se dissesse: "Não lhe falei, velho, que você ia perder o pitéu?"

Para os infernos a costeleta!

Enchei o copo pela quarta vez, o que provocou mais protestos de Rosalinda.

– Não beba mais, papai!

– Um vinhozinho fraco... Se ao menos ou estivesse num bar ou noutro ambiente! Será que não tenho mais liberdade em minha casa?

Marcos olhou para a irmã, irritado:

– Que tem com isso? Papai sabe o que faz. E mudemos de assunto, que essa conversa sobre D. Raimundinha não rende!

O rapaz, enfim, me compreendia. Apanhei a garrafa para me servir outra vez. Rosalinda, com delicadeza, interveio:

– Papai, por favor... Não se exceda. Em sua idade a bebida não lhe vai bem...

– Só mais um gole, querida. Precisa erguer um brinde.

Francisca, encostada à moldura da porta, testemunhava a minha aflição, a irritação de meus filhos. Por Deus, só ela sabia para quem seria o brinde. O nome da vizinha é que, infelizmente, me saiu embrulhado. Eu estava de língua perra...

7

Não pude dormir. Decorreu-me a noite toda de pesadelos, queda em precipício e alucinações, entremeada de despertares súbitos, como se alguém me acordasse de repente. Eu desejava encontrar a face do sono, entregar-me a ela, mas havia uma barreira, espécie de vácuo, sem tamanho, em que me punha suspenso, sem ter em que me agarrar. Quando ia conciliar o sono, surgia Raimundinha que, devendo ser minha segunda esposa, casara-se à tarde, na igreja do Coração de Jesus, com o safado do Rogério.

O dia todo, a continuação do pesadelo. E tudo piorou quando meus filhos retornaram da igreja onde foram vê-la unir-se ao farsante e, com Francisca, principiaram a contar a cerimônia. Falaram de tudo com uma riqueza de detalhes de causar inveja à crônica social.

– O vestido! – diziam – branco e de seda, tão apertado que lhe realçava despudoradamente o busto. Uma vergonha!

Marcos, mais sensato, procurava conter os comentários da irmã que, propositadamente, espicaçava a vizinha.

– Nem tanto, nem tanto. Você é porque gosta de exagerar.

Para Francisca, que me veio ao quarto contar "a verdade verdadeira de tudo" quando meus filhos saíram, Raimundinha estivera como nunca, bonita, apetitosa. Mulher para um homem de bom apetite não se arrepender de se juntar a ela. Primeiro, a grinalda, um amor de arranjo! Depois, a cauda do vestido, os peitos... Que peitos, seu Gegê, até pareciam de artista!

À descrição, arrepiei-me. Embora não desejasse ouvir a reportagem, que se fazia completa, sujeitei-me à maneira de como a empregada narrava os faustos. A tanto, prostrava-me numa angústia sem fim, como alguém que recebe a comunicação de terrível acontecimento que rouba à vida membro da família. Tomei conhecimento de que, após a cerimônia religiosa, seguira-se a recepção em casa da noiva... Não, era demais! Não podia retirar de minha cabeça a idéia do sofá de palhinha, o mesmo sofá onde ela e eu havíamos sacaneado! A bem dizer, aquele sofá se incorporara à minha vida amorosa. Quantas e quantas vezes não o vi, e nele a nós ambos agarradinhos dando cheiros um ao outro? Como que minha mão ainda se conservava quente, metida na dela, e o álbum de recordações sobre as nossas pernas, – como estivera por venturosos minutos – e eu vendo-a ainda, vestida num maiô justo, risonha, sensual...

Tudo agora eram encantos para o lambisgóia do Rogério, um desclassificado que não conseguira nome na vida social. Por certo, ia ver também as fotografias e, de quando em quando, beliscar o corpo de Raimundinha...

Francisca contou mais. Não faltara uísque à festa. No jardim, estavam arrumadas quarenta mesas, repletas todas; em cada uma, do mais legítimo uísque escocês uma garrafa. Champanha houve. Para cada convidado, uma taça de pedrinhas de gelo, como a etiqueta exige para esses momentos de prazer. Ah, os brindes!... O diabo da cabrocha descia aos mínimos detalhes, dizendo que Raimundinha parecia tocada, pois lhe pareceu cair por cima do desembargador

Antero, presente, e que, pelas dez da noite, o falante lhe dirigia gaiatices... Depois, – continuava a repórter – viera o fotógrafo, o mais categorizado da capital, sucederam-se as poses...

– No sofá? – indaguei.

– Que sofá? – admirou-se.

– O da sala, aquele de palhinha...

– Tiraram duas fotografias nele.

Ah, no meu sofá! – dizia-me a mim mesmo, contrariado.

– E que fotografia! – repetiu a empregada. – Os dois revendo um álbum de recordações...

– Álbum? – balbuciei em desespero.

– Sim, num em que ela aparece de maiô, dengosa, vendo as ondas do mar...

Ah, estava ali aperfeiçoada a não mais poder a técnica feminina de maltratar corações! Raimundinha sabia que eu perguntaria à Francisca por tudo aquilo, e requintara-se em espicaçar-me o ciúme, sentando-se no sofá, a rever o álbum, etc., etc. Era de arrasar um homem! Por isso, quando recolhi, já sabia que não ia dormir. Como pelejei! Virava-me de um para outro lado da rede, mas nada! Passei para a cama: pior. Não havia como encontrar a maneira de esquecer o rosto de Raimundinha, as pernas grossinhas dela, rechonchudas, o seu busto farto que, na certa, lhe retesara o vestido de noiva...

Momento houve em que adormeci. Soavam as primeiras horas da madrugada. Sonhei então que, à hora do casamento, Raimundinha renunciava à mão de Rogério e corria para os meus braços, gritando: "Sou tua, Getúlio! Tua, só tua!" Eu abraçava-a, comovido, a

lhe segurar a mãozinha quente, como um passarinho carente de proteção.

Pesava-me a cabeça, de manhã. O desespero ainda aí não me deixara, porque, desgraçadamente, comecei a imaginar que Rogério a essa hora, farto das delícias do amor, estaria dormindo a sono solto. Raimundinha – via-a de pé, metida numa camisola transparente, bordada – devia lamentar que, por conta de tola incompreensão familiar, não se casara eu com ela, seu grande amor!

Corri para o banheiro. Queria abandonar essas idéias disparatadas; não deixar transparecer à Francisca, nem aos meus filhos, que o casamento da vizinha me mortificara tremendamente.

Deixei a água escorrer sobre meu corpo, fria, e, aos poucos, fui-me tomando de agradável sensação. Queria que a água carregasse também, para longe, os pensamentos maus. Por isso, demorei sob o chuveiro, até que alguém veio bater à porta, alertando-me:

– Se demorar mais, fica resfriado.

Inexplicavelmente, principiei a espirrar.

Alguns meses haviam-se passado desde o casamento de Raimundinha e já estávamos chegando ao final do ano. Marcos, em virtude da capacidade de trabalho e habilitação – destacada pela chefia da empresa – fora convidado para servir na matriz, no Rio de Janeiro, onde ocuparia cargo de relevo, o de inspetor geral. Com vantagens, naturalmente, inclusive no perceber mais, por mês, afora pingues gratificações que variavam com os resultados gerais da organização.

Para comunicar-me, de maneira solene nos reuniu na sala. Rosalinda sentou-se no sofá; ao meu lado

ficou o mano Fabrício – este há anos não aparecia em nossa casa, e viera agora para ajudar o conselho de família a achar a solução para o caso do filho que ia abandonar o pai.

Mal acabara o rapaz de explicar as vantagens do cargo, já me apressava eu em dizer-lhe que, se quisesse mesmo ir para o Sul, contasse, desde logo, com a minha aquiescência. Eu compreendia os fatos.

Era como se lhe dissesse: "Não sou você, que na hora mais importante da minha vida, não me entendeu, e eu perdi a Raimundinha".

Marcos empolgava-se com ir morar no Rio, via-se. E Fabrício, como imaginei, viera somente dizer-me que Rosalinda e Francisca cuidariam de mim, pelo que não devia recear.

Recear o quê? Eu me perguntava, enjoado de tudo aquilo, do fungado do homem, que respirava com dificuldade como se estivesse para ter um ataque de asma.

– Claro! – dizia-lhe. – Desejo que o rapaz progrida, consiga posição, importância. Afinal, cada um tem um destino a cumprir na vida...

Meu filho – era falso nas declarações que fazia? – continuava, em voz sensibilizada, trêmulo, a dizer-me:

– Compreenda, papai! É doloroso deixá-lo. Eu até havia combinado com Rosalinda não me ausentar de Fortaleza, deixando-o. Desde a morte de mamãe, sentimos que o senhor precisa de amparo, de compreensão...

Rosalinda interveio:

– Oh, Marcos! Não relembre...

Principiou a chorar. Fabrício tomou a palavra:

– Tenham calma. Não se resolve nada se as coisas vão postas em termos de tragédia.

– Mas tio, mamãe pediu-nos que por nada no mundo abandonássemos papai!

– Quem falou que vocês o estão abandonando? Por acaso ir para o Rio de Janeiro significa isso?

Ah, cretino! – pensei, vendo-o falar, de repente, e tão desembaraçado, como se nunca houvesse sofrido de asma. Dizia aquilo o homem, meio feliz, certamente porque os filhos o tinham deixado há tempo...

Como não houvesse outra coisa a obstar, simplesmente acudi:

– É tolice, mesmo! Estamos complicando tudo!

Marcos veio postar-se diante de mim. A viagem ao Sul dependia somente de minha resposta. Se não consentisse, ele não arredaria os pés do Ceará.

– Vá, meu filho. Graças a Deus ainda estou forte.

– Isso, e como é forte! – repetiu Fabrício. – É aproveitar a oportunidade, agora, que a vida não nos dá chance todos os dias...

Exato, – pensei novamente comigo mesmo – e são raras as Raimundinhas...

– Eu vou mesmo, papai?

– Vá. Por que ficar?

Ao lhe falar assim, senti que usava uma coragem que não me pertencia. – Vá, meu filho. Considero-me feliz, vendo-o destacar-se na vida.

Fabrício tomou a frente dos dois:

– Arranja-se tudo como Deus é servido. Nada, portanto, de contrariedades. – Dirigia-se a ambos – não lhes dizia? Gêgê tem o coração largo, generoso. Sabe que está no fim da vida... – Ah, filho de uma mãe! – já lhe colheu os frutos.

Encarou-me:

– Não é, Gêgê? A vez agora é dos filhos.

Movi a cabeça, anuindo. Que mais podia fazer àquele momento? Confirmava-se assim que o homem, depois dos setenta, começa a se tornar pesado fardo para os seus familiares...

Marcos veio abraçar-me. Exultava. Fabrício, açulando Francisca, dizia:

– Anda, negra! Um cafezinho gostoso, quente, para a comemoração!

9

Estou definhando. Sinto-me solto dentro da roupa. No mínimo, nesses últimos tempos, emagreci quatro quilos. As cuecas, abotoadas antes com dificuldades, estão largas, frouxas. Rosalinda anda impressionada com o meu estado de saúde. Comentando-me a magreza, diagnosticou ser saudade de Marcos... Eu decaíra, logo que o rapaz se fora.

Não seria esta a razão. Ultimamente, sobreveio-me desagradável inapetência. Perdi o prazer à hora das refeições, aquela alegria do tempo em que me apaixonei por Raimundinha, foi-se também...

Ah, Raimundinha! Sempre que me refiro a esse nome, encho-me de acerbidade. Não sei que visgo me pregou, mas não posso esquecê-la. Dia e noite, sinto-a perto de mim. Não saí mais de casa, convenhamos, para evitar um encontro que poderia ser desastroso. Afinal, há coração para o amor e outros para enfartes.

Nesse dia, cheio todo de um claro sol de agosto, resolvi respirar um pouco de ar, espairecer. Deixei o

quarto logo que Rosalinda saiu para a Escola Normal; queria o café à mesa, e isso não estava mais nos meus hábitos.

Francisca recebeu-me admirada:

– Temos novidade! Mais de ano que o senhor não vinha à mesa. Queijo?

– Estou morto de fome. Amanheci disposto, hoje.

– Foi a carta de Marcos?

– Carta? Que carta?

A empregada firmou as mãos nos quadris:

– Espere!? D. Rosalinda não mostrou?

Neguei. Não a tinha visto...

Francisca continuou: – Chegou carta, extensa, dizendo que o senhor Marcos noivou no Rio...

– Quem é a felizarda?

– Aquela sardenta, filha do desembargador. Não lhe contaram ainda?

– Não me lembro...

– Se lembre.

– Creia-me, não me disseram nada.

– Pois é. – Baixando a voz, tornando-se acumpliciada: – Não queriam que soubesse, temendo o abalo... Estão achando que o senhor está sofrendo...

– Sofrendo de quê?

Ela apontou à altura do busto.

– Do peito?

– Que peito! – enfarou-se – o coração.

– Ah, isso não! É mentira. Eu ando mesmo é com vontade de...

Vontade de quê?

– Não se entregue, seu Gêgê! Na velhice é que a vida pesa.

Retirou-se para trazer o bule do café. Fiquei olhando a toalha, repetindo para mim mesmo: "uma carta... uma carta..."

Não notei quando a empregada retornou para servir-me.

– Não se entregue. – repetia-me.

– Você tem razão.

– Se eu fosse o senhor, dava uma "errada" por aí...

Admirei-me: – Errada? Você não achava o femeiro indigno?

– Tudo tem hora, entenda! Ficar assim, não pode. Homem tem que andar. Se não anda, faz sombra no lugar.

– Ora, não me venha com essas sugestões! – repeli.

– Não falei por mal.

– Sei, mas não fica bem.

Passei o guardanapo nos lábios. Levantei-me.

– Hoje estou melhor. Vou tomar um pouco de ar, ver o sol de perto.

– Cobra que não anda engole o caçote.

Ri-me do disparate. Saí para a sala-de-visita.

Fui à janela. Abri as venezianas; me debrucei sobre a rua. Passavam desconhecidos; um caminhão descarregava gás na casa vizinha. As fisionomias estranhas que iam ali talvez tivessem os mesmos problemas que me afligiam... Pensando assim, eu olhava, como se nada visse, mas de repente, estremeci.

Se houvesse sob os meus pés um buraco, ter-me-ia afundado para nunca mais subir. Era ela! Veio vindo. Pisava forte, enorme, cheia de vida. De olhos pregados nela – e na barriga de quase seis meses – não me pude mover do lugar. Vi-a aproximar-se de mim vagarosamente, muito senhora de si. Ultrapas-

sou minha casa, cumprimentando-me, séria, qual dama ilustre.

– Bom dia, sr. Getúlio.

Tive vontade de dizer: – bom dia, sua galinha! Mas quando abri a boca, a mulher se fora. De verdade, já não possuía aquele talhe robusto que me agradava; a barriga havia-lhe provocado alterações substanciais. O bandido do Rogério se regalara bem! Tinha-se aproveitado das enxúndias, e bem! Ia ali a prova, um filho... Um filho que devia ter sido meu, gerado do meu amor, do meu vigor sexual!

Bati o postigo. Pela primeira vez, depois de muito tempo, desabafei-me numa dúzia de palavrões. Quando parei, opresso, Francisquinha estava no corredor, aturdida. Parecia dizer-me:

– Que homem louco! Que vergonha!

Como se tantas provações não me bastassem, outras me sobrevieram no decorrer do ano. Ninguém queria saber por que definhava. Para Rosalinda, minha magreza decorria de birra ao tempero de Francisca. E a mulher, querendo agradar-me, diariamente punha-se a modificar tudo. Até o óleo de cozinha, de milho, foi trocado pelo de amendoim. Nada aguçava o meu apetite.

Eu simplesmente dizia:

– Perdi o gosto, o paladar.

Época horrível, essa. Deram-me a beber meizinhas, chá de cebola, conselho de Fabrício, que, vez por outra, vinha testemunhar o meu estado de saúde.

– O papai se acaba! – vexava-se Rosalinda. Atribuía a Francisca, às vezes, o meu decesso. E se comêssemos de marmita? Havia uma dona de pensão,

mestra no tempero. Fez-se a experiência, mas o resultado não foi encorajador.

Chamaram o Dr. Totonho para me ver. Escolheram-no por conhecer meu organismo. Pegou-me o pulso, pediu-me que lhe estirasse a língua, – o que lhe fiz a gosto – e depois auscultou-me cuidadosamente. Concluído o exame, Totonho foi impiedoso:

– Você está um palito, homem!

– Estou mal? – indaguei aflito.

– Que mal! Você não tem nada. Acho que devia sair desse quarto. – Depois de uma pausa: – Vai sempre à rua? Anda? Faz exercício?

Eu não andava – disse-lhe. Não ia a parte alguma. Totonho admirou-se;

– Então é o que o acaba. Ninguém pode viver anichado o tempo todo, sem sol, sem ar. Aposto que se sair à calçada, pelo menos, melhora. A fome volta.

– Você acha?

– Acho. O coração está forte. O pulso, correto.

Balançou a cabeça, vagarosamente:

– Você é um doente esquisito.

Já à porta, deteve-se apreensivo:

– Diga-me, sofre de esquecimento? Tem omissões de fatos, de nomes de pessoas?

– Tem o quê?

– Omissões.. Isto é, de repente fica assim como se esquecesse de tudo?

Zanguei-me. Não se fizesse de tolo! Eu não estava em idade de caducar! Um esquecimento vez ou outra não queria dizer nada! Não era?

Era, confirmou o médico. Eu entendera mal, assegurou-me de voz aflautada, chiada entre os dentes. E assim se foi, a me recomendar repetidas vezes:

– Tome ar, novo ar! Nada de se enfurnar!

Ao outro dia, fui à calçada. Andei de um para o outro lado da rua, tomando os ditos ares. Os amigos queriam saber:

– Esteve doente? Puxa, tão magro!

À medida do possível, reprimia o azedume que me acudia ao explicar que estava apenas sem apetite. Ninguém acreditava. Diziam-me: – Vá ver, é ameba! Não será distonia? O merceeiro da esquina recomendou-me tutano de boi. – Tem sustança, homem! Levanta cadáver!

Argüía a favor da receita:

– Mande pôr ao feijão o tutano de um osso de corredor... E beba o caldo que ficar, o mais gordo!... Na nossa idade – ele devia ter uns cinqüenta anos e me dizia aquilo para me agradar – precisamos repor as energias...

Francisca, desde então, só temperava o feijão com a gordura dos ossos...

Acho que melhorei. As faces me engrossaram; fiquei mais dono de mim mesmo. Se continuasse assim, dentro de um mês, recuperaria os quilos perdidos.

Entretanto, o homem propõe, Deus dispõe. No caso presente, quem dispôs foi Rosalinda. Estávamos ao final do almoço quando, a título de pilhéria, deu-me a nova:

– Papai já soube? A Raimundinha teve um filho.

– Hem? – atarantei.

– Um menino de quase cinco quilos!

Meu desconsolo foi infinito. Vendo-me prostrado, Rosalinda consertava:

– Feio, menino horrível! A cara do Rogério.

Não aguardei o café. Quando Francisca veio servi-lo, havia-me retirado para o quarto, pretextando sono. Larguei-me na cama, ferido mesmo como nunca à má notícia. Um filho, um homem! Eu é que devia ser o pai daquele menino! Agora, estaria olhando a criança, tendo-a nos braços, a dizer para todos: olhem como um homem de idade ainda pode gerar um meninão de cinco quilos! Binga de tutano! Tutano uma ova! Era de mulher, de ventre aconchegante que eu precisava para poder também ser pai!

Que entendia um contrabandista, vendedor de uísque de péssima qualidade, dos segredos da infância? Ia ver que nem sabia ao menos segurar filho! E Raimundinha? Como não ia sofrer, agora, sem ter ao lado um homem experimentado! Ah, numa hora dessa, eu mostrava como compreender esposa recém-saída da maternidade!

Comigo – repetia baixinho – seria diferente. Há vantagem nos viúvos, homens experimentados, que passaram pelos segredos da maternidade. Eu saberia tratá-la e respeitá-la. "Minha filha, que tal uma canjinha de galinha? Quer maçã? Prefere pêra?" Beatriz sempre me gabara às colegas, proclamando-me as virtudes de marido fiel, cumpridor dos deveres domésticos...

Um filho! E para escárnio, de cinco quilos!

10

Um dia, não me podendo conter, chamei Francisca ao quarto. Queria conversar com ela em particular.

A empregada ficou à porta, indecisa.

– Entre. Deixe de cerimônia. Para que esse acanhamento?

Ela entrou. Parou no meio da sala, sentia-se desamparada.

– Tem aí uma cadeira.

Houve uma pausa até que se sentasse. A mulher me vigiava – vi-lhe os olhos grandes, admirados e em expectativa – e eu não sabia como nem por onde começar. De verdade, só agora começava a me arrepender de tê-la ali, diante de mim, porque o que lhe ia consultar talvez fosse "doidice". Afinal, se me metera na embrulhada, era agüentar as conseqüências...

– Olhe, – principiei sem pressa – você acha... – E de repente, como quem larga uma impropriedade, completei – que um homem, na minha idade, poderia fazer um filho de cinco quilos?

Francisca arregalou os olhos. Não que se julgasse puritana, pois a safada dormia nua com o amante; estranhou possivelmente que eu andasse impressionado ainda com o assunto.

– Fazer como, seu Gêgê?

– Fazer fazendo! Como é que homem e mulher geram filhos?

Ela calou-se por um instante. Baixou a vista. A rigor, no íntimo do seu ser, buscava uma resposta. Ajuizava, naturalmente, as minhas condições físicas. Antes da fase da magreza, da falta de apetite... Agora, talvez, mesmo com a recuperação de peso, já não descobrisse em mim as possibilidades anteriores...

– Fale, mulher!

– Estou pensando.

– Não tem o que pensar! Então, você acha que eu não sou mais homem?

– Deus me livre!

– Pois é! Então, é falar francamente, dizer toda a verdade, clara, como deve ser a própria verdade,

Onde eu lera essa frase?

Francisca levantou-se. Veio postar-se ao meu lado, procurando-me contemplar. Sentia-a pegar-me pelos ombros, carinhosa, disposta a consolar-me.

– Acalme-se. Quem sabe se o senhor não achará outra esposa? Não existe apenas uma Raimundinha no mundo.

E mais agradável:

– Pra mim o senhor é um homem completo.

Deixei-me arriar sobre a cama. Não sei que tempo ela demorou no quarto. Quando dei cobro de mim, estava só. Ah, quão doloroso é confessar: chorei. Agora, eu podia calcular meu desgaste físico...

Desiludido, fui sentar-me no corredor, reler o jornal do dia anterior. Cansado, deitei a folha sobre os joelhos. Recostado na espreguiçadeira, me entreguei aos pensamentos. Não me podia subtrair aos acontecimentos dos últimos dias, à carta de Marcos, a anunciar-me o casamento próximo. O rapaz não voltaria para Fortaleza. Era de se prever o que me aconteceria daí por diante. Mulher de outra terra, a esposa não haveria de deixar a metrópole para viver numa cidadezinha ainda província...

Não sei se dormi. De vez em quando, agora, fico assim, em dúvida. E os minutos, vou-os passando, ora na espreguiçadeira, ora no sofá, num repouso de gato velho de estimação. Talvez esse dia houvesse me excedido no jantar e uma perturbação truncasse a digestão.

Saindo de uma soneca dessas, escutei vozes na sala, por trás de mim. Apurei o ouvido. Rosalinda discutia com o noivo. Seria melhor talvez inverter o julgamento. A rapagão, trigueiro e expedito, é que desejava demovê-la de certas idéias.

E eu era o pivô da discussão!

Ele repetia:

– Quantos anos faz que estamos noivos? Mais de dois, não é?

– Mas não pode ser assim. Papai...– baixou a voz – está mais velho do que pensa, e precisa de alguém que o ajude...

– Lembre-se. – A voz do rapaz quase se sumiu: – Ela já teve mocidade, já desfrutou o bastante.

– Rosalinda amuou-se:

– Que quer dizer com isso?

Houve um silêncio. Por certo ele tomava a mão dela nas suas, afagava-a. Depois, disse: – É preciso raciocinar, querida. O sr. Getúlio não se incomodará com isso. Se se sentisse só, como você alega, teria se casado com a Raimundinha. Não quis. Já se acostumou com a solidão.

Voltou, comprido, o silêncio. Apurei o ouvido; queria ouvir, mas me chegava apenas um balbucio intraduzível. Daí a pouco, voltaram claras as palavras.

– Vamos convidar tio Fabrício para ver como aconselha. Tem-nos ajudado a decidir todos os nossos problemas.

– Não há necessidade dele.

– Então, você não vê que não é fácil abandonar papai?

– Abandonar seu pai? Quem está dizendo tal? Você o visitará vez por outra! Ora!

– Mas quem ficará morando com ele? Quem?

– Francisca!

Por pouco não me contive. Veio-me a vontade de elevar a voz, raivoso, e dizer que era desaforo atribuírem-me a companhia de uma empregada, mulher de vida irregular, amásia de soldado.

– Francisca conhece-lhe os gostos, os pratos que prefere... Nós viremos visitá-lo, vez por outra. Daremos o dobro do ordenado à cabrocha.

Mais adiante, tudo decidido:

– Resolve-se claramente quando se pensa mais. E vamos nós, jovens, gozar a vida, viver nossos dias... E noites de amor.

Beijavam-se, pois ficou apenas um sussurro alternado por um respirar descompassado.

De repente, como Rosalinda se lembrasse que eu estava na cadeira, levantou-se para ver-me. Fechei os olhos, fingi dormir.

Ela veio até perto de mim – ouvi-lhe as pisadas, de leve. Depois se afastou; falava baixo ao noivo:

– Papai está aí. Se o tiver ouvido, não ficará contente.

– Tolice! Quando um homem chega à idade de seu pai, enforca os sonhos... Não liga mais nada. O próprio organismo esmorece, perde os apetites... Fosse diferente, como suportaríamos a velhice?

Ela aquiesceu, e logo ele convidou-a para o cinema.

– Amanhã combinaremos o resto.

Rosalinda voltou novamente a espiar-me. Com delicadeza, tocou-me o ombro.

– Papai, acorde!

Vendo-me abrir os olhos:

– Nós vamos dar uma saidinha, viu?

11

Não é desejo meu enfastiar os que me lerão um dia, contando como transcorreu a famosa reunião do conselho de família com o Fabrício à cabeceira da mesa do jantar, a dar palpites e a arriscar fórmulas como um patriarca bebido em muita experiência. A vontade que tive, esse dia, logo de entrada, foi dizer-lhe umas verdades. Qual, Fabrício, meu mano, você é um salafrário! Não pode dispor de minha vida, de minhas emoções, por simples observação pessoal. Mas retraí-me a esses impulsos. Afinal, aos setenta e poucos anos, eu não tinha o direito de ser grosseiro.

A reunião durou pouco, porque preferi cortar a explanação melosa e arrastada de Fabrício – a explicar como "os velhos deveriam compreender as aspirações dos jovens, principalmente quando uma força maior, como a do amor, impelia-os para o matrimônio", instalando-o a resumir os fatos.

Em cinco minutos, se tanto, tínhamos combinado tudo. Nada acontecera diferente do que eu ouvira na espreguiçadeira. Rosalinda ia casar-se. Como toda moça – era novamente o Fabrício, na figura de alcoviteiro, a explicar – desejava ter o próprio "ninho de amor", casa para cuidar.

Evidente que Rosalinda não ia ficar morando comigo. Depois disso, continuou Fabrício num fraseado inócuo, a impingir-me Francisca – a essa altura da conversa, a cabrocha apareceu à porta, curiosa – como meu anjo da guarda! Ninguém se lembrava que, repetidas vezes, havia sido desejo da família despachá-la de casa em virtude das constantes vigarices que fazia,

subtraindo-me dinheiro ou desviando objetos e gêneros da despensa. Francisca, no entanto, aparecia agora como pessoa de absoluta confiança – e ela referiu Fabrício – "mulher de bons costumes, que desejava continuar como minha fiel e atenta servidora". Chamaram-na para diante de mim.

A empregada mexia os olhos, satisfeita por poder penetrar ainda mais nos segredos da minha existência. Fingindo-se indecisa, escondia-se no receio de que não me agradasse da idéia.

– Tolice, Francisca. Você me serve – disse-lhe.

Fabrício alegrou-se à minha aprovação. Rosalinda veio beijar-me na testa, satisfeitíssima. O noivo, imitando-a, atirou-se aos meus braços e, se mal escutei, chamou-me de pai.

– Ah, somos todos felizes! – diziam todos.

Nada tendo a acrescentar, mas sentindo que precisava falar alguma coisa, indaguei:

– Quando será o casamento?

– No próximo mês, papai!

Assim foi. No mês seguinte casaram-se os dois. O casamento esteve para ocorrer em nossa casa, pôs eu andava ameaçado de dores reumáticas, os quadris doloridos, e o médico não me queria permitir ir à igreja. Afinal, melhorei. Não digo que não experimentei alegria ao ver minha filha unir-se àquele homem! Isso não! A festa foi bonita. Quando voltamos para casa, mandei servir aos amigos champanha, guaraná e bebidas espirituosas, enquanto se aguardava a hora de comer o peru que Francisca preparara, caprichosamente.

12

Ainda havia convidados pela casa, os vizinhos do lado, dois ou três familiares vindo de São Gerardo e do Benfica, quando o casalzinho abalou. Ao rarearem as bebidas, fui-me cansando de servir aos retardatários, e a alegria tendeu a diminuir. Os parentes, alegando a distâncias de suas moradas, o adiantado da hora, despediram-se afinal. O relógio do corredor, ao soar as onze horas, não o fazia mais para estranhos. Francisca, no interior da casa, estalejava a água da pia sobre as panelas, apressada. Até então, eu não previra ficar só, que logo mais estaria experimentando a sensação dolorosa de isolamento...

Não tardou a empregada despedir-se também, atroando os sapatos de saltos de ferro, pelo corredor, a recender o barato perfume que me irritava. Anunciou-me:

– Está tudo em ordem na cozinha, seu Gêgê. Vou indo também, meu homem me espera.

Que lhe dizer? Que não saísse? Que ficasse para dormir comigo, por ser necessário alguém para arrumar a casa, recolocar os móveis nos lugares, verificar as janelas, se estavam ou não cerradas corretamente?

Enquanto me metia nesse pensar, a mulher alcançou a porta, e de lá, num riso que resplandecia o dente de ouro:

– Volto cedo para o café. Tchau!

A porta fechou-se sobre ela. Com o clic! do trinco, compreendi que passava a ser homem sem família, o que quer dizer, sem mulher, sem filhos, sem amante, sem nenhum bicho de estimação por perto. A vida é

assim, – considerei. Repetia-se em mim o ciclo normal de toda família, em que os velhos restam estocados, à margem da vida.

Fui à mesa; ansiava por uma bebida forte, capaz de me reanimar. Necessitava erguer o espírito, sufocar o ridículo da rebelião sentimental que me nascia insidiosa, cruel. Acho que murmurava: "Besteira, velho... Besteira".

Servi-me de rum; tomei-o puro, aos goles, esquentando a garganta e o peito. Sentindo-me reconfortado, fui sentar-me à mesa, a contemplar copos e garrafas, os restos de peru, que desprendiam odor característico, os pastéis, os caroços de azeitonas... Que horas soavam já? Erguei os olhos, a ver que eram onze e meia. Lá fora, filtrando-se pelas venezianas da porta, entrava o ruído da rua pré-adormecida. Um ou outro automóvel, de quando em quando, chiava os pneus sobre o asfalto. De quem seria a voz de embriagado a cantar na esquina; do Amâncio?

Levantei-me. Afinal, iam-se os anéis, restavam os dedos. Eu estava ainda em minha própria casa; não dependia de ninguém. Àquela hora, podia desfazer-me da roupa, da quente e aborrecida roupa de caxemira... "Papai, tem de vestir a roupa melhor. A de caxemira. Mas cuidado para não ficar de braguilha aberta na frente das visitas!" Binga de braguilha aberta! Só, só, em liberdade, estava eu agora, sem filhos, sem mulher, sem empregadas, e de cuecas! Sim, ia ficar de cuecas, andar como nos idos da mocidade, ao tempo de estudante da escola de D. Sinhá Justa. Reparando bem, o homem viera primeiro. Só muito depois Deus lhe mandara uma companheira.

Cresceu-me a vontade de andar pela casa, seminu. Desfiz-me da roupa. De cuecas, com as pernas de fora, eu ganhava momentos de intimidade. Nenhuma voz surgiria naquele silêncio para contrariar meus gestos, as minhas atitudes. Livrara-me, àquele instante, de todos os conselhos que sempre me fizeram a propósito disso e daquilo, da gordura que era demais, do cigarro que não devia fumar... "Não beba mais cerveja, homem!" – "Este vinho vai fazer-lhe mal!" – "Pra que tanto café? Só para fumar?"

Comecei a andar; fui aos quartos, desloquei-me até a copa; parei na cozinha, a contemplar as panelas emborcadas. Saí ao quintal. Arriava-se sobre plantas e bichos uma noite tépida, de quase nenhum vento, agradável de se querer. Havia estrelas. E, por um momento, tentei identificar a posição do Cruzeiro do Sul. Estaria ele por trás da copa da mangueira? E os passarinhos? Quietos, nas gaiolas, estavam alheios às víboras; dormitavam todos.

Verti a água no pé do muro, a vagar; sem recear que me surpreendesse alguém e, em seguida, contive a vontade safada de banhar-me na bomba do catavento, que, rangendo, apostava estridências com o leque de metal, plantado no alto, a girar lento.

Seria aquela constelação o Cruzeiro?

Voltei sobre meus próprios passos em direção à casa. Tomei pelo alpendre; aprofundei-me na sala de jantar silenciosa. Cansado, a respiração difícil, larguei-me outra vez numa cadeira. A calma da noite, entrando atrás de mim, remexeu papéis no armário, agitou as franjas da cortina da janela.

– Rosalinda, faz um cafezinho pra mim...

Ninguém se mexeu. Alteei a voz: – Rosalinda...

Depois de um instante, esperei que minha filha atendesse, como das vezes anteriores: "Que é, papai? Está sentindo alguma coisa?"

A casa continuou sob profundo silêncio.

Estirei as pernas sobre o banco. Queria fugir à idéia de que meus filhos me haviam abandonado; sentir-me, agora, conscientemente só, como estava, dono de minha existência, podendo ir e vir para qualquer lado, a escapo de recomendações familiares. Entretanto, fraquejava. De qualquer forma é horrível estar só, e um homem não pode viver assim, principalmente depois de ter tantos ao seu lado.

Começo a pensar tolice, sei. Um velho não é um terno surrado, imprestável, largado ao mofo e às traças! Cada pessoa tem a sua vida, e eu tenho a que Deus me deu. Rosalinda é feliz ao lado do esposo jovem. Francisca, se alcançou o ônibus, estará chegando em casa para encontrar o seu soldado... E Marcos? Em que se ocuparia agora o rapaz?

Remexo-me na cadeira. De repente, dou em contemplar minhas pernas, as varizes que se estufam sob a pele flácida. E noto as veias azuladas das mãos, como se quiseram saltar. Mal compreendo por que ainda funcionam e por qual merecimento continuo vivo.

Levanto-me aborrecido com esse cismar tristonho. Vou direto ao quarto, chupando a fumaça do cigarro. É duro aceitar a presente situação. Afinal, por que não se inventa uma sociedade beneficente para cuidar dos que ficam sós? Por quê?

Diante do espelho, deparo o meu ridículo, as minhas pernas finas saindo das cuecas. Meu Deus, onde

perdi os peitos? Que pele é uma que faz essa dobra na barriga?

Passo a mão pelo cabelo ralo, em desalinho sobre as orelhas, a me conferir um ar assombrado. Não posso acreditar que na lâmina do vidro esteja refletido o sr. Getúlio Amado da Fonseca, funcionário público aposentado, pai de dois filhos, viúvo, eleitor, etc., etc. Sou alguém, decididamente alguém, que morrendo agora já não deixará senão alívio aos outros.

Acode-me a vontade de pedir fogo para o cigarro que apagou; de comunicar-me com meu filho, saber de Rosalinda se o lençol da cama está limpo, se o remédio contra distonia encontrarei no lugar de sempre. Ao redor de mim os retratos de meus avós, pendurados na parede, concluem silenciosos a conspiração do isolamento em que a vida me sacudiu.

É enorme, em mim, a necessidade de transmitir-me. Por que vão-se os filhos quando mais deles precisam os pais? Por que, ao menos, não ficou comigo o rapaz para me servir? Será que não tem coração? Que não compreende que estou no fim da vida?

Procuro a cama, trêmulo, sofrido. Deito-me, a imaginar que estou querendo ser egoísta. Já vivi, tento consolar-me. Agora é a vez de Marcos, de Rosalinda, de Fabrício, de Francisca... Eu já passei, repito.

Aninho-me; procuro melhor posição como um gato dentro da bica.